adolfo bioy casares

PLANO DE EVASÃO

37

LIVRO . B

ADOLFO BIOY CASARES

PLANO DE EVASÃO

EDITORIAL ESTAMPA

Título do original

Plan de Evasion

Tradução de
António Sabler

Capa de
Alda Rosa

A SILVINA OCAMPO

Whilst my Physitians by their love are growne
Cosmographters, and I their Mapp...

John Donne, Hymne to God my God, in my Sickness.

I

27 DE JANEIRO
22 DE FEVEREIRO

Ainda não acabou a primeira tarde nestas ilhas e já vi algo tão grave que tenho de pedir-te socorro, directamente, sem nenhuma delicadeza. Tentarei explicar-me com ordem.

Este é o primeiro parágrafo da primeira carta de meu sobrinho, o tenente de marinha Henrique Nevers. Entre os amigos e os parentes não faltará quem diga que as suas inauditas e pavorosas aventuras parecem justificar esse tom de alarme, mas que eles, «os íntimos», sabem que a verdadeira justificação está no seu carácter pusilânime. Eu encontro naquele parágrafo a proporção de verdade e erro a que podem aspirar as melhores profecias; não creio, aliás, que seja justo definir Nevers como cobarde. É certo que ele mesmo reconheceu que era um herói totalmente inadequado às catástrofes que lhe ocorriam. Convém não esquecer quais eram as suas verdadeiras preocupações, nem tampouco o extraordinário daquelas catástrofes.

Desde o dia em que parti de Saint-Martin, até hoje, incontidamente, como em delírio, tenho pensado em Irene, diz Nevers com a sua habitual falta de pudor, e continua:

Também tenho pensado nos amigos, nas noites conversadas em algum café da rua Vau-

ban, entre espelhos obscuros e na margem ilusória da metafísica. Penso na vida que deixei e não sei a quem detestar mais, se a Pierre ou a mim.

Pierre é o meu irmão mais velho; como chefe da família, decidiu o afastamento de Henrique; que lhe caiba toda a **responsabilidade.**

Aos 27 de Janeiro de 1913 o meu sobrinho embarcou no **Nicolas Baudin,** rumo a Cayenne. Os melhores momentos da viagem passou-os ele com os livros de Júlio Verne, ou com um livro de medicina, **As doenças tropicais ao alcance de todos,** ou escrevendo os seus **Adenda à Monografia sobre os juízos de Oléron;** os mais ridículos, fugindo às conversas sobre política ou sobre a próxima guerra, conversas que depois lamentou não ouvir. No porão viajavam uns quarenta deportados; **segundo confissão própria, imaginava de noite** (primeiro como um conto para esquecer o terrível destino; depois, involuntariamente, com insistência quase molesta) descer ao porão, amotiná-los. **Na colónia não há perigo de recair nessas imaginações,** declara. Confundido pelo espanto de viver numa prisão, não distinguia: os guardas, os presos, os libertos: tudo o repelia.

A 18 de Fevereiro desembarcou em Cayenne. Recebeu-o o adjunto Legrain, um homem andrajoso, **uma espécie de barbeiro de campanha, com cabelo ruivo crespo e olhos celestes.** Nevers perguntou-lhe pelo governador.

— Está nas **ilhas.**

— Vamos vê-lo.

— Está bem — disse suavemente Legrain. Dá tempo de chegarmos ao palácio, tomar alguma coisa e descansar. Até que saia o **Schelcher,** não pode ir.

— Quando sai?

— A 22.

Faltavam quatro dias.

Subiram para uma vitória desfeita, fechada, escura. Esforçadamente Nevers contemplou a cidade. A gente eram negros, ou brancos amarelentos, com blusas demasiado amplas e com largos chapéus de palha; ou os presos, raiados de vermelho e branco. As casas eram umas casotas de madeira, de cor ocre, ou rosada, ou verde garrafa, ou azul celeste. Não havia pavimento; por vezes envolvia-os uma ténue poeira avermelhada. Nevers escreve: **O modesto palácio do governo deve a sua fama a ter piso superior e às madeiras do país, duráveis como a pedra, que os jesuítas empregaram na construção. Os insectos perfuradores e a humanidade começam a apodrecê-lo.**

Esses dias que passou na capital do presídio pareceram-lhe **uma temporada no inferno.** Cismava com a sua fraqueza, no momento em que, para evitar discussões, consentira em ir até Cayenne, em afastar-se por um ano da sua prometida. Temia tudo: desde a enfermidade, o acidente, a negligência nas suas funções a protelar ou impedir o regresso, até **uma inconcebível traição de Irene.** Imaginou que estava condenado a essas calamidades por ter permitido, sem resistência, que dispusessem do seu destino. Entre presidiários, libertos e carcereiros, considerava-se um presidiário.

Na véspera de partir para as ilhas, uns certos Frinziné convidaram-no para jantar. Perguntou a Legrain se podia escusar-se. Legrain disse que eram pessoas «muito sólidas» e que não convinha malquistá-las. Acrescentou:

— Aliás, já estão pelo seu lado. O governador ofendeu a toda a boa sociedade de Cayenne. É um anarquista.

Busquei uma resposta desdenhosa, brilhante, escreve Nevers. **Como não a encontrei de seguida, tive que agradecer o conselho, entrar**

nessa política pérfida e ser acolhido às nove em ponto pelos Frinziné.

Muito antes começou a preparar-se. Levado pelo receio que o interrogassem, ou talvez por um diabólico afã de simetrias, estudou no Larousse o artigo sobre prisões.

Seriam nove menos vinte quando desceu a escadaria do palácio do governo. Cruzou a praça das palmeiras, deteve-se a contemplar o desagradável monumento a Victor Hugo, condescendeu que um graxa lhe desse certo brilho às botas, e, rodeando o jardim botânico, chegou defronte da casa dos Frinziné; era muito ampla e de cor verde, com muros largos, de adobe.

Uma cerimoniosa porteira guiou-o por longos corredores, através da destilaria clandestina e, no pórtico dum salão purpureamente alfombrado e com douradas incrustações nas paredes, gritou o seu nome. Havia umas vinte pessoas. Nevers recordava muito poucas: os donos da casa — o senhor Filipe, a inominada senhora, e Carlota, a menina de doze ou treze anos — plenamente obesos, baixos, polidos, rosados; um certo Lambert, que o encurralou contra uma montanha de gente e lhe perguntou se não cria que o mais importante no homem era a dignidade (Nevers compreendeu com alarme que ele esperava uma resposta; mas interveio outro dos convidados: «É justa a atitude do governador...» Nevers afastou-se. Queria descobrir o «mistério» do governador, mas não queria meter-se em intrigas. Repetiu a frase do desconhecido, repetiu a frase de Lambert, murmurou «qualquer coisa é símbolo de qualquer coisa» e quedou-se em inútil satisfação). Recordava também uma senhora Wernaer: rondava-os languidamente e ele acercou-se para falar-lhe. Logo ficou a saber da evolução de Frinziné, rei das minas de ouro

da colónia, ainda ontem moço de limpeza num armazém de bebidas. Soube também que Lambert era comandante das ilhas; que Pedro Castel, o governador, se estabelecera nas ilhas e que mandara para Cayenne o comandante. Isto era contestável: Cayenne sempre fora a sede da governação. Mas Castel era um subversivo, queria estar só com os presos... A dita senhora acusou também Castel de escrever, e de publicar em prestigiosos periódicos gremiais, pequenos poemas em prosa.

Passaram à sala de jantar. À direita de Nevers sentou-se a senhora Frinziné e à sua esquerda a esposa do presidente do Banco da Guiana; em frente, por detrás de quatro cravos que se arqueavam sobre uma alta floreira de vidro azul, Carlota, a filha dos donos da casa. A princípio houve risos e grande animação. Nevers notou que em seu torno a conversação decaía mas, confessa, quando lhe falavam não respondia: procurava recordar o que estudara essa tarde no Larousse; por fim venceu essa amnésia, o júbilo transpareceu nas palavras, e com **horrível entusiasmo** falou do urbanista Bentham, autor de **A Defesa da Usura** e inventor do cálculo hedónico e das prisões panópticas; evocou também o sistema carceral de trabalhos inúteis e o melancólico, de Aubum. Pareceu-lhe notar que algumas pessoas aproveitavam os seus silêncios para mudar de tema; muito depois ocorreu-lhe que falar de prisões talvez não fora oportuno nessa reunião; esteve confuso sem ouvir as poucas palavras que ainda se diziam, até que de súbito ouviu dos lábios da senhora Frinziné (como de noite ouvimos o nosso próprio grito, que nos desperta) um nome: René Ghill. Nevers «explica»: Eu, **ainda que inconscientemente, podia recordar o poeta; que fosse a esposa de Frinziné a evocá-lo era inconcebível.**

Perguntou-lhe com impertinência:

— Você conheceu Ghill?

— Conheci-o muito bem. Não calcula quantas vezes me teve em cima os seus joelhos, no café de meu pai, em Marselha. Eu era uma criança... uma menina nessa altura.

Com súbita veneração, Nevers perguntou-lhe o que recordava do poeta da harmonia.

— Não recordo nada, mas a minha filha pode recitar-nos um verso delicado.

Havia que proceder, e Nevers falou de imediato dos Juízos de Oléron, esse grande **coutumier** que fixou os direitos do oceano. Procurou inflamar os comensais contra os renegados ou estrangeiros que pretendiam que Ricardo Coração de Leão era o autor dos Juízos; também os preveniu contra a candidatura, mais romântica mas tão falaz, de Eleonora de Guyena. Não — disse-lhes —, essas jóias (como os imortais poemas do bardo cego) não eram a obra de um só génio; eram o produto dos cidadãos das nossas ilhas, discretos e eficazes como cada partícula de um aluvião. Recordou por fim o leviano Pardessus e encareceu os presentes que se não deixaram arrastar pela sua heresia, brilhante e perversa. **Uma vez mais tive que supor que os meus temas interessavam a outras minorias**, confessa, mas sentiu compaixão pelas pessoas que o escutavam e perguntou:

— Quererá o governador ajudar-me nas minhas investigações sobre os Juízos?

A pergunta era absurda; **todavia aspirava a dar-lhes o pão e o circo, a palavra «governador», para que fossem felizes.** Discutiram da cultura de Castel; convieram quanto ao seu «encanto pessoal»; Lambert pretendeu compará-lo com o sábio de um livro que lera: um velho debilíssimo, com planos para fazer ir pelos ares a Ópera Cómica. A conversa des-

viou-se para o custo da Ópera Cómica e quais teatros eram maiores, os da Europa ou os da América. A senhora Frinziné disse que os pobres guardas passavam fome por causa do jardim zoológico do governador.

— Se não tivessem os seus galinheiros privados... — insistiu, gritando para que a ouvissem.

Através dos cravos, fixava Carlota; permanecia calada, com os olhos recatadamente pousados no prato.

À meia noite saiu ao terraço. Apoiado na balaustrada, contemplando vagamente as árvores do Jardim Botânico, obscuras e mercuriais no resplendor da lua, recitou poemas de Ghill. Interrompeu-se; julgou perceber um leve rumor; disse consigo: é o rumor da selva americana; parecia, antes, um rumor de esquilos ou de macacos; então viu uma mulher que lhe fazia sinais do jardim; ocupou-se a contemplar as árvores e a recitar os poemas de Ghill; ouviu a risada da mulher. Antes de sair viu outra vez Carlota. Estava no quarto onde se amontoavam os chapéus dos convidados. Carlota estendeu um braço curto, com a mão fechada; abriu-a; Nevers, confusamente, viu um resplendor; depois, uma sereia de ouro.

— Dou-ta — disse a moça, com simplicidade.

Nesse momento entraram uns senhores. Carlota fechou a mão.

Não dormiu nessa noite; pensava em Irene e aparecia-lhe Carlota, obscena e fatídica; teve de prometer a si mesmo que nunca iria às ilhas da Salvação; que no primeiro barco tornaria a Ré.

A 22 embarcou no ferrugento **Schelcher**. Entre senhoras negras, pálidas, mareadas, e grandes gaiolas de frangos, ainda padecendo da cena da véspera, fez a viagem até às ilhas.

Perguntou a um marinheiro se não havia outro meio de comunicação entre as ilhas e Cayenne.

Um domingo o **Schelcher**, outro o **Rimbaud**. Mas os da administração não podem queixar-se, com a lancha deles...

Tudo foi ominoso desde que saí da Ré, escreve, **mas ao ver as ilhas tive uma repentina mágoa.** Tinha muitas vezes imaginado a chegada; ao chegar sentiu que se perdiam todas as esperanças: já não haveria milagre, já não haveria calamidade que o impedisse de ocupar o seu posto na prisão. Depois reconhece que o aspecto das ilhas não é desagradável. Mais até: com as altas palmeiras e os penedos, eram a imagem das ilhas que sempre havia sonhado, com Irene; todavia, irresistivelmente, repelia-as, e o nosso miserável casario de Saint-Martin continuava luminoso na sua lembrança.

Às três da tarde chegou à ilha Real. Anota: **No molhe estava à minha espera um judeu moreno, um tal Dreyfus.** Nevers trata-o de imediato por «senhor governador». Um guarda sussurra-lhe ao ouvido:

— Não é o governador; é Dreyfus, o libertado.

Dreyfus não deve ter ouvido, porque disse que o governador estava ausente. Conduziu-o ao seu departamento na administração; não tinha o romântico (mas decaído) esplendor do palácio de Cayenne; era habitável.

— Estou sob o seu comando — afirmou Dreyfus enquanto ia abrindo as malas — O meu destino é atender ao senhor governador e a si, meu tenente. Às suas ordens.

Era um homem de estatura mediana, de tez verdosa, olhos muito miúdos e brilhantes. Falava sem mover-se, com uma suavidade total. Ao escutar semicerrava os olhos e retezava

apenas os lábios: **na sua expressão há um evidente sarcasmo, uma reprimida sagacidade.**

— Onde está o governador?

— Na ilha do Diabo.

— Iremos lá.

— Impossível, meu tenente. O senhor governador proibiu a entrada na ilha.

— E você proibe-me de sair a passear? — A frase era débil. Mas Nevers saiu batendo com a porta. Imediatamente Dreyfus apareceu a seu lado. Perguntou se podia acompanhá-lo e **sorriu com ascorosa doçura.** Nevers não respondeu; passearam juntos. **A ilha não é um lugar ameno: por toda a parte, o horror de ver presidiários, de mostrar-se livre entre presidiários.**

— O governador espera-o ansiosamente — disse Dreyfus —. Estou certo que esta noite mesmo o visitará.

Nevers julgou notar alguma ironia. Pergunta a si mesmo: é simplesmente uma maneira de falar, ou a sua perspicácia de judeu revelou-lhe que eu maldizia o governador? Dreyfus elogiou o governador, congratulou-se com a sorte de Nevers (passar alguns anos de juventude à sombra dum chefe tão sábio e tão afável), e com a sua própria sorte.

Espero que não sejam anos — disse Nevers com arrojo, e corrigiu: Espero que não sejam anos que terei de caminhar consigo.

Chegou junto à penedia da costa. Contemplou a ilha de São José (defronte), a ilha do Diabo (no meio das ondas, mais adiante). Julgava que estava só. Repentinamente. Dreyfus falou-lhe com o seu tom mais suave. Sentiu a vertigem e o medo de cair ao mar.

— Sou eu, apenas.

Dreyfus continuou:

— Já me vou, meu tenente. Mas tenha cuidado. É fácil resvalar no limo dos penedos, e debaixo de água espreitam-no os tubarões.

Continuou contemplando as ilhas (com mais cuidado, dissimulando que tinha mais cuidado).

Então, quando se achou só, fez a atroz descoberta. Julgou ver enormes serpentes entre a vegetação da ilha do Diabo; mas, esquecido do perigo que o espreitava no mar, deu uns passos e viu em pleno dia, como Cawley na noite astrológica do lago Neagh, ou como o pele vermelha no lago das Forquilhas, um verdoso animal antediluviano; absorto, avançou até outros penedos; **a nefasta verdade** revelou-se: a ilha do Diabo estava «camuflada». Uma casa, um pátio de cimento, uns penedos, um pequeno pavilhão, estavam «camuflados».

Que significa isto? — escreve Nevers. — **Que é um perseguido, o governador? Um louco? Ou significa a guerra?** Acreditava na hipótese da guerra: pedia a sua transferência para um barco. **Ou passarei aqui toda a guerra, longe de Irene? Ou serei um desertor?** Acrescenta num «post-scriptum»: **Faz oito horas que cheguei. Todavia não vi Castel. Não pude interpelá-lo sobre estas camuflagens, não pude ouvir as suas mentiras.**

II

23 DE FEVEREIRO

Nevers percorreu as ilhas Real e de São José (na sua carta de 23, diz-me: **Ainda não encontrei uma desculpa para me apresentar na ilha do Diabo**).

As ilhas Real e de São José não terão mais de três quilómetros quadrados cada uma; a do Diabo é um pouco menor. Segundo Dreyfus, havia, no total, uns setecentos e cinquenta habitantes: cinco na ilha do Diabo (o governador, o secretário do governador e três presos políticos), quatrocentos na ilha Real, trezentos e quarenta e tantos na de São José. As principais construções acham-se na ilha Real: a administração, o farol, o hospital, as oficinas e depósitos, o «barracão vermelho». Na ilha de São José há um acampamento rodeado por um muro, e um edifício — «o castelo» — composto de três pavilhões: dois para condenados à reclusão solitária e um para loucos. Na ilha do Diabo há um edifício com terraços, que parece novo, algumas cabanas com tecto de palha, e uma torre decrépita.

Os presidiários não são obrigados a executar nenhum trabalho; vagueiam quase todo o dia livremente pelas ilhas (com excepção dos reclusos no «castelo», que não saem nunca).

Viu os reclusos: **em celas diminutas, húmidas, solitários, com um banco e um trapo, ouvindo o ruido do mar e a incessante gritaria dos loucos, extenuando-se para escrever com as unhas um nome, um número, nas paredes, já imbecis. Viu os loucos: nus, entre restos de legumes, uivando.**

Voltou à ilha Real; percorreu o barracão vermelho. Tinha fama de ser o lugar mais corrupto e sangrento da colónia. Os carcereiros e os presidiários esperavam a sua visita. Tudo estava em ordem, **numa sujidade e miséria inesquecíveis,** comenta Nevers com desmedido sentimentalismo.

Tremeu ao entrar no hospital. Era um sítio **quase agradável.** Viu menos enfermos que no «castelo» e no barracão vermelho. Perguntou pelo médico.

— Médico? Há muito tempo que não temos — dises um carcereiro. — O governador e o secretário atendem os doentes.

Embora só consiga a inimizade do governador, escreve ele, **tratarei de ajudar os presidiários.** E logo adiante esta obscura reflexão: **ao agir assim tornar-me-ei cúmplice da existência de prisões.** Acrescenta que evitará tudo o que possa adiar o seu regresso a França.

III

O governador continuava na ilha do Diabo, ocupado em trabalhos misteriosos, que Dreyfus ignorava ou dizia ignorar. Nevers resolveu descobrir se ocultavam algum perigo. Teria que actuar com muita cautela; para acercar-se da ilha, o pretexto de levar alimentos ou correspondência não era válido; é verdade que havia uma lancha e mais de um bote; mas também havia uma vagoneta aérea, e uma ordem para usá-la. Dreyfus disse que empregavam esse aparelho (onde não cabe um homem) porque em redor da ilha do Diabo o mar costumava estar bravo. Olharam: estava calmo. Então Dreyfus perguntou-lhe se julgava que a vagoneta aérea fora instalada por ordem de Castel.

— O aparelho estava montado quando cheguei aqui — acrescentou. — Desgraçadamente, faltavam muitos anos para nomearem governador o senhor Castel.

— E quem vive na ilha? — perguntou Nevers (distraído: Dreyfus disse-lhe isso a 23).

— O governador, o senhor De Brinon e três presos políticos. Havia mais outro, mas o senhor governador passou-o para o barracão vermelho.

Isto (pôr um preso político entre os presos

comuns) deve ter causado uma indignação muito franca e geral; tão geral que Nevers descobriu-a nas palavras desse **fanático sequaz do governador**. O próprio Nevers ficou transtornado, repetindo para si que não toleraria a infâmia. Depois vislumbrou que esse acto de Castel lhe oferecia a menos perigosa ocasião de averiguar o que se passava na ilha do Diabo; pensou que o presidiário não teria inconveniente em falar (e que se tinha, bastaria simular aversão por Castel). Perguntou a Dreyfus como se chamava o presidiário.

— Ferreol Bernheim.

Acrescentou um número. Nevers puxou dum caderno e anotou os dados à vista de Dreyfus; depois perguntou-lhe quem era De Brinon.

— Uma maravilha, um Apolo — disse Dreyfus com sincero entusiasmo. — É um jovem enfermeiro, de família nobre. O secretário do governador.

— Porque não há médicos nas ilhas?

— Sempre houve um médico, mas agora o governador e o senhor De Brinon cuidam eles mesmos dos enfermos.

Nenhum dos dois era médico. **Pode alegar-se que também não o era Pasteur** — comenta Nevers com petulância. — **Ignoro se é prudente estimular os curandeiros.** No «castelo» e no barracão vermelho viu toda a espécie de enfermos, do anémico até ao leproso. Condenava Castel, pensava que devia retirar das ilhas os enfermos, mandá-los para um hospital. Finalmente descobriu que a sua apaixonada reprovação não era estranha a um **peuril** temor de contagiar-se, de não ver, outra vez, Irene, de ficar-se pelas ilhas **uns poucos de meses, até à morte.**

IV

3 DE MARÇO

Hoje cometi uma imprudência — diz na sua carta de 3 de Março. Tinha conversado com Bernheim. À tarde foi ao barracão vermelho e mandou chamá-lo. Era um homenzito com a cara rapada, cor de bola de borracha já gasta, olhos escuros, muito cavados, e um olhar canino, que vinha de longe, de baixo, humildemente. Perfilou-se como um soldado alemão e procurou erguer-se; conseguiu olhar dum modo oblíquo.

— Que deseja? — A voz era altiva; o olhar, tristíssimo. — A autoridade é tudo para mim, mas com as actuais autoridades não quero mais trato do que...

Nevers fez um trejeito de assombro. Disse ofendido:

— Não sou responsável pelo que sucedeu antes da minha chegada.

— Tem razão — reconheceu Bernheim, derrotado.

— Então, que sucedeu?

— Nada — replicou. — Nada: essa rata de água desacredita a autoridade, tira-me da ilha do Diabo e junta-me com os presos comuns.

— Você terá cometido alguma falta.

— É claro — disse quase gritando. — Eu perguntei isso mesmo. Mas você sabe das mi-

nhas obrigações: 1.º Juntar cocos. 2.º Voltar pontualmente para a cabana. Juro-lhe: ainda está para nascer o homem que se me adiante em pontualidade.

— Farei com que o levem de volta à sua ilha.

— Não intervenha, meu chefe. Eu não quero dever nada ao senhor governador. Eu sou uma chaga na consciência da França.

Absurdamente, Nevers escreve: **Bernheim parecia extasiado; admirava a minha cicatriz. As pessoas imaginam que esse corte é a recordação duma batalha. Seria conveniente os presidiários imaginarem que é um sinal de agressividade.**

Não deveria aludir tão ligeiramente a um corte que, exceptuando as mulheres (suspeito que as atrai!), desagrada ao género humano. Nevers sabe que não é sinal de agressividade. Deveria saber que é o sinal de uma idiossincrasia que o distingue, talvez, na história da psicologia mórbida. Aqui vai a origem dessa mácula. Nevers tinha doze ou treze anos. Estudava num jardim, à sombra dum caramanchão de loureiros. Uma tarde viu sair do caramanchão uma menina com uma cabeleira em desalinho, uma menina que chorava e sangrava. Viu-a partir; um alucinado horror impediu-o de ajudá-la. Quis inspeccionar o caramanchão; não se atreveu. Quis fugir; reteve-o a curiosidade. A menina não vivia longe; os irmãos, três rapazes um pouco maiores do que Nevers, apareceram logo. Entraram no caramanchão; voltaram a sair. Perguntaram-lhe se não tinha visto algum homem. Respondeu que não. Os rapazes já se iam. Sentiu uma desesperada curiosidade, e gritou-lhes: «Não vi ninguém porque estive toda a tarde no caramanchão». Disse-me que deve ter gritado como um demente, porque se-

não os rapazes não teriam acreditado. Acreditaram e deixaram-no como morto.

Volto ao relato desse 3 de Março, nas ilhas. Saíram a passear. Já haviam falado muito quando Nevers pensou que a sua conduta não era prudente. A impulsiva franqueza de Bernheim tinha-o conquistado. Achou-se consentindo, ou tolerando sem rebater, **certeiras** invectivas contra o governador e contra a justiça francesa. Recordou que não estava ali para compartilhar a indignação desse homem, nem para defendê-lo das injustiças; estava, simplesmente, para interrogá-lo, porque temia que no mistério da ilha do Diabo houvesse algo que pudesse protelar o seu regresso. Conseguiu discorrer isto enquanto Bernheim o assediava com eloquência padecia de novo das suas calamidades e insistia que era a pior ignomínia da nossa história. Nevers resolveu interrompê-lo:

— E agora que terminou as «camuflagens», que faz o governador?

— Está «camuflando» o interior da casa. — E acrescentou: Mas veremos de que servem as «camuflagens» quando...

Nevers não o ouvia. Se Castel tinha «camuflado» o interior da casa, estava louco, podia esquecer os seus temores.

Estava satisfeito com a entrevista; **contudo, pensou, o governador deve ignorá-la; devo acautelar-me com as suas manhas e astúcias de enfermo.**

Quando voltava para a administração viu um homem caminhando ao longe, no meio dos penedos e das palmeiras da ilha do Diabo. Seguia-o uma manada de heterogéneos animais. Um carcereiro disse-lhe que esse homem era o governador.

V

A 5 escreve: **Se bem que me esperasse ansiosamente, o governador todavia não veio. A minha urgência em ver esse cavalheiro tem limites: quero saber por exemplo se a perda da razão é total ou não; se devo encerrá-lo ou se a desordem está circunscrita a uma mania.** Desejava esclarecer outros pontos: Que fazia De Brinon? Cuidava do enfermo? Maltratava-o?

Se o governador não estava totalmente louco, Nevers consultá-lo-ia sobre a administração. Actualmente a administração não existia. Que devia inferir? Loucura? Desinteresse? **Nesse caso o governador não seria abjecto.** Mas, como não desconfiar de um homem que tem vocação para dirigir um presídio? **Não obstante,** reflectiu, **eu estou aqui; foi a vocação que me traiu?**

Na biblioteca de Castel havia livros de medicina, de psicologia e alguns romances do século XIX; escasseavam os clássicos. Nevers não era um estudioso de medicina. O único fruto que colheu de **As doenças tropicais ao alcance de todos** foi um agradável mas efémero prestígio entre os criados de sua casa: pelo menos isto era o que supunha a 5 de Março.

Na carta dessa data agradece-me uns livros que lhe mandei. e diz-me que o seu primo Xa-

vier Brissac foi a única pessoa da família a despedir-se dele. **Desgraçadamente** — escreve — **o barco chamava-se «Nicolas Baudin»; Xavier aproveitou a oportunidade e recordou o que todos os habitantes de Oléron e Ré, em todas as combinações possíveis, em torno das mesas do «Café du Mirage», têm repetido: Nicolas Baudin era autor dos descobrimentos que os ingleses atribuíam a Flinders.** Xavier teria acrescentado, finalmente, que da estadia de Nevers naquelas ilhas, propícias ao entomólogo e ao insecto, esperava, para a glória da França, trabalhos tão sólidos como os de Baudin; mas não trabalhos de entomólogo: trabalhos mais adequados à natureza de Nevers.

Fala depois de Dreyfus: **Devo reconhecer que é menos opressivo no seu arquipélago do que na nossa literatura. Mal o vi, quase não o ouvi, no entanto tudo foi sofrível e pontual, com excepção do café: primoroso.** Em seguida pergunta a si próprio se não seria fatídica essa reconciliação, se não seria um princípio de reconciliação com o destino, e acrescenta: **Durante uma insónia conheci este medo: o relaxamento que produz o trópico, chegar a não desejar o regresso. Mas, como acudir a tais perigos? É uma ilusão temê-los. E querer sonhar que não existem o clima, os insectos, a incrível prisão, a falta minuciosa de Irene.**

Sobre a prisão, sobre os insectos e ainda sobre a falta de Irene, não farei objecções. Quanto ao clima, creio que exagera. Os sucessos que nos ocupam ocorreram em Fevereiro, Março e Abril; no Inverno; é verdade que ali costuma entremear-se um Verão de Março; é verdade que o Inverno das Guianas é tão pesado como o Verão de Paris..., mas Nevers, contra a vontade dos seus maiores, passou mais de uma licença em Paris, e não se queixou.

Continuava buscando uma explicação para a conduta do governador; às vezes receava ter aceite com demasiada facilidade a hipótese da loucura. Propôs-se não esquecer que era uma hipótese: baseava-se exclusivamente nas palavras de Bernheim; quiçá um modo casual de falar; talvez tenha dito: «está **camuflando** o interior» para significar que o pintava dum modo extravagante. Ou baseava-se talvez num erro de observação, ou numa deficiência do observador. Se as manchas que pinta Castel no interior são iguais às do exterior, pensou, não será justo deduzir que em nenhum dos casos se trata de «camuflagens»? **Talvez seja uma experiência, logo que nem Bernheim nem eu compreendemos. De qualquer modo,** diz com patética esperança, **há uma probabilidade de que essas pinturas não sejam o presságio duma próxima guerra.**

VI

Uma noite, no terraço, enquanto Dreyfus lhe servia o café, conversaram. **Porque abomino tudo quanto há nesta colónia, fui injusto com o pobre judeu,** escreve Nevers. Dreyfus era homem de algumas leituras — conhecia os títulos de quase todos os livros da biblioteca —, **versado em história, dotado naturalmente para falar o francês e o espanhol com sentenciosa elegância, com ironia levíssima, eficaz.** O emprego de alguns desvios arcaicos podia sugerir que a sua maneira de falar fora estudada. Nevers suspeitou uma explicação menos fantástica: Dreyfus devia ser um judeu espanhol, um desses que vira no Cairo e em Salónica: rodeados de gentes de outras línguas, continuavam falando o espanhol que tinham falado em Espanha, quando os expulsaram, havia quatrocentos anos. Porventura os antepassados foram comerciantes ou marítimos e souberam o francês e porventura pela boca de Dreyfus estivera ouvindo idiomas da Idade Média.

Achava que o gosto literário de Dreyfus não era requintado. Em vão procurou obter a sua promessa **(que nada lhe custava e que teria tranquilizado a minha consciência)** de ler algum dia as obras de Teócrito, de Mosco, de Bion,

ou até de **Marinetti.** Em vão tentou evitar que ele lhe contasse **O mistério do quarto amarelo.**

Segundo Nevers, os trabalhos históricos da sua ordenança não se limitavam à leitura sedentária; tinha feito algumas investigações pessoais, a respeito do passado da colónia; prometeu mostrar-lhe coisas de interesse; Nevers não lhe disse que o seu **interesse consistia em desconhecer o presente e a história dessa penosa região.**

Perguntou-lhe depois por que havia tantos loucos nas ilhas.

— O clima, as privações, os contágios — afirmou Dreyfus. — Não creia que todos estavam sãos como o senhor, quando chegaram. Este assunto desencadeia as maiores calúnias: hão-de dizer-lhe que se um governador quer livrar-se deste ou daquele ajudante, dá-o como doido e prende-o.

Para mudar de conversa, Nevers perguntou o que fazia o governador com os animais. Dreyfus tapou a cara; falou com voz trémula e lenta.

— Sim, é horrível. O senhor quer que eu reconheça... Mas é um grande homem.

Nevers diz que a contínua agitação de Dreyfus aumentava e que ele mesmo estava nervoso, como se pressentisse uma atroz revelação. Dreyfus continuou:

— Já sei: há coisas que não se discutem. Melhor esquecê-las, esquecê-las.

Nevers não se atreveu a insistir. Comenta: **Um cachorro pode tolerar-se como o impante apêndice de** tante Brissac. **Mas, como tratar, qual é o limite de asco para tratar um homem que se rodeia de manadas de fedorentos animais? A amizade com um animal é impossível; a convivência, monstruosa,** continua o meu sobrinho, logrando uma fraca originalidade. **O desenvolvimento sensorial dos animais é diferente do nosso. Não podemos imaginar as suas**

experiências. Amo e cachorro nunca viveram no mesmo mundo.

A presença dos animais e o espanto de Dreyfus sugerem algo — esclarece sibilinamente o meu sobrinho — **que não se assemelha à realidade.** Mas Castel não era um sábio incompreendido ou sinistro; era um louco, ou um sórdido coleccionador que gastava os alimentos dos presidiários no seu jardim zoológico.

Não obstante afirma: **Não escreverei aos jornais; hoje mesmo não denunciarei Castel.** Que algum governador tivesse declarado louco um seu inimigo podia ser uma calúnia anónima ou uma inconfidência de Dreyfus. Mas certamente julgara imprudente hostilizar o governador de um presídio, especialmente sendo o presídio uma ilha no meio do mar. Tornaria alguma vez a França, e se queria optar pela delação... Mas ficaria com Irene, seria feliz, e as apaixonadas intenções de agora seriam parte do sonho da ilha do Diabo, atroz e pretérito. Sentia como se tivera despertado a meio da noite: compreendia que voltaria a adormecer e que por umas horas continuaria sonhando, mas propunha-se não levar as coisas muito a sério, manter a mais inflexível indiferença (esquecia assim que sonhava).

Supunha-se aliviado, certo de não incorrer em novas temeridades.

VII

Diz que na noite de 9 de Março estava tão cansado que não tinha forças para interromper a leitura do **Tratado de Isis e Osiris**, de Plutarco, e ir deitar-se.

Recordava aquela primeira visita do governador como o incidente de um sonho. Ouvira uns passos, em baixo, no pátio; assomou-se; não viu ninguém: com natural astúcia de subalterno, escondeu o livro e pôs-se a folhear uma pasta com papéis. O governador entrou. Era um velho muito sorridente, de barba branca e olhos baços e azuis. Nevers pensou que devia defender-se da fácil inclinação para considerá-lo demente. O governador abriu os braços e gritou com voz de rapazote ou de japonês:

— Por fim, querido amigo, por fim, quanto o tenho esperado! Esse homem justo, Pierre Brissac, numa longa carta falou-me de si. Aqui me tem à espera da sua colaboração.

Gritou ao abraçá-lo, gritou dando-lhe palmadas nas costas, gritou ao abraçá-lo de novo. Falava muito próximo. Nevers tentava iludir essa cara imediata, esse hálito palpável.

O governador é profissionalmente simpático, diz Nevers; mas confessa que, desde o primeiro

momento, o considerou com hostilidade. Esta dureza é uma nova faculdade do meu sobrinho: talvez o erro de mandá-lo para as Guianas não tenha sido tão grande.

O governador encarregou-o das ilhas Real e de São José. Deu-lhe as chaves do arquivo e do depósito de armas.

— Tem a minha biblioteca à sua disposição. Os restos da minha biblioteca: os tomos que os guardas não levaram ainda.

É um ancião desagradável — escreve Nevers. — **Com os olhos muito abertos, como que maravilhado, constantemente atrás dos meus olhos para olhar-me direito neles. Deve ser um imbecil ou um hipócrita.**

Nevers conseguiu dizer-lhe que vira as «camuflagens». O governador não entendeu ou fingiu não entender.

Nevers perguntou:

— São experiências?

Arrependeu-se de facilitar a explicação.

— Sim, experiências. Mas nem mais uma palavra. Você parece cansado. Experiências, querido amigo.

Estava cansadíssimo. Com o sono julgou que o governador, para não lhe falar das «camuflagens», aduzia esse terrível cansaço.

O governador olhou para a pasta, e disse:

— Trabalhando a estas horas da noite. Não há dúvida, o trabalho apaixona.

O meu sobrinho olhou-o com surpresa.

O governador olhava-o com muito afecto.

— Não digo o trabalho em geral... — explicou. — Também não me parece que esse livro possa interessar-lhe.

Após uma pausa continuou:

— É apaixonante o nosso trabalho, o governo duma prisão.

— Gostos... — respondeu Nevers.

A réplica era débil — não inútil; salvava-o de simular **(por cobardia, por mera cobardia)** um **infamante** acordo. Não obstante, não estava certo se o tom fora desdenhoso.

O governador declarou:

— Falei talvez com precipitação.

— Talvez — articulou Nevers, já firme na sua hostilidade.

O governador olhou-o com os seus olhos azuis e húmidos. O meu sobrinho também olhou para ele: considerou **a sua fronte larga, as suas faces rosadas e pueris, a sua branquíssima barba babada.** Pareceu-lhe que o governador estava indeciso entre ir-se, batendo com a porta, ou tentar, de novo, uma explicação. **Julgou que o proveito que tiraria de mim valia outra explicação, ou prevaleceu a sua horrível doçura.**

— Há um ponto, querido amigo, em que estaremos conformes. Será a nossa base. Nota em mim certa ansiedade por chegar a um acordo consigo?

Tinha-a notado; irritava-o. Castel prosseguiu:

— Serei franco: pus todas as minhas esperanças em si. Eu tinha necessidade do que é mais difícil de obter aqui: um colaborador culto. A sua chegada dissipa os problemas, salva a obra. Por isso saudei-o com um entusiasmo que talvez lhe pareça extravagante. Não me peça que me explique; à medida que nos conheçamos, nos explicaremos um ao outro, insensivelmente.

Nevers não respondeu, Castel prosseguiu dizendo:

— Volto ao que tomámos como base do nosso acordo. Para a maior parte dos homens — para os pobres, para os enfermos, para os presidiários — a vida é pavorosa. Outro ponto há em que podemos convir: o dever de todos nós é tratar de melhorar essas vidas.

Nevers anota: **Já tinha suspeitado que no fundo da ansiedade do velho havia uma prelecção sobre política.** Agora descobria **um novo horror:** conforme a sua resposta poderiam falar de política ou interessar-se por sistemas carcerários. Não respondeu.

— Nós temos a oportunidade, a difícil oportunidade, de actuar sobre um grupo de homens. Veja bem: estamos praticamente livres de controlo. Não importa que o grupo seja pequeno, que se dilua no meio «daqueles que são infinitos no número e na miséria». Pelo exemplo a nossa obra será mundial. A obrigação é salvar o rebanho que guardamos, salvá-lo do seu destino.

Castel produzira várias afirmações ambíguas e alarmantes: a única que percebeu o meu sobrinho foi a palavra «rebanho». Afirma que a palavra o enojou de tal modo que lhe passou o sono.

O governador disse:

— Creio, por isso, que o nosso cargo de carcereiros pode ser muito grato.

— Todos os carcereiros devem pensar assim — murmurou com prudência Nevers; a seguir ergueu a voz —: Se pudesse fazer-se algo...

— Eu creio que pode fazer-se algo. E você?

Nevers não lhe fez o favor de concordar.

Depois lembrou-se da sua intenção de pedir autorização para visitar a ilha do Diabo; o governador já se fora.

VIII

21 DE MARÇO, PELA TARDE

Nevers caminhava ao longo da costa, defronte da ilha do Diabo. O pretexto era estudar possíveis molhes para um furtivo (e inverosímil) desembarque. Menos perigoso (e mais impraticável) seria visitar abertamente Castel.

Estava distraído, e Bernheim saiu detrás duns penedos. Nevers não teve o menor sobressalto: ali estava aquele olhar de cão abatido. Bernheim pediu-lhe que se escondesse entre os penedos; cometeu a imprudência de obedecer-lhe.

— A minha intuição não se engana — gritou Bernheim. — Eu sei quando posso confiar num homem.

Nevers não escutava. Fazia uma pequena descoberta: notava a desagradável incompatibilidade entre o tom altivo e o olhar tristíssimo de Bernheim.

Todavia ouviu: — Será o senhor um joguete de Castel?

Respondeu negativamente.

— Já sabia — exclamou Bernheim. — Já sabia. Mal o conheço, mas vou fazer-lhe uma revelação que põe o meu destino nas suas mãos.

Sobre umas pedras mais altas, a uns vinte metros, apareceu Dreyfus. Parecia não tê-los visto; afastava-se mirando fixamente algum ponto do incessante mar. Nevers queria livrar-se do maníaco; disse:

— Aí está Dreyfus — e subiu às pedras.

Quando o viu, Dreyfus não aparentou surpresa; depois de caminharem um pedaço juntos, perguntou-lhe:

— Vê essa torre?

A torre estava na ilha do Diabo; era de traves de madeira pintadas de branco, tinha uns oito metros de altura e terminava em plataforma. Nevers perguntou para que servia.

— Para nada — asseverou Dreyfus com amargura. — Para que alguns recordemos a história e outros escarneçam. Construiu-a o governador Daniel, em 1896 ou 97. Pôs lá em cima uma sentinela e um canhão Hotchkis, e se o capitão queria fugir: Fogo!

— O capitão Dreyfus?

— Sim, Dreyfus. Gostaria que o senhor soubesse: dali, o arquipélago parece diminuto.

Nevers perguntou-lhe se era parente de Dreyfus.

— Não tenho essa honra — afirmou.

— Há muitos Dreyfus.

— Não sabia — respondeu interessado. — O meu nome é Bordenave. Chamam-me Dreyfus porque dizem que falo sempre do capitão Dreyfus.

— A nossa literatura imita-o.

— Ah, sim? — Dreyfus abriu muito os olhos e sorriu estranhamente. — Se o senhor quiser ver um pequeno museu do capitão...

Nevers seguiu-o. Perguntou-lhe se nascera em França. Nascera na América do Sul. Depois contemplaram o museu Dreyfus. É uma mala amarela, de fibra, e contém o sobrescrito duma carta da senhora Lúcia Dreyfus a Daniel, governador do presídio; o cabo dum canivete, com as iniciais J. D. (Jacques Dreyfus?), alguns francos da Martinica, e um livro: **Shakespeare était-il M. Bacon, ou vice-versa?** por Novus Ovidius, autor das **Métamorphoses Sensorielles**, membro da Académie des Médailles et d'Inscriptions.

Nevers quis partir. Dreyfus olhou-o nos olhos; deteve-o; perguntou-lhe:

— O senhor não acha que Victor Hugo e Zola foram os maiores homens da França?

Nevers escreve: **Zola compreende-se: escreveu J'accuse, e Dreyfus é um maníaco de Dreyfus. Mas Victor Hugo... O homem que para seu fervor elege dois escritores, na história da França, mais rica em generais que a mais ínfima república sul-americana, merece a fugaz homenagem da nossa consciência.**

IX

Na noite de 22 não conseguia dormir. Insone, pôs-se a dar importância à revelação que não quisera ouvir de Bernheim. Temeu, obscuramente, um castigo por não tê-la ouvido. Com tédio e exaltação projectou uma visita imediata ao barracão vermelho. Com força de vontade, adiou-a para de madrugada. Ocupou-se com os pormenores dessa incrível visita: como fazer, depois duma noite de insónia, para despertar cedo; como começar a falar com Bernheim; como referir-se à conversa anterior. De madrugada adormeceu; sonhou. No sonho, partia de novo de Saint-Martin, de novo sentia a dor de alongar-se de Irene, e escrevia essa dor em outra carta. Recordava a primeira frase: **Cedi, afasto-me de Irene; as pessoas que podem evitar**... Do resto do parágrafo, só recordava o sentido; era este, aproximadamente: as pessoas que podiam evitar o seu regresso afirmavam que não o evitariam. Não esquecia a frase final (diz que no sonho era irrefutável; suspeito que foi um ajuste da sua duvidosa vigília): **Como não há motivos para dissentir, temo não regressar, não voltar a ver Irene.**

Na manhã seguinte, Dreyfus levou-lhe duas cartas: uma de Irene, outra de Xavier Brissac.

O seu primo dava-lhe uma notícia que Nevers considerava maravilhosa: substitui-lo-ia a 27 de Abril. Isto significava que Nevers poderia estar em França em meados de Maio. Anunciava-lhe também uma mensagem de Irene. Nevers afirma que não tinha curiosidade em conhecê-la. Não podia ser desagradável nem importante. A carta de Irene era de data mais recente que a de Xavier e não aludia a tais notícias.

Estava feliz; julgava-se equânime. Procurava justificar Pierre (dava-lhe razão: nenhum homem era digno de Irene, e ele, **pálido conversador do café**, menos que outros).

Recordemos os antecedentes deste exílio nas Guianas: ocorreu aquele facto que ninguém ignora (perdem-se uns papéis que não são indiferentes à honra e às salinas da família; as aparências comprometem Nevers); Pierre julgou-o culpado; tratou de salvar Irene... Nevers falou com ele, e — garante — foi acreditado. Passou uns quinze dias de perfeita felicidade: tudo se resolvera. Foi então que Pierre o chamou, lhe falou violentamente **(porventura ocultando uma consciência pouco tranquila)** e lhe ordenou que se fosse para as Guianas. Até deixou entender, meio envergonhado, uma ameaça de «chantagem»: contar tudo a Irene se não fosse obedecido. Acrescentou: «Dentro de um ano voltarás e poderás casar-te com Irene; terás pelo menos o meu consentimento». Segundo Nevers, isto prova que Pierre admitia a sua inocência.

Como explica, então, que o tivesse mandado para as Guianas? Confusamente. Aproveita toda a espécie de argumentos: a contaminação que provocam as acusações, e refere o capitão Dreyfus (muita gente que não o considerava culpado negava-se todavia a reconhecê-lo isento de qualquer culpa); a ilusão de que a viagem

e a rigorosa vida nas Guianas interrompessem a sua **desagradável personalidade de noctívago de café**; a esperança de que Irene deixasse de querê-lo.

Também não explica cabalmente a sua estranha conduta com Irene (nunca lhe disse uma palavra do obscuro assunto em que estava comprometido). Essa conduta permitiu a **jogada** de Pierre.

Tenho aqui as suas palavras textuais: **Se te convenci a ti; se Pierre, que preferia não me crer, o convenci, que dificuldade podia haver com Irene, que me quer? (escrevo isto com supersticiosa, com humilhante cobardia...) A única desculpa da minha perversidade com Irene é a minha estupidez e a minha perversidade comigo.**

Parece que Nevers mandara a Irene estes versos:

Chère, pour peu que tu ne bouges,
Renaissent tous mes désespoirs.
Je crains toujours — ce qu'est d'attendre! —,
Quelque fuite atroce de vous.

Irene censura-o (com razão) por mandar-lhe esses versos, e logo ele, que a deixou. Também lhe pergunta se quer insinuar que o distanciamento entre eles não é meramente geográfico (no primeiro verso escreve **tu**; no quarto trata-a por você); mas isto não passa duma querela até ligeiramente pedante: **a carta é lúcida e terna como a sua autora.**

Estava feliz; dentro de um mês as preocupações desapareceriam. A carta de Xavier, todavia, incomodava-o. Porque lhe mandava Irene uma mensagem por esse **imbecil? Talvez o uso de tão rudimentar meio de comunicação se explique pelo desejo de Irene de não perder uma ocasião de alegrar-me, de repetir-me que me**

espera e que me quer. Era essa a mensagem. Essa era a importante mensagem de todas as cartas de Irene. Não obstante, confessa, **em alguns momentos de absurda sensibilidade (e talvez pelo ambiente ou pelo clima, aqui não são raros) entrego-me a vergonhosos temores. Não deveria mencionar estes sentimentos insignificantes: menciono-os para que me envergonhem, para que desapareçam.**

X

A 23 de Março Nevers percorreu a ilha Real, o barracão vermelho — **não à procura de Bernheim, não à procura da prometida revelação** (julga conveniente esclarecer) — em cumprimento da sua rotina.

Nessa tarde a claridade era penosa. Tudo resplandecia: as paredes amarelas dos edifícios, uma partícula de areia na casca negra do coqueiro, o interlocutor às riscas vermelhas e brancas. Nevers recordou a incrível obscuridade da sua casa e avançou incerto através do pátio brilhante.

Viu uma sombra. Viu que debaixo duma escada havia um lugar sombrio; foi abrigar-se. Lá estava Bernheim, sentado num balde, lendo. Nevers saudou-o com imensa cordialidade.

— Não pode imaginar — respondeu Bernheim procurando angustiadamente as palavras — o meu progresso, desde a primeira vez que nos vimos. Estou entusiasmado.

O brilho dos olhos era lacrimejante; o olhar, tristíssimo.

— Em que consiste o progresso?

— Em tudo. Asseguro-lhe que é algo muito forte... vital... É uma plenitude, uma comunhão com a natureza, vá-se lá saber...

— De que se ocupa?
— Espionagem.
— Espionagem?
— Sim, vigio. Tenho que lhe falar. Adivinhe a quem devo este ressurgimento.
— Não sei.
— A Castel.
— Reconciliaram-se?
— Nunca. — Depois dum silêncio, declarou: Há que servir a **causa.**
Parecia esperar uma resposta de Nevers; insistiu lentamente:
— A causa acima de tudo.
Nevers não quis condescender. Perguntou-lhe:
— Que lia?
— **A Teoria das cores**, de Goethe. Um livro que ninguém pede. Dreyfus aluga-o a preço razoável.
— Diga-me, você que esteve na ilha do Diabo, que fazia Castel com os animais?
Pela primeira vez, garante Nevers, um vestígio, uma «sombra» de cor animou o rosto de Bernheim. **Foi atroz. Julguei que o homem ia vomitar.** Quando se recompôs um pouco, falou:
— Você conhece o meu credo. A violência é o pão nosso. Mas não com os animais...
Nevers achou que não aguentaria que Bernheim perdesse a compostura na sua presença. Mudou de conversa:
— Você disse que tinhamos de falar...
— Sim, temos de falar. Aqui, não; siga-me.
Chegaram às latrinas. Bernheim apontou o mármore, e disse, tremendo:
— Juro-lhe, juro-lhe pelo sangue de todos os homens assassinados aqui: vai haver uma revolução.
— Uma revolução?
Quase não ouvia. Pensava que não era fácil determinar se um homem estava louco.

— Os revolucionários preparam algo em grande. Você pode evitá-lo.
— Eu? — perguntou Nevers, por delicadeza.
— Sim, você. Mas esclareço a minha situação. Não actuo a favor do actual governo... Actuo por são egoísmo. Você dirá a verdade: que descobri o «complot». Mas você talvez me julgue louco. Talvez procure Dreyfus para ir... Há-de crer em mim. Hoje talvez não, mas acreditará em mim. Você pôs-me na pista.
— Pu-lo na pista?
— Quando me falou das «camuflagens». Aí tem: eu sempre a pensar na guerra e não tinha descoberto que se tratava de «camuflagens». Desde então respeito-o. Você dirá que essa descoberta é uma tolice. As grandes descobertas parecem tolices. Mas toda a gente sabe que Pedro Castel é um revolucionário.
Nevers disse:
— Tenho muito trabalho.
— Estava preparado para isto. Se as minhas palavras se cumprirem, há-de crer-me. Castel levará o Cura para a ilha do Diabo, entre hoje e amanhã. É um preso comum, note bem. Tirou-me a mim; leva-o a ele; necessita de gente da sua confiança: foragidos. A si manda-o para Cayenne. Há duas razões: livrar-se do único observador que pode incomodá-lo; trazer dinamite.
— Quem a trará?
— Você mesmo, e não será o primeiro. O seu antecessor fez umas dez viagens a Cayenne. Há reservas para fazer voar o arquipélago.
Nevers deu-lhe uma palmada nas costas e disse-lhe que deixasse as coisas nas suas mãos. Cruzou o pátio, entrou na administração, passou por escadas e corredores, chegou ao seu quarto. Imediatamente sentiu um grande alívio.

XI

26 DE MARÇO

Ignorava se o que dissera Dreyfus seria um indício terrível. Queria pedir conselho; mas, a quem? Ele mesmo, ainda horrorizado por viver num cárcere, raciocinava mal (além do mais tinha uma leve insolação). Talvez quando se habituasse a essa vida, pensou, recordaria a hora em que a notícia lhe pareceu terrível, com alívio por ter passado; por ter passado o perigo de enlouquecer. Mas, embora não se tivesse acostumado a viver num cárcere (e, por incrível que pareça, louvava-o), tendia a não dar importância à notícia que lhe dera Dreyfus.

Durante os três dias anteriores à notícia não ocorreu nada digno de nota. Dreyfus parecia abatido, triste (**decidi não importuná-lo com perguntas,** diz Nevers; **a vida nestas ilhas justifica qualquer desespero**); Castel dera ordem de lhe mandarem alguns livros (o de Marie Gaëll sobre a ressonância do tacto e a topografia dos polvos; um do filósofo inglês Bain, sobre os sentidos e o intelecto; um de Marinesco, sobre as sinestesias; por fim, o amanhecer depois de tanta sombra, um clássico espanhol: Suarez de Mendoza); Dreyfus mandou-lhos pela vagoneta aérea.

Na noite de 25 pareceu a Nevers que Dreyfus estava mais abatido do que nunca; servia

a comida em silêncio; aquilo tornava-se opressivo: entre eles, falar durante as refeições era uma modesta e agradável tradição. Nevers perguntou para si mesmo se a respeitar a tristeza da sua ordenança não a aumentaria, não lhe sugeria que estava desgostoso com ele. Não encontrava tema para iniciar o diálogo; na precipitação propôs o tema que quisera evitar.

De que acusam Bernheim?

— Traição.

— Então a ele, e não a si, é que deveria chamar-se Dreyfus — procurava insinuar o tema dos apelidos, mais seguro que o de Bernheim.

— Não fale assim do capitão Dreyfus — disse Dreyfus, ofendido.

— Que outro apelido há aqui?

— Outro apelido... deixe-me ver: há o Cura.

— Quem é o Cura? — perguntou Nevers decidido.

— Marsillac, um de São José. Puz-lhe a alcunha de Cura porque é presbita: só vê ao longe; ao pé nada, só com óculos. Não vê o seu próprio corpo.

E evocou os versos do **Mistério do quarto amarelo**:

O Presbitério não perdeu o seu encanto,
Nem o jardim perdeu o seu esplendor.

Nevers felicitou-o pela memória; Dreyfus parecia desanimado. Finalmente confessou:

— Olhe, falei-lhe do Cura e era do Cura que não queria falar. Há dias que ando perplexo com isto. Amanhã o senhor saberá; talvez convenha antes que eu lho diga. Por favor, não condene o senhor Castel; esse grande homem terá algum motivo para actuar assim. Ordenou que amanhã, pela madrugada, translademos o Cura para a ilha do Diabo.

XII

27 DE MARÇO

O governador surpreendeu-o. Entrou no escritório imperceptivelmente. Nevers ouviu muito próximo, na nuca, os gritos altíssimos, e teve a sensação pavorosa, vinculada a alguma remota lembrança, de se encontrar de repente com um mascarado.

— O que lê?

— Plutarco — era inútil dissimular.

— Porque perde tempo? A cultura não deve ser o trato com homens rudimentares — sentenciou a voz de títere. — Os estudiosos de filosofia cultivam ainda os diálogos de Platão, e os leitores mais exigentes voltarão a rir-se com os gracejos de Molière sobre os médicos. O porvir é negro.

— Negro, «camuflado» — disse Nevers astutamente.

Houve um silêncio. Por fraqueza, Nevers continuou:

— Este livro interessa-me. Trata de símbolos.

— De símbolos? Talvez. Mas você não crê que em mil e oitocentos anos o tema se terá enriquecido?

Evidentemente, declara Nevers, Castel não tinha entrado para falar daquilo. Falava daquilo

para entabular conversa. Esteve um pedaço folheando distraidamente o **Tratado de Isis e Osiris**. Finalmente perguntou:

— Que pensou da nossa última conversa?

— Pouco, apenas.

— Se não pensou nada, é porque lhe desagrada muito vivamente o cárcere — disse rapidamente Castel. — Se lhe desagrada o cárcere, não pode parecer-lhe mal o que eu penso.

— Não sei — estava sem vontade de discutir. — O que você pensa estará muito bem; só que ocupar-se dessas coisas me parece, de certo modo, fazer-se cúmplice. Prefiro cumprir automaticamente o meu dever.

— Automaticamente? É essa a missão de um jovem? Onde está a sua juventude?

Nevers não soube responder. O outro prosseguiu:

— A juventude é revolucionária. Eu mesmo, que sou um velho, creio na acção.

— Você é anarquista?

Castel continuou a fixá-lo nos olhos, afavelmente quase lacrimejante, até que Nevers desviou o olhar. **Sem dúvida o governador compreendeu que fora muito longe, mas continuou com a sua voz imperturbável e estridente:**

— Não sei. Não me ocupei de política. Não tive tempo. Creio na divisão do trabalho. Os políticos crêem na reforma da sociedade... Eu creio na reforma do indivíduo...

— Em que consiste? — perguntou Nevers com simulado interesse. Supunha-se a investigar.

— A educação, em primeiro lugar. São infinitas as transformações que podem obter-se.

O governador garantiu-lhe que ele, Nevers, nem suspeitava das possibilidades da pedagogia: podia salvar os enfermos e os presidiários. Em seguida confiou-lhe que precisava dum colaborador:

— É incrível o que faríamos. Compreenda a minha tragédia: rodeiam-me subalternos, pessoas que interpretariam mal os meus planos. A própria legislação penal é confusa; a reclusão, como castigo do deliquente, domina ainda na Europa. Agora, além de marcharmos a passo de ganso, falamos com boca de ganso; repetimos: **O castigo é o direito do deliquente.** Inútil dizer-lhe que os meus propósitos contrariam essa doutrina transrenana.

Nevers achou asado o momento para vingar-se. Declarou com voz trémula:

— Não tenho interesse em colaborar consigo.

Castel não respondeu. Fitou serenamente o longe, como se as paredes não existissem. Parecia cansado; a cor do seu rosto era plúmbea. Já estava assim quando entrou ou tudo aquilo era o efeito da réplica de Nevers? Não parecia o mesmo homem que conversara com Nevers a 9 de Março.

Ouvi dizer que tais mudanças ocorrem nas pessoas que tomam ópio, ou morfina. Nevers reconhece que esse homem, que desejava achar execrável, lhe pareceu muito velho e quase digno; esteve disposto a crer que a revolução seria benévola, a oferecer a sua ajuda. Depois lembrou-se de Irene, da decisão de não fazer nada que pudesse adiar o seu regresso.

Castel permaneceu uns penosos minutos, simulando interesse por Plutarco. Talvez não quisesse ir-se bruscamente e parecer ofendido. Finalmente esboçou um gesto de abatimento, ou de despedida; sorriu e foi-se. Nevers não sentiu mágoa alguma.

XIII

28 DE MARÇO

Algumas frases de governador admitiam duas interpretações: de acordo com uma, a revolução seria pedagógica. Nevers, já em plena aberração, não vacila em declarar a sua preferência pela segunda interpretação possível: a rebelião dos presos. Mas o governador não lhe falou da viagem a Cayenne. Para um observador não prevenido talvez não houvesse nenhuma confirmação das profecias de Bernheim.

Aliás, como inserir as «camuflagens» no esquema da sublevação? Seria uma loucura desencadear a sublevação e ficar nas ilhas. Não obstante, é o que a «camuflagem» indica: uma defesa. Então não havia que alarmar-se: Castel estava louco.

Havia outra explicação. As «camuflagens» eram uma defesa contra um ataque **durante** a revolta (se as coisas não se cumprissem com a rapidez conveniente). Isto parecia confirmado pelo facto de que o governador não «camuflara» as outras ilhas. Se tivesse o absurdo propósito de estabelecer-se nas ilhas e fundar uma república comunista, teria «camuflado» todo o território.

Castel parecia ignorar a próxima partida de Nevers. Senão, porque lhe falava dos seus

planos secretos? Sem dúvida preocupavam-no tanto que nem sequer lia as cartas (se o substituto de Nevers estava de viagem, o governador teria recebido a comunicação). Outra explicação seria que o governador preparara o golpe para uma data anterior à chegada de Xavier.

XIV

3 DE ABRIL

Debaixo do telheiro do armazém de materiais, Nevers olhava distraidamente para os presidiários, que apareciam e desapareciam na névoa, com grandes chapéus de palha e blusas às riscas brancas e vermelhas. Houve uma aberta, e viu que ao longe vinha um homem caminhando para ele, a seguir voltou a cerração, e a seguir o homem surgiu a seu lado. Era Dreyfus.

— Tenha cuidado, meu tenente.

— Você acha que se aproveitarão destas neblinas?

— Não. Não pensava neles — disse Dreyfus, tranquilo. — Pensava nas neblinas: as mortalhas dos europeus, chamamos-lhes nós, porque matam.

Deteve-se, como para que não se perdesse o efeito da sua frase; e continuou de seguida:

— Chego da ilha do Diabo; o senhor governador deu-me esta nota para o senhor.

Entregou-lhe um sobrescrito. Nevers ficou-se olhando para Dreyfus, com o sobrescrito esquecido na mão, sem se resolver a perguntar-lhe que novidades havia na ilha. Dreyfus também o olhava, dissimuladamente. Nevers atribuiu-lhe curiosidade por saber o que dizia a

nota. Isto incitou-o a não fazer perguntas, a não saciar a curiosidade de Dreyfus. Mas não podia conter a sua própria curiosidade. Leu a nota. Bastou-lhe virar-se de repente, e surpreendê-lo a espreitar, e confundi-lo. Depois disse com indiferença:

— Parece que irei a Cayenne.

— Buscar vitualhas?

Nevers não respondeu.

— Adivinhei — sentenciou Dreyfus.

Não lhe perguntou como adivinhara. Começava a suspeitar que as palavras de Bernheim eram, pelo menos parcialmente, verídicas.

— Como vão as pinturas do governador?

— Concluiu-as. As celas ficaram muito bem.

— Pintou as celas?

— Sim, às riscas.

— Que outra novidade há na ilha?

— O pobre Cura teve um ataque de cólera. Logo quando lhe melhoravam a vida... Encontraram-no a espumar e com olhos fora das órbitas.

— Morrerá?

— Não sei. Hoje estava sem conhecimento, mas corado e robusto como nunca. O governador e o senhor De Birnon contam salvá-lo. Mais lhe valera morrer.

Nevers perguntou-lhe por que dizia isso.

Dreyfus contou-lhe a história do Cura:

O Cura foi segundo oficial no **Grampus**, que naufragou no Pacífico. Havia dezassete homens a bordo. O capitão embarcou com cinco, num bote; o primeiro oficial, com outros cinco, noutro; o Cura, com os quatro restantes, noutro. Os botes deviam manter-se à vista. Na terceira noite, o Cura perdeu os outros dois de vista. Ao cabo duma semana, o capitão e o primeiro oficial chegaram com a sua gente à costa do Chile, sequiosos e quase loucos. Ao décimo quarto dia, um barco inglês — o **Too-**

wit — recolheu o Cura: estava numa ilha de guano, no meio das ruínas dum farol abandonado, só, brandindo uma faca, furiosamente acometido pelas gaivotas; gaivotas brancas, ferozes, contínuas. Na lâmina da faca havia sangue ressequido. Analisaram-no: era de pássaros e de homens. O Cura não se lembrava da sua chegada à ilha nem dos dias que passou na ilha. Não havia mais provas contra ele além do desaparecimento dos companheiros e do sangue ressequido. Se o Cura os tinha matado — alegou Maître Casneau —, tinha-os matado num acesso de loucura.

Mas um antecedente policial — a famosa batalha de 1905, entre os figurantes do Casino de Tours — e o zelo de um acusador público nos alvores duma prometedora carreira, condenaram-no.

— O que eram os monstros? — perguntou Nevers.

— Alucinações.

— E as gaivotas?

— Verdadeiras. Se não fora aquele fragmento de farol, comiam-no vivo.

Nevers foi até ao escritório. Três horas de leitura afastaram-no de toda a ansiedade. Dentro de poucos dias partiria para Cayenne. Se fosse prudente, ver-se-ia livre de complicações na hipotética rebelião de Castel. Xavier era o homem indicado para substituí-lo; lutaria, castigaria, ordenaria. Reflectiu: se não esquecesse que o seu único propósito era sair desse maldito episódio das Guianas, voltaria muito breve a França, a Irene.

Depois recordou as notícias que lhe dera Dreyfus. Se o Cura tinha um ataque de cólera, havia peste nas ilhas. Compreendeu-o em todo o seu horror.

XV

5 DE ABRIL

Não se trata de que não entre na ilha do Diabo, de que não se suspeite o que ali ocorre; trata-se (Nevers julgava ter uma prova irrefutável) **de enganar-me, de provocar visões e medos falazes.** Já não se lembrava do contágio. Não havia enfermos de cólera. Não havia peste. O perigo era a sublevação.

Expõe como chegou a esta descoberta: para esquecer a cólera acumulava imagens agradáveis: uma alameda de Fontainebleau, no Outono; o rosto de Irene. **Eram translúcidas, como reflectidas na água: se agitava a superfície conseguia deformar provisoriamente o persistente monstro que havia no fundo.** Depois reflectiu: já que devia pensar nessa enfermidade, convinha estudá-la, preveni-la. Procurou o livro sobre enfermidades tropicais; em vão percorreu os índices: a palavra «cólera» não figurava. Depois compreendeu que num livro como o seu as enfermidades estão registadas pelos seus nomes mais vulgares; recordou que a cólera, para os profanos como ele, se denomina «vómito negro». Encontrou o capítulo sem dificuldade. Leu-o. Lembrou-se de já o ter lido a bordo. Fez a **descoberta:** os sintomas atribuídos ao Cura não eram os sintomas da cólera.

Não era natural que lhe saíssem os olhos das órbitas, não era verosímil que se pusesse a espumar, era impossível que ficasse corado e robusto. Quando viu Dreyfus, perguntou-lhe:

— Quem disse que o Cura teve um ataque de cólera?

Dreyfus não vacilou:

— O senhor Castel.

Nevers pensou comunicar-lhe a sua descoberta; Conteve-se. Cada dia Dreyfus o apreciava mais; mas Castel era ainda o seu ídolo. Para mais, Dreyfus era muito ignorante: não sabia de que tinham acusado o capitão Dreyfus; admirava Victor Hugo porque o confundia com Victor Hugues, um flibusteiro que foi governador da colónia... Nevers acrescenta: **Nunca acreditei na sua ironia. É fácil (como a de muitos camponeses). Poderia atribuir-se a um suave, a um contínuo envenenamento com folhas de sardónia.**

Mas estava tranquilo. A rebelião ocorreria na sua ausência. Dreyfus levara-lhe a lista dos artigos que devia comprar em Cayenne: não havia dinamite, nem nada que razoavelmente se pudesse traduzir por dinamite. **Castel quer afastar-me para não ter testemunhas nem opositores. Não os terá** — afirma. — **Ordena-me que parta a 8. Lamento não partir hoje mesmo. Não sou o herói destas catástrofes...**

Faz algumas «reflexões» (a linguagem é, por natureza, imprecisa, metafórica) que hesito em transcrever. Mas se atenuo a fidelidade deste relato, diminuirei também a sua eficácia contra os mal intencionados e os difamadores. Confio, aliás, que não há-de cair em mãos de inimigos de Nevers. Este diz, com efeito: **Em pensamento aplaudo, apoio, qualquer rebelião de presos. Mas na urgente realidade... há que ter nascido para a acção, saber tomar, entre sangue e tiros, a decisão feliz.** Não ignorava

os seus deveres: indagar se Castel preparava uma rebelião; sufocá-la; acusar Castel. Mas, devemos confessá-lo, não era feito da têmpera dum bom funcionário. **Todo o homem tem que estar disposto a morrer por muitas causas, em qualquer momento, como um cavaleiro** — escreve. — **Mas não por todas as causas. Não me peçam que bruscamente me interesse, me implique e morra numa rebelião nas Guianas.** Esperava com impaciência pelo dia da partida.

XVI

7 DE ABRIL

A incrível possibilidade de fugir: eis a sua preocupação. Tinha renunciado a continuar a investigação. Não queria implicar-se. A impaciência por que chegasse o dia 8 aumentava continuamente; **ontem, hoje sobretudo, foi uma insuportável ideia fixa. Agora tudo mudou.**

Ao despertar da sesta, junto da cama, numa proximidade excessiva (porque ele saía duma modorra impessoal e remota), deparou com Dreyfus. Este disse-lhe:

— Tenho duas cartas para o senhor; manda-lhas o senhor governador.

Uma estava endereçada em seu nome; a outra, a um tal Leitão, de Cayenne. Abriu a primeira. Continha uma breve nota, pedindo-lhe que trouxesse uns óculos, segundo as indicações que aduzia.

— Para quem são os óculos? — perguntou.

— Para o Cura — respondeu Dreyfus.

Isto significava que o esperariam, que o destino horrível, de que se julgava salvo, o ameaçava.

Dreyfus falou-lhe no seu tom mais sereno:

— Sabe da novidade? Abandono-o.

— Abandona-me?

— O senhor governador ordenou a minha

transferência para a ilha do Diabo. Às cinco pegarei nos meus apetrechos. Faltavam duas horas para que Dreyfus partisse. Nevers receava raciocinar como um alucinado; suspeitava que até pessoas da mediocridade de Dreyfus poderiam desfazer todas as suas provas, as suas invencíveis provas de que se congeminava uma rebelião. Mas consultá-lo, não seria uma loucura?

Entretanto Dreyfus confessou-lhe o ideal da sua vida: ir para Buenos Aires. Uns contrabandistas brasileiros tinham-lhe comunicado que por alguns cêntimos, em Buenos Aires, **um homem passeia-se de eléctrico por toda a cidade.**

XVII

Intercalo a seguir um documento que talvez ponha a claro alguns pontos do meu relato; trata-se duma carta que me dirigiu o meu sobrinho Xavier Brissac (o que substituiu Henrique Nevers nas ilhas da Salvação); leva a data do dia 8 de Abril de 1913, a bordo do cargueiro **Ularius, em viagem para as Guianas.**

Sem má-fé, guiado pela tua paixão, não, guiado por outros que apaixonadamente tudo viram através do ódio, julgaste o teu irmão Pierre e a mim, caluniaste-nos. Que sucedeu? Querias que Henrique, teu protegido, pudesse sair das Guianas e pensaste que a sua aflitiva correspondência comoveria, talvez, Pierre. Não o comoveu. Não obstante, chama-me; pergunta-me se eu aceitaria o cargo; aceito; e, como na sua juventude, aos oitenta e cinco anos, Pierre, o glorioso marinheiro, entra na batalha contra políticos e burocratas, sem tremer; consegue que me nomeiem, e parto a render o teu protegido Henrique, para o inferno. Como nos agradeces? Gracejando, calunias Pierre; a mim, a sério.

Embora seja gravíssimo o que disseste de mim, começarei por rebater o que disseste de Pierre, porque ele é o chefe da família e porque eu não sou um literato, um simpático boé-

mio, somente o capitão de fragata Xavier Brissac — que foi um verdadeiro tenente de marinha e que aspira a ser um verdadeiro capitão de marinha —, homem da sua Pátria, da sua Família, um cumpridor.

Respeitosamente, mas firmemente, declaro que a minha viagem não prova «essa perversa mania de Pierre: mandar sobrinhos para a ilha do Diabo». Prova... ... ...

Depois de ler a correspondência, Pierre deu alguns sinais de estar cansado; nenhum de estar comovido. Não crê que essas cartas devam alarmar quanto ao estado de espírito de Henrique; comenta: «Alarmar-se agora e especialmente por essas cartas? Há muito que o seu espírito me alarma e começo a acostumar-me a esse estado.» Mas sabe que se Henrique voltar terás uma satisfação; e logo dá início à campanha, ingrata campanha, para conseguir a rendição. Não lhe importa saber que o fruto desses trabalhos será uma grave redução de um castigo que ele mesmo impôs; julga saber, também, que trarão a reconciliação, a tua volta à casa de Saint-Martin e o teu abandono definitivo do que chama «o absurdo exílio nas arruinadas salinas de Saint-Pierre».

Porque decidiu que seja eu a render Henrique? Não te enganes; não é a mania...; supõe que à sombra desse notável governador da colónia, eu... ... ...

Chegou a altura de rebater a segunda calúnia. É mentira que eu seja o inventor das promessas de casar-se comigo, que fez Irene; é nefasta mentira que eu parta para a ilha do Diabo com o fim de torturar Henrique. Imagina a minha situação: devo suportar essa calúnia sem exclamar: Interroga a Irene! Jurei à Irene que não falaria até à volta de Henrique, até que ela lhe explique tudo, pessoalmente. Receia que a notícia, dita por outro, o fira demasiado. Se lhe falasses — não estando eu para defender-me —, julgaria que não me importa essa delicadeza. E, não obstante, essa preocupação de Irene a tal ponto chegou a ser a minha preocupação que, no desejo de corresponder perfeitamente, pensei, às vezes, não guardar uma literal fidelidade ao meu juramento. Com efeito, se a intenção é evitar que Henrique sofra demasiado, devo permitir que cego, sonhando com a ventura de ver a sua amada, parta ao desengano?... ... ...
... ...

Disseste que vou torturar o Henrique. Os meus nobres sentimentos são um pretexto; a verdade é que gozo em ir castigar um caído. Não esperes que perdoe ao autor desta infâmia. Sei que não és tu. Sei que repetiste o que te disseram. Sei, também, que descobrirei quem o disse: não eram muitos os que me ouviram falar. Conhecêmo-los todos. Eram da nossa família. Por isso julguei poder confiar neles. Esquecia que por isso não podia falar-lhes. Já não há pessoas livres na nossa família; há instrumentos de Pierre e instrumentos do ódio. Ignoro-o. Não posso acostumar-me a viver em contínua guerra.

Porque me vou?

Porque manda Pierre; porque tu desejas que regresse Henrique; porque Henrique deseja regressar. (Desaprovo em Henrique os factos e o pensamento. A ele não o odeio, como insinuas.) Se não me vou, tudo ficará adiado; somos uma difícil minoria, os voluntários do trópico, do cárcere, da cólera. Não tenho em vista miseráveis vitórias, nem parto às cegas. Não ignoro o meu sacrifício (que tu — digo-o amargamente — queres ignorar). O que foi uma tortura para ele que se julgava amado, que horror não será para aquele que é amado?

Tenho uma consolação: a mim tudo me espera; a ele, nada.

Como te digo, a 28, e não a 27, chegarei a Cayenne. Queria livrar-vos antes: a ele do seu justo desterro; a ti, da sua injusta correspondência. Mas perdemos três dias no ancoradouro. Espero que não haja mais atrasos.

Releio esta carta. Para tolerá-la necessitarás de muita indulgência. Eu, o enamorado da hierarquia, exortando-te a depor as tuas convicções, a seguir os meus conselhos. Eu, o pior dos teus sobrinhos, pedindo que nos nossos actos com respeito ao render de Henrique, vejas uma intenção recta. Ignoro se podes vê-la. Ignoro se há direito de pedir a um homem que não veja as coisas através da sua paixão...

... ...

Em tudo o que faz Pierre — falo com amargura — estás inclinado a ver más intenções; em tudo o que faço eu — falo sem amargura — estás inclinado a ver as suas más intenções. Não obstante, invoco a nossa família, a sua imensa dor. Deixa as salinas de Oléron para sempre. Digo-to sem egoísmo: são um mau negócio. Como diz Pierre, procuraste asilo num naufrágio. Volta para as nossas prósperas salinas de Ré. A mim, que me esperam as penúrias da ilha do Diabo, a penúria que já me preocupa é a de privar-me do sal escuro de nossa casa.

Ah, meu querido Antoine, que triste é uma desavença na família. Para bem de todos, para bem dessa pequena chama que as nossas gerações devem manter e transmitir, porque Saint-Martin, *chef de canton*, está vigilante e assim precisa para seu descanso, acabe-se com a mútua desconfiança. Como oficial de França, como sobrinho na nossa grande família...

Etcetera.

XVIII

8 DE ABRIL

A comida que lhe servia o substituto de Dreyfus era má; o café, miserável. Mas Nevers estava tranquilo. Os indícios que o tinham atormentado eram **fúteis.** Atribuía as obcessões ao clima, às brumas pestilenciais e ao delirante sol, e também a Bernheim, **esse ridículo demente.**

Não só estava tranquilo, mas aborrecido. Para sair do aborrecimento desejava conversar com Bernheim. Era verdade que algumas das suas previsões se haviam cumprido; embora não a mais importante, a que, juntamente com a atitude reservada e suspeitosa de Castel, teria indicado a possibilidade de terrorismo: não havia nenhum pedido de dinamite: **e se não chega hoje, nunca há-de chegar, porque o governador crê que esta tarde saio para Cayenne.** Pensava ficar até 14 ou até 15. O motivo do adiamento era que já faltava pouco para o dia 27 e que Nevers queria que o seu regresso às ilhas coincidisse com a chegada de Xavier Brissac. Esclarece: **Se o governador tem, realmente, intenções revolucionárias, será melhor que as coisas fiquem nas mãos do meu primo.** Julgava que não havia nada que temer. Todavia, continuaria vigilante.

XIX

11 DE ABRIL

Desembarcou às 8 em Cayenne. Escreve: **Esta cidade, onde há poucos presidiários, muitos libertados e até gente livre, é o paraíso terreno.** Diante do mercado encontrou-se com a senhora Frinziné e sua filha; convidaram-no para almoçar. Aceitou; mas diz que foi pouco amável e procura justificar-se invocando a urgência em tomar banho e mudar de roupa. Isto seria admissível se tivesse feito uma viagem por terra; depois duma viagem por mar, não tem sentido.

Chegou ao palácio e ordenou a Legrain que lhe preparasse o banho. Legrain respondeu **com toda a naturalidade** que tinham cortado a água e que até às 11 não poderia tomar banho.

Ficou tão abatido que não pôde atender nenhum assunto da administração; também não pôde ler, porque os livros estavam nas malas e esquecera-se de pedir a Legrain que as abrisse **e não tinha ânimo para abri-las ele mesmo ou para chamá-lo.**

Às onze e meia entrou Legrain e disse que havia água. Nevers deu-lhe as chaves para que abrisse as malas e tirasse a roupa. Notou que tinha um só molho de chaves: faltavam-lhe o do arquivo e o do depósito de armas. Talvez

a nova ordenança os tivesse guardado nas malas. Não podia ir buscá-los. Tinha de tomar banho e barbear-se.

Reconhece que a reunião em casa dos Frinziné foi agradável. Carlota recitou poemas de Ghill. Nevers recordava os versos:

Autour des îles les poissons-volants
s'ils sautent, ont lui du sel de la mer:
Hélas! les souvenirs sortis du temps
ont du temps qui les prit le gôut amer...

Depois, acompanhado de Frinziné, sob um sol imperturbável, percorreu as lojas de Cayenne. Comprou quase todas as coisas que lhe tinham sido encomendadas; para justificar o adiamento do regresso, esqueceu algumas (entre elas, os óculos do Cura).

Suspeito que raciocino erradamente ao supor que as actividades misteriosas que ocorrem na ilha do Diabo são políticas e revolucionárias, escreve. Talvez Castel fosse uma espécie de doutor Moreau. Custava-lhe acreditar, todavia, que a realidade se parecesse com uma novela fantástica. **Talvez a prudência que me aconselha a ficar aqui até 28 seja disparatada.**

Oprimido pelo calor, com um princípio de insolação, às cinco conseguiu safar-se do senhor Frinziné.

Foi até ao jardim botânico e esteve a descansar sob as árvores.

Bastante depois de anoitecer, voltou ao palácio.

Pensava dolorosamente em Irene.

XX

NOITE DE 10 A 11 DE ABRIL, 11 DE ABRIL

Anota: **Impossível dormir.** Recriminava-se por ter considerado tão superficialmente o esquecimento das chaves. Se os presidiários as descobriam: incêndios, rebelião, tribunal, guilhotina, ou as ilhas, até à morte. Não pensava nos meios de ir contra estas calamidades: angustiadamente via-se refutando, com esforço, com futilidade, as acusações perante um tribunal militar.

Para se tranquilizar, pensou enviar um telegrama. Que se teria dito do funcionário de um presídio que se esquece das chaves e depois comunica por telegrama o seu esquecimento? Pensou enviar uma carta. **Laboriosamente calculei que o** Rimbaud **não sairia antes de cinco dias.** De mais a mais, já grangeara a animosidade do governador. Escrever-lhe essa carta, era prudente? Pensou escrever a Dreyfus. Mas, e se Dreyfus decidisse aboletar-se com as armas e fugir? Seria uma conduta mais natural que a de aferrolhar secretamente o depósito (privando-se duma citação)...

Pela manhã estava mais tranquilo. Decidiu passar outro dia em Cayenne, descansando. Tornar às ilhas era como a recaída duma doença. Talvez o esperassem situações que alterariam, que arruinariam a sua vida.

Se ainda não encontraram as chaves, pensava, porque hão-de encontrá-las precisamente hoje? Não havia dúvida, as chaves estavam guardadas numa arca do seu escritório; a viagem era inútil. De qualquer modo iria no dia seguinte.

Do que fez a 11 não temos notícia alguma. Sabemos que ao anoitecer descansou sob as árvores do Jardim Botânico.

XXI

NOITE DE 11 DE ABRIL

Passou a noite esperando que fosse de manhã, para partir. A sua conduta parecia-lhe inconcebível. Ou parecia-lhe inconcebível (pensou com desprezo por si mesmo) porque não podia dormir? E não podia dormir, pela sua conduta ou com medo da insónia? Se havia uma probabilidade mínima de esses adiamentos porem em risco Irene (o seu porvir com Irene) era imperdoável ter-se deixado ficar. Aspirava por uma aguda consciência da situação; tinha a consciência dum actor que recita o seu papel.

Decidiu levantar-se: procuraria a lancha — a **Bellerophon** — e iria até às ilhas, em plena noite. Chegaria inadvertidamente; talvez pudesse frustrar a rebelião. Se as ilhas já estavam em poder dos rebeldes, também convinha a noite. Começou a levantar-se. Previu dificuldades para sair do palácio; as portas estavam fechadas; teria que chamar. Daria explicações? Como evitar que no dia seguinte se falasse, se conjecturasse, acerca da sua inopinada partida? Não era possível sair pela janela, havia perigo de o surpreenderem e de o reconhecerem ou não o reconhecerem e dispararem-lhe um tiro. Previu também as dificuldades com

os guardas do porto, quando fosse a sair na **Bellerophon.**

Perguntou a si mesmo se as ilhas não estariam na sua horrível calma de sempre, e se a turvação, **até algum tiro,** não os provocaria ele com a sua chegada; imaginou as explicações, a inevitável confissão a Castel. Mas estava resolvido a ir-se; queria planear os seus actos e saber as explicações que daria em cada oportunidade. Incontidamente perdia-se em devaneios: via-se guerreando nas ilhas; emocionava-se com a lealdade de Dreyfus ou censurava-o, oratoriamente, pela sua traição; ou Bernheim, Castel e Carlota Frinziné, que repetiam, rindo-se, que aquela viagem absurda o desacreditara, acabara com ele; ou pensava em Irene e consumia-se em intermináveis protestos de contrição e de amor.

Ouviu uma longínqua gritaria. Eram os libertados, com os seus carros enormes e os seus bois, recolhendo o esterco. Teve frio: era, muito vagamente, o amanhecer. Se esperasse um pouco, a sua partida não iria pasmar ninguém.

XXII

12 DE ABRIL

Acordou às nove. Estava cansado, mas recobrava a lucidez: a viagem era inútil; a probabilidade de se produzirem calamidades, insignificante. As chaves estavam no seu gabinete; nenhum presidiário e muito poucos guardas ali entravam, e não era de excluir que as chaves estivessem numa mala do escritório: as malas do seu escritório estavam fechadas; a pessoa que descobrisse as chaves tinha de descobrir que eram do arquivo e do depósito de armas: isso era difícil numa prisão, onde há tanta chave, tanta coisa fechada à chave. Pensar numa rebelião era absurdo; os presidiários estavam embrutecidos pelo rigor, e o interesse de Castel por questões sociais e carcerárias era estritamente sádico. **Devo ter estado doente** — escreve — **para acreditar nas loucuras de Bernheim.**

Viver num cárcere pode tê-lo adoentado. **A consciência e as prisões são incompatíveis,** ouvi-lhe dizer uma noite em que se achou inspirado. **A poucos metros daqui** (referia-se aos calabouços de Saint-Martin) **vivem esses pobres diabos. A única ideia deveria ser aniquilá-los.** O culpado desta loucura foi o seu pai. Se andava a passear com os pequenos e apa-

recia a **jaula** da prisão, pegava-lhes pela mão e afastava-os, freneticamente, como se quisesse livrá-los duma visão obscena e mortal. Indubitavelmente, na sua resolução de mandar Henrique para as Guianas, Pierre demonstrou dureza, mas também acerto.

Abriu a janela que dava para o pátio e chamou. Passados uns minutos respondeu a ordenança. O homem apareceu ao cabo dum quarto de hora. Perguntou:

— Que deseja o meu tenente?

Não sabia. Incomodava-o essa cara inquisitiva; respondeu:

— As malas.

— Como?

— Sim, malas, maletas, bagagens. Parto.

XXIII

Perto do mercado encontrou-se com a família Frinziné.

— Aqui nos tem — disse Frinziné, com certa exuberância. — Passeando. Todos juntos: é mais seguro. E você, onde vai com isso? (Por fim notava as malas.)

— Parto.

— Já nos abandona?

Nevers garantiu que talvez voltasse à noite. Isso tranquilizava-o muito, repetiam os Frinziné. A senhora acrescentou:

— Iremos acompanhá-lo ao porto.

Procurou resistir. Carlota foi a sua única aliada; queria voltar para casa, mas não a escutaram. Entreviu, na urgente cordialidade dos senhores Frinziné, o desejo de ocultar algo ou, talvez, de afastá-lo de algum sítio. Contemplava com nostalgia a cidade, como pressentindo que não regressaria. Envergonhado, deu por si pisando as partes mais polvorolentas da rua, para levar consigo um pouco da poeira rubra de Cayenne. Distraidamente descobriu a causa do nervosismo dos Frinziné: surpreendera-os nas proximidades do mercado.

Mas as palavras que lhe diziam eram cordiais, e esse nervosismo lembrava-lhe outras despedidas.
Humedeceram-se-lhe os olhos.

XXIV

Antes de atracar, rodeou a ilha do Diabo. Não havia novidade. Não viu ninguém. Os animais andavam soltos, como sempre. Desembarcou na ilha Real. Dirigiu-se imediatamente à Administração; lá estava o chaveiro, no escritório. Perguntou à ordenança que substituía Dreyfus se havia novidades. Não havia novidades.

À tarde, apareceu Dreyfus. Abraçaram-se como amigos que estiveram muito tempo separados. Dreyfus não parecia irónico; sorria, encantado. Por fim, falou:

— O senhor governador espera-o.

— Posso ir à ilha do Diabo?

— Impossível, meu tenente... Trouxe a encomenda da carta?

— Que carta?

— A carta que levou em nome do governador. Dei-lha com as restantes encomendas.

Meteu a mão no bolso; lá estava a carta. Improvisou:

— O homem disse-me que não teria nada antes de 26.

— Antes de 26! — repetiu Dreyfus.

— Antes de 26. Trouxe o que pude. Tornarei lá.

— Que aflição para o senhor governador. E que momento para afligi-lo.

— Que tem ele?

— Se o senhor o visse, não o conhecia. Lembra-se quando esteve aqui pela primeira vez? Ficou transformado.

— Transformado?

— Teve um ataque, mas mais forte do que nunca. Está pálido, cor de cinza. Se o visse andar; parece um sonâmbulo.

Nevers sentiu remorsos. Disse:

— Se ele quiser, vou já esta tarde. Procurarei que essa gente me entregue as coisas...

Dreyfus perguntou-lhe:

— Conseguiu os óculos para o Cura?

— Não — respondeu Nevers.

— O homem vê mal.

— É grave?

— O senhor governador diz que melhora; a doença foi má. Durante o dia mantêmo-lo às escuras; de noite, desperto. Mas não vê o que tem ao pé; não vê o seu próprio corpo; só distingue os objectos que estão a mais de dois metros dos seus olhos. Temos de lhe fazer tudo: lavá-lo, alimentá-lo. Come de dia, enquanto dorme.

— Enquanto dorme?

— Sim, acordado fica demasiado nervoso; temos de deixá-lo. Ainda delira e vê coisas.

Nevers estava arrependido. Depois pensou que os óculos não teriam impedido o Cura de ter visões. Para mudar de conversa, perguntou:

— E que outras novidades há pela ilha?

— Nenhuma. A vida é muito atribulada. Sempre a cuidar dos enfermos.

— Enfermos? Mais do que um?

— Sim. O Cura e um dos presos, um tal Julien. Ontem teve o ataque.

— Primeiro o Cura, depois Castel, depois...

— Não é o mesmo. Ao senhor governador aflige-o a sua enfermidade de sempre: dores de cabeça. É uma honra trabalhar para o senhor Castel. Enfermo como está, não se afasta um momento de Julien. E o senhor De Brinon, outro tanto: sacrificando-se todo o dia, como se não fosse um nobre. É o sangue, meu tenente, o sangue.

— Castel não sai?

— Quase nunca. Um pedaço, à noite, para ver o Cura ou para conversar com os outros presos.

— Que presos?

Dreyfus evitou-lhe o olhar. Depois, explicou:

— Os restantes, os que estão sãos. Visitam-nos no pavilhão.

— Vão contagiar-se.

— Não; nem sequer eu posso entrar no quarto. O senhor De Brinon leva a comida.

— De Brinon e o governador comem no quarto do enfermo?

— E dormem, também.

— Quantas vezes veio o governador a esta ilha e à de São José?

— Desde a ida do senhor, nem uma.

— E De Brinon?

— Também não.

— E você?

— Eu não vim. Tenho muito trabalho, asseguro-lhe.

Perguntou a si mesmo se ninguém teria notado que o cárcere estava sem chefes. Julgou prudente fazer uma inspecção e não esquecer de observar o arquivo e o depósito de armas.

XXV

Percorreu as ilhas Real e de São José. Os castigos, as desgraças, continuavam... Talvez os abusos dos carcereiros tivessem aumentado; não se notava. Sem director, a mais horrível das prisões funcionava perfeitamente. Esses condenados só podiam roubar um bote e naufragar à vista das ilhas ou matar-se de encontro a uma latrina. Toda a rebelião era inútil. Tivera uma ideia fixa, uma humilhante loucura.

Nesse momento puxaram-lhe por um ombro. Deu meia volta e viu-se nos olhos dum velho presidiário, um tal Pordelanne. Pordelanne começou lentamente a levantar o braço direito; Nevers retrocedeu e pôde ver que o homem tinha na mão um objecto verde e vermelho. Mostrava-lhe uma diminuta casota de cão.

— Vendo-lha — disse com voz aflautada. — Quanto me dá?

Pordelanne arregaçou um pouco as calças e ajoelhou-se cuidadosamente. Depositou no solo a casota, acercou a cara da porta e gritou: «Constantino!» Imediatamente saltou um cão de madeira. Meteu-o de novo dentro, bateu palmas e o cão tornou a sair.

— Fê-la você? — perguntou Nevers.

— Sim. O cão sai por acção do som. Quando as pilhas se gastam, mudam-se. Quanto me **dá?**

— Cinco **francos.**

Deu-lhe quinze e continuou o trajecto, incomodado, sentindo que esse brinquedo provocaria o seu descrédito.

Notou algumas mudanças na lista dos presos do barracão vermelho: Deloge e Favre tinham sido transferidos para a ilha do Diabo; Roday e Zurlinder, da ilha do Diabo, substituiam-nos. Nevers recordou o nervosismo de Dreyfus quando falaram dos presidiários; perguntou a si mesmo se Castel teria esperado pela sua ida a Cayenne para ordenar a mudança; não se indignou; pensou que o governador talvez não tivesse sido injusto; na ilha do Diabo os presos recebiam melhor trato; era possível que entre os setecentos e cinquenta presidiários que havia nas ilhas Real e de São José algum o merecesse, e que três dos quatro presos políticos que havia na ilha do Diabo fossem canalhas irremediáveis. Não obstante, em princípio, opunha-se a misturar os presos comuns com os políticos.

Voltou à administração; foi ao arquivo. Livros, sapatas, teias de aranha, tudo estava intacto. Foi ao depósito de armas: não faltava nada. Ao fundo, como sempre, estavam as metrabalhadoras Schneider; à direita, no chão, as caixas de munições, bem fechadas, cheias (tentou levantá-las); à esquerda, o barril de óleo de máquina de coser, que usavam para as armas; também à esquerda, nas estantes, as espingardas. Todavia, a cortina amarela corrida sobre as estantes das espingardas estava aberta, **e na sua lembrança estava fechada.** Empreendeu uma nova inspecção. Chegou ao mesmo resultado: com excepção da cortina, tudo estava em ordem. Talvez, pensou, talvez

algum pobre diabo que descobriu as chaves e depois de examinar o depósito preferiu imaginar que não se tinha preparado, que a hora não era boa e que lhe faltava um cúmplice; que lhe convinha deixar as chaves e tornar à noite (quando tivesse um plano, e, sobretudo, um bote com mantimentos). Nevers confessa que ao fechar a porta e guardar as chaves lamentou frustar os planos desse desconhecido.

Entrou no seu quarto, pousou o jogo de chaves na cómoda, fechou as persianas e recostou-se. Dreyfus impressionara-o: talvez Castel não fosse um canalha. **Um bom director não se esquece assim por completo da prisão, não admite que ela possa funcionar sozinha. Todo o bom governante crê na necessidade de mandar, de causar dano... Talvez Castel fosse um homem excelente.**

Os sintomas do Cura não corresponderem aos da cólera, nada provava contra o governador; talvez o Cura tivesse uma doença parecida com a cólera, e o governador dissera cólera para simplificar, para que Dreyfus entendesse; ou talvez Dreyfus tivesse ouvido mal, ou se tivesse explicado mal.

Os seus receios eram ridículos. Doía-se de ser por vezes maníaco, ou louco. Mas também sentia alívio: tinha de esperar até à chegada de Xavier, mas tinha de esperar um mundo normal, com uma mente normal. Recordou-se então da proibição de ir à ilha do Diabo. No entanto existe, pensou, algum mistério.

XXVI

O mistério da ilha do Diabo não me compete, ainda que exista. É prodigioso quanto tardou o meu sobrinho em chegar a esta conclusão. Para nós, que ingenuamente cremos no dever, esse mistério não seria indiferente.

Não era este o caso de Nevers. **Uma vez mais lembrei-me que a estadia nas Guianas era um episódio na minha vida... O tempo dissipá-lo-ia, como a outros sonhos.**

Passou de uma a outra obcessão. Considerava-se culpado da cegueira do Cura e da falta de remédios para os doentes. Decidiu ir imediatamente a Cayenne, buscar as encomendas que não trouxera. Chamou a ordenança. Ninguém respondeu. Fez a mala e levou-a ele mesmo até à **Bellerophon.**

Antes de partir costeou a ilha do Diabo, lentamente. Viu um presidiário que pescava nas escarpas da ponta Sudoeste. Rodeado pelos barrancos e, mais acima, por bosques de esquálidas palmeiras, o lugar estava fora das vistas dos moradores das ilhas Real e de São José, e até, a menos que lá subissem expressamente, dos moradores da ilha do Diabo. Achou-se uma súbita inspiração e resolveu falar com esse homem. Quase não havia perigo de o surpreen-

derem, e **se me surpreendessem, as consequências seriam tardias.**

Atracou; fez um nó complicadíssimo, que excluia qualquer possibilidade de uma retirada veloz.

O presidiário era imensamente gordo. Espreitava em torno de si, como a certificar-se de que não havia ninguém. A Nevers pareceu-lhe que o gesto convinha a si, não ao presidiário; em seguida admitiu a possibilidade de que o homem tramasse algum ataque. Com este, pensou, a contenda não é perigosa. Mas depois ninguém ignoraria a sua visita à ilha do Diabo. Era tarde para retroceder.

— Que tal a pesca? — perguntou.

— Muito boa. Muito boa para não aborrecer — o presidiário sorria nervosamente.

— Está melhor do que no barracão vermelho?

Com reprimida agitação ouviu uns passos que se acercavam, por cima; abrigou-se contra um arbusto espinhoso. Em redor, sem fixar o olhar, o homem sorria, dizia:

— Isto é uma maravilha. Nunca poderei agradecer ao senhor governador o que fez por mim.

— Você é Favre ou Deloge?

— Favre — disse o homem batendo no peito. — Favre.

— Onde vive? — perguntou Nevers.

— Por aqui — Favre indicou o alto do barranco. — Numa choça. Deloge vive noutra, mais além.

De novo ressoaram os passos. Desde a sua chegada às Guianas, ouvia continuamente caminhar as sentinelas; nunca as ouvira caminhar com passos tão retumbantes e tão numerosos. Acantonou-se ao arbusto.

— Quem passa? — perguntou.

— O cavalo — respondeu Favre. — Não o viu? Suba os **barrancos.**

Não sabia que fazer; não queria contrariar o presidiário, e receava que ao subir ele aproveitasse esse momento para correr para a lancha e escapar-se; subiu com dissimuladas precauções (para que não o vissem de cima, para não perder de vista o homem que estava em baixo). Um cavalo solto — branco e velho — dava voltas sobre voltas. O presidiário não se moveu.

— Que tem ele? — perguntou Nevers.

— Não sabe? Quando o soltamos põe-se a dar voltas como um demente. Dá-me riso: nem que morra de fome. Nesta ilha todos os animais estão loucos.

— Uma peste?

— Não. O senhor governador é um verdadeiro filantropo: traz animais loucos e cura-os. Mas agora, com os enfermos, não pode atender os animais.

Não queria que a conversa se interrompesse; disse distraidamente:

— Então, não se aborrece aqui?

— O senhor sabe das condições. Menos mal que de noite passamos um pedaço falando com o senhor governador.

Absteve-se de perguntar de que falavam. Nesse primeiro diálogo devia conformar-se com algum dado sobre as pinturas que fizera o governador no pavilhão central. Para abordar directamente o tema, perguntou:

— As condições?... Que condições?

O homem levantou-se e, dramaticamente, deixou cair a cana:

— O senhor governador mandou-o falar comigo?

— Não — disse Nevers, confuso.

— Não minta — gritou o homem, e Nevers perguntou-se se o ruído do mar calaria esses gritos. — Não minta. Não me surpreendeu. Se faltei à minha palavra, foi por engano. Como

podia crer que o tinham mandado para me tentar?

— Para o tentar?...

— Pelo seu aspecto julguei que podíamos falar. Esta noite mesmo explicarei tudo ao senhor governador.

Nevers pegou-lhe pelos braços e sacudiu-o.

— Dou-lhe a minha palavra que o senhor governador não me mandou tentá-lo, nem espiá-lo, nem nada que se pareça. Você não pode falar com ninguém?

— Com Deloge.

— Você deve um grande favor ao senhor governador, e agora quer entristecê-lo dizendo-lhe que não cumpriu as suas ordens. Isso não é gratidão.

— Ele diz que o faz para nosso bem — gemeu o presidiário. — Diz que vai salvar-nos, e que se falamos...

— Se falam prejudicam-se — interrompeu-o Nevers, guiado pelo seu invencível instinto de perder as oportunidades. — Eu também os ajudarei. Não direi nada, e evitaremos um desgosto ao senhor governador. Você também não falará. Posso contar com a sua promessa?

O homem, afogado por uns débeis gemidos, ofereceu-lhe a sua mão molhada. Nevers viu-a brilhar no crepúsculo, e estreitou-a com entusiasmo.

Depois regressou à ilha Real. Mantinha a sua intenção de ir a Cayenne; iria na manhã seguinte, porque preferia não viajar de noite.

XXVIII

— Que alvitra? — inquiriu Dreyfus. Eram dez da manhã. Nevers vestia-se.

— Vou a Cayenne.

— O governador quer que não se moleste — replicou Dreyfus. — Se o homem não tem nada até 26, é inútil que o senhor vá. O governador quer visitá-lo.

Dreyfus retirou-se. Nevers sentia remorsos pela sua conduta anterior. Não obstante, perguntou a si mesmo como faria para falar de novo com Favre. Depois da nobre troca de promessas e do acordo das suas vontades (evitar desgostos a Castel, evitar desobediências a Castel), não havia lugar para outra conversa.

Era quase noite quando desceu ao ancoradouro. No caminho encontrou-se com a ordenança. O homem perguntou-lhe:

— Vai a Cayenne?

— Não. Vou experimentar a **Bellerophon**. Anda mal.

Era uma péssima desculpa. Os motores interessam o género humano: receou que a ordenança o seguisse, ou que pelo ruído do motor descobrisse a mentira. Afastou-se rapidamente. Subiu para a lancha, pô-la em marcha e saiu mar fora. Navegou ora numa, ora noutra direc-

ção, como se fosse a verificar o motor. Depois dirigiu-se à ilha do Diabo.

Favre agitou um braço. Estava no mesmo lugar, pescando com outro presidiário. Nevers não avistou mais ninguém.

Favre saudou-o alegremente e apresentou-o ao seu companheiro Deloge, a quem disse:

— Não te assustes. O senhor é um amigo. Não dirá nada ao senhor governador.

Deloge desconfiava. Era pequeno, ou assim parecia ao lado de Favre; tinha cabelos ruivos, um olhar vagamente estranho e uma expressão aguda e ansiosa; com mal dissimulada curiosidade, escutava Nevers.

— Não receies — insistia Favre. O senhor quer ajudar-nos. Podemos falar com ele e saber o que vai pelo mundo.

Nevers julgou descobrir que se estabelecera uma espécie de cumplicidade entre ele e Favre; quis aproveitá-la, e falou, sem prudência nem tino, da sua resolução de abandonar as ilhas quanto antes. Perguntou a Favre:

— Você, se pudesse ir daqui, que lugar escolheria para viver?

Deloge agitou-se como um animal assustado. Isto pareceu estimular Favre, que disse:

— Iria para uma ilha solitária.

Até chegar às ilhas, Nevers sonhara com isso. Indignou-o que esse sonho pudesse enganar um recluso da ilha do Diabo.

— Mas, não prefere tornar a França, a Paris? Talvez a América?

— Não — replicou. — Nas grandes cidades não é possível encontrar a felicidade. (Nevers pensou: esta é uma frase que ele leu, ou já ouviu).

— Além do mais — esclareceu Deloge, com voz profunda —, o senhor governador explicou-nos que, mais dia menos dia, nos descobririam.

— Ainda que nos perdoassem — apressou-se a dizer Favre —, todos nos olhariam com desconfiança. Até a nossa família.

— Ficaríamos marcados — afirmou com súbita alegria Deloge. Repetiu: Marcados.

— Deloge — disse Favre, apontando para ele — queria ir para Manoa, no El Dorado.

— El Dorado? — perguntou Nevers.

— Sim; as cabanas de barro têm tecto de ouro. Mas eu não garanto nada, porque nada vi. Castel desenganou-nos. Diz que o ouro ali vale tanto como a palha. Mas eu compreendo as razões dele: Manoa fica no interior das Guianas. Como passar pela zona vigiada?...

— Favre calou-se bruscamente; depois disse, nervoso:

— É melhor que se vá. Se aparece Dreyfus, ou o governador se inteira...

— Dreyfus nunca sai de noite — grunhiu Deloge.

— Para mim também é tarde — asseverou Nevers. Não queria contrariar Favre; não sabia que dizer para tranquilizá-lo. Apertou-lhe muito a mão, semicerrou os olhos e inclinou a cabeça: uma linguagem efusiva e adequadamente imprecisa.

Castel preparava-os para uma evasão? Talvez as enfermidades de Julien e do Cura frustrassem os planos... Pensava levá-los para uma ilha. Perguntou a si mesmo que ilhas adequadas havia no Atlântico. Não podia levá-los para o Pacífico. **Se não os passa por um túnel... O assunto não é comigo... Sobretudo se estou ausente.**

Mas não entendia os planos de Castel. Enquanto permanecesse nas ilhas procuraria averiguar sem se arriscar. Talvez julgasse ter um compromisso comigo. Confiara-me tantas suposições disparatadas, que agora, perante algo inverosímil, queria pôr as coisas a claro.

XXVIII

Não faltará quem denuncie a minha responsabilidade no delirante plano que proporcionou a Nevers as suas ambíguas descobertas e a sua morte enigmática. Não rejeito responsabilidades, mas não hei-de arcar com as que não mereço. Disse no capítulo anterior: «Talvez julgasse ter um compromisso comigo. Confiara-me tantas suposições disparatadas, que agora, perante algo verosímil, queria pôr as coisas a claro». Repito isso. Reconheço isso. Nada mais.

Dreyfus anunciou-lhe para a noite a visita do governador. Nevers andou preocupado; cerca das dez da noite esboçou o plano, e, em seguida, tomou uns copos para se animar a executá-lo. Até às onze julgou que o governador o visitaria: depois duvidou, e depois julgou que era absurdo tê-lo esperado. Com essa convicção, o álcool e o primeiro tomo dos **Ensaios** de Montaigne, adormeceu sobre a escrivaninha. Acordou-o o governador.

Inculpar-me com uma responsabilidade directa seria injusto: Nevers esboçou o plano às dez, cumpriu-o à meia noite, e eu estava em França e ele nas ilhas da Salvação. Quanto a uma responsabilidade geral por não tê-lo desencorajado de tão irregulares actividades, tam-

bém a nego. Se algum dia se recuperarem as minhas cartas a Nevers ver-se-á que são muito poucas e que se demonstro algum interesse pela sua «investigação», é, apenas, o interesse que exige a cortezia... Talvez se pergunte como, sem que ninguém o estimulasse, esse homem que não era em extremo audaz inventou essas mentiras infames, que punham em perigo a sua vida, ou a sua liberdade, ou o regresso que tão apregoadamente desejava; como se atreveu a dizê-las; como teve decisão e habilidade para fingir diante do governador, e para convencê-lo.

Antes de mais, Nevers não era tímido; não era verbalmente tímido. Não lhe faltava coragem para enfrentar as consequências do que dizia. Declarava-se desinteressado pela realidade. Interessavam-no as complicações. Pode corroborar-me a sua complicação (sem dúvida aparente) no assunto que o obrigou a partir de França. Pode corroborar-me a sua atitude no cárcere (desde o primeiro instante, pôs em causa, dum modo plenamente irregular, a conduta do seu chefe). Pode corroborar-me certa senhora de Saint-Martin.

Além do mais, sendo certo que ninguém o estimulou, é inexacto que nada o estimulou: tinha bebido. Estimulou-o, também, o estado do governador.

Nevers acordou porque sentiu uma pressão no ombro. Era a mão do governador. O governador não olhava para ele; começou a mover-se; rodeou a escrivaninha e foi sentar-se diante de Nevers. **Ia um pouco à deriva**, caminhava desviando-se ligeiramente; evitou a cadeira por um metro ou dois; voltou atrás e sentou-se, exânime. Tinha a expressão difusa, os olhos semicerrados e encovados. A cor dele era cadavérica, **como a das caras dos maus actores, quando representam pàpéis de velhos**. Talvez

esta aprência de mau actor lembrasse a Nevers a sua intenção de representar.

O governador parecia doente. Nevers recordou-se das dores de cabeça e dos ataques de que lhe falou Dreyfus; recordou-se da ridícula expressão de Dreyfus: «parece um adormecido». Pensou que as faculdades críticas de Castel deviam estar diminuídas... Se este descobrisse algum ponto frouxo na sua exposição, deixá-lo-ia passar, para não se cansar. Resolveu tentar a sua jogada supérflua e desesperada, e, solenemente, levantou-se.

— Sabe porque estou aqui?

Falou quase aos gritos, de maneira a infligir um verdadeiro suplício a Castel. Este, com efeito, fechou os olhos e agarrou a cabeça entre as mãos.

— Estou aqui porque me acusam de ter roubado documentos.

Nessa noite mentiu levado pelo mesmo impulso, pela mesma desesperada curiosidade que o fez mentir anos antes na ocasião recordada pela sua perene cicatriz. Continuou em voz mais baixa (para ser ouvido).

— Acusam-me de ter vendido esses documentos a uma potência estrangeira. Estou aqui por uma **chantage**. A pessoa que descobriu esse roubo sabe que estou inocente, mas também sabe que as aparências me acusam e que ninguém acreditará na minha inocência; disse que se eu me afastasse de França por um ano, não me denunciaria: eu aceitei, como se fosse culpado. Agora, naturalmente, atraiçoou-me. A 27 chega o meu primo Xavier Brissac, com o doloroso dever de me substituir e de entregar ao senhor a ordem da minha detenção.

Por fim o governador perguntou-lhe:

— Diz a verdade?

Nevers anuiu.

— Como faço para saber que você está inocente? — perguntou o governador, extenuado, exasperado. No fundo desse cansaço, Nevers adivinhava **a firmeza de quem tem meios para resolver a situação.**

— Antoine Brissac — respondeu ligeiramente Nevers —; pergunte-o a meu tio Antoine; senão, ao próprio Pierre. O senhor conhece-os. A vida entre presidiários começa a minar o carácter do meu sobrinho. Invocar Pierre passará, talvez, por uma vingança travessa; mas o seu abuso da minha amizade não é correcto. Além do mais nós estavamos em França e se a história de Nevers fosse verídica, como poderia Castel obter **imediatamente** o nosso testemunho?

— Está certo de que o condenaram?

— Certo — respondeu Nevers.

Interrogavam-no; acreditavam-no.

O governador, com voz apagada e trémula, tornou a perguntar se estava certo; Nevers respondeu-lhe que sim. O governador exclamou com certa vivacidade:

— Regozijo-me.

Depois fechou os olhos e escondeu a cara entre as mãos. Retirou-se, protestando porque Nevers queria acompanhá-lo.

XXIX

Sacou a pistola.

Estava paralisado. Pensava rapidamente, como delirando, com imagens. Queria compreender, resolver. Não podia.

Lento e determinado, cruzou o quarto, abriu a porta, percorreu as intermináveis galerias, subiu a escada de caracol e entrou no seu quarto, às escuras. Fechou a porta à chave. Acendeu a luz.

Tinha a impressão de ter caminhado como um sonâmbulo, como um fantasma. Não sentia sono, nem cansaço, nem dores; não sentia o seu corpo; aguardava. Pegou na pistola com a mão esquerda e estendeu a direita. Viu-a tremer.

Nesse momento — ou muito depois? — bateram à porta.

Aquilo era o que aguardava. Não obstante, não se atemorizou. Depois dum pesadelo, aquela chamada despertava-o. Nela reconheceu a realidade, com júbilo. Nevers, como tantos homens, morreu ignorando que a sua realidade era dramática.

Deixou a pistola sobre a mesa e foi abrir. Entrou Kahn, o guarda. Tinha visto luz no quarto, e «vinha conversar»...

Kahn, respeitosamente, mantinha-se de pé, junto à mesa. Nevers pegou na pistola e ao dizer que tinha de desarmá-la e limpá-la soltou-se-lhe um tiro.

Suspeito que quando da breve, talvez, heróica representação perante Castel vislumbrou possíveis consequências. Os seus nervos não resistiram.

XXX

O plano de Nevers consistira em apresentar como assunto público o assunto das salinas que dividiu a nossa família e o afastou de França; quem sabe se não terá praticado um grosseiro paralelismo com o caso de Dreyfus, e não creio indispensável insistir sobre este frívolo emprego duma questão que qualquer de nós, nas mesmas circunstâncias, teria observado com respeito e com pavor.

Estimulado pelo álcool pensou, talvez, que a situação perigosa, que a situação insustentável em que se punha, não teria consequências. A última conversa com Favre e com Deloge convencera-o de que **o governador preparava a fuga para dali a pouco; as trocas de prisioneiros entre as ilhas do Diabo e São José e Real têm um significado indubitável: concentrar prisioneiros cujas penas são injustas. As consequências da minha falsa confissão podem ser: que o governador me leve à ilha e me revele os planos, mas me faça participar na fuga, (tratarei primeiro de investigar e depois de subtrair-me à fuga); ou que, por um justificado rancor, não me leve à ilha, não me comunique nada nem queira que participe na fuga. Outras consequências não terá a minha «con-**

fissão», mesmo que Xavier chegue antes do golpe. O governador não se acha em situação de procurar complicações; não me acusará. Tão-pouco esperará que chegue Xavier. Tudo isto era uma absurda maneira de raciocinar; se Castel tivesse querido que alguns presidiários se evadissem não precisava para isso de evadir-se (podia partir quando quisesse; não estava preso).

Passaram quatro dias e Nevers não teve notícias do governador. Este silêncio não o desanimou; deu-lhe a incrível esperança de que as suas palavras não teriam consequências. Ao quarto dia recebeu uma nota, com a ordem de apresentar-se na ilha do Diabo a 24, ao anoitecer.

XXXI

16 DE ABRIL

À meia-noite, como nas noites anteriores, abriu a porta do seu quarto, pôs-se à escuta, caminhou pelo corredor escuro. Desceu a escada rangente, procurando não fazer ruído, ouvir. Passou pelo escritório, pelo vestíbulo enorme a cheirar a creolina. Abriu a porta: achou-se fora, numa noite pesadíssima, cheia de nuvens.

Caminhou em linha recta, depois dobrou à esquerda e chegou a um coqueiro. Suspirou; trémulo, procurou ouvir se alguém ouvira o suspiro. Caminhou silenciosamente: deteve-se noutra árvore; tornou a caminhar; chegou a uma árvore de ramos baixos, pendentes sobre a água; entre os ramos, viu a forma dum bote, e, em redor, espumas espectrais que se desfaziam e refaziam no negrume reluzente do mar. Pensou que se ouviriam as remadas, mas que teria de remar logo, que não podia expor-se a que a corrente o levasse para o largo. Subiu para o bote e remou tumultuosamente.

Dirigiu-se para a ilha do Diabo, ao lugar onde estivera com Favre e com Deloge. A travessia era um pouco extensa, mas o sítio de desembarque parecia-lhe relativamente seguro. O roçar como de esponjosas calotes sacudia o fundo do bote e superfícies de palidez cadavé-

rica deslizavam em redor. Tinha pensado (dias antes da primeira travessia) que essas brancuras efémeras seriam ondas iluminadas pelo vago luar passando através de aberturas nas nuvens; depois lembrara-se que os presidiários que morriam nas ilhas, de noite os levavam a esse bote e os arrojavam ao mar; tinham-lhe contado que os tubarões rondavam o bote, como cães impacientes. O asco de tocar num tubarão impelia-o a desembarcar em qualquer parte, mas prosseguia até ao sítio em que se propusera desembarcar. Não sabia se admirar o seu valor ou desprezar-se pelo medo que sentia.

Atou o bote, e trepou pelo barranco do extremo sudoeste da ilha. O barranco pareceu-lhe mais curto; em seguida encontrou-se no bosque de palmeiras. Era a quarta noite que atingia aquelas árvores. Na primeira julgou compreender lucidamente os perigos a que se expunha, e decidiu regressar. Na segunda, rodeou a choupana de Favre. Na terceira, chegou a rondar o pavilhão central.

Saía do renque de árvores, em direcção à choupana de Favre, quando viu duas sombras que avançavam para ele. Retrocedeu passando de uma palmeira a outra. Arrojou-se ao chão; deitou-se num solo chilreante e movediço de insectos. As sombras entraram na choupana. Como a choupana estava às escuras, pensou que seriam Favre e Deloge, de volta da sua conversa com o governador; decidiu visitá-los.

Todavia não acendiam nenhuma luz; talvez lhe conviesse ir até à janela e espiar. Nesse momento saiu um dos homens, cambaleando. Depois apareceu o outro. Caminhavam um adiante do outro e levavam algo, como uma maca. Nevers olhou atentamente. Levavam um homem.

Imóvel, sepultado no meio dos insectos esperou que se afastassem. Depois correu até ao bote e fugiu da ilha. No dia seguinte, ao escrever-me, lamentou ter ficado longe, não ter visto a cara dos homens.

No outro dia não foi conversar com Favre e Deloge. Nem tão-pouco à noite. Não foi na tarde seguinte. Não foi no dia 18. Nunca mais iria. Iria dia 26 a Cayenne. A 27 chegaria Xavier, e ele, incompreensivelmente, regressaria a França. Estava livre do sonho abominável das ilhas da Salvação e parecia-lhe absurdo imiscuir-se em coisas já passadas.

XXXII

Que o surpreendessem os guardas da ilha Real não teria tido consequências (é claro que não o reconhecendo, ou fingindo não reconhecê-lo, a consequência seria um tiro). Mas se o surpreendessem na ilha do Diabo teria sido grave. Talvez tudo se reduzisse a dar uma explicação impossível; mas se os mistérios da ilha eram atrozes — como parecia indicar a aventura do dia 16 —, não seria absurdo supor que nas visitas à ilha arriscava a vida. Quem era o homem que tinham retirado da choupana de Favre? Que lhe sucedera? Estava enfermo? Tinham-no assassinado?

Na noite de 19 a tentação venceu-o e ergueu-se para ir à ilha; à porta da administração falavam animadamente dois guardas; regressou ao quarto e disse para consigo que o destino postara ali esses guardas para dissuadi-lo. Mas foi no dia 20; ficou alguns minutos e regressou com a impressão de salvar-se de um perigo considerável. A 21 tornou a ir. A choupana de Deloge estava iluminada. Sem mais precauções caminhou até à janela, espiou: Deloge, com os seus cabelos negros, mais negros do que nunca, preparava um café; estava sério, assobiava, e com a mão direita, e por momentos com as duas

mãos, dirigia uma orquestra imaginária. Nevers teve ganas de entrar e de perguntar-lhe o que se passara com Favre. Mas o seu propósito era averiguar o que sucedia no pavilhão central; estava decidido a que aquela fosse a sua última incursão na ilha.

Dirigiu-se ao pavilhão central, passando de uma para outra árvore. De repente, deteve-se: dois homens avançavam para ele. Nevers refugiou-se atrás duma palmeira. Seguiu-os de longe, perdendo tempo a esconder-se atrás das árvores. Os homens entraram na choupana de Deloge. Acercar-se para espiar era perigoso: teria de passar diante da porta ou dar uma volta demasiado por largo. Preferia aguardar. Sabia o que aguardava. Apareceu à porta um dos homens: cambaleava, como se arrastasse algo. Depois apareceu o outro. Levavam um homem. Nevers ficou-se um instante entre as árvores. Depois entrou na choupana. Pareceu-lhe que tudo estava em desordem, **como nas fotografias do quarto do assassinato.** Lembrou-se que a desordem era a mesma que vira pela janela, quando Deloge preparava o café. A chávena de café estava sobre o fogareiro. No quarto havia um vago cheiro a enfermaria. Nevers voltou à ilha Real.

XXXIII

Aproximava-se a data do regresso, e Nevers perdia interesse pelos mistérios da ilha do Diabo, sentia ânsia de partir, de ver-se definitivamente livre da obcessão desses mistérios. Estava resolvido a partir no mesmo barco em que chegava Xavier; a 26 estaria em Cayenne; a 27 regressaria às ilhas, com Xavier; a 29 partiria para França. Mas antes seria a noite de 24; a noite que devia passar na ilha do Diabo.

Urdiu precauções para essa noite inevitável: ataria o bote à **Bellerophon**, levá-lo-ia a reboque até à árvore, onde sempre desembarcara, e depois iria na lancha até ao ancoradouro da ilha. Se fosse necessário fugir, teria o bote num lugar seguro. Alterou o plano: era melhor deixar a **Bellerophon** num local secreto e chegar de bote ao ancoradouro. Para uma fuga a lancha era mais útil.

A 24, às sete e meia da tarde, meteu-se na **Bellerophon** e desembarcou sob a árvore. Subiu o barranco, atravessou o pequeno bosque de palmeiras e caminhou até ao pavilhão central. Bateu palmas; ninguém respondeu; quis entrar; a porta estava fechada. Regressava, quando se encontrou com **Dreyfus**, que parecia vir do ancoradouro.

— Onde desembarcou? — perguntou Dreyfus. — Estou a aguardá-lo desde as seis. Já pensei que não vinha.

— Faz tempo que bato à porta. Quase me dispunha a ir embora.

— Aqui andam muito atarefados. O senhor governador aguardou-o até há instantes. Onde desembarcou?

Nevers fez um gesto na direcção do ancoradouro.

— Para que me chamam? — perguntou.

— Não sei. O senhor governador roga-lhe que durma esta noite na cabana de Favre. Amanhã arranjo-lhe um quarto no pavilhão central.

— Favre está doente?

— Está.

— Estão doentes o Cura, Julien e Deloge?

— Como sabe que Deloge está doente?

— Como sei não importa. O que importa é que me tragam aqui para me contagiar. Que me façam dormir nesta choupana, para que não possa salvar-me do contágio.

Foram até à choupana. Tudo estava muito limpo, muito bem arranjado. Nevers pensou que era difícil conseguir bons criados e que devia tratar de levar Dreyfus para França. Dreyfus disse-lhe:

— Como estive à sua espera, não pude ocupar-me da cozinha. Trarei a comida às nove. Queira desculpar.

Nevers levara um livro de Baudelaire. Entre os poemas que leu, menciona «Correspondances».

Das nove às nove e meia esteve quase tranquilo, quase alegre. A comida era excelente e a presença de Dreyfus confortava-o. Quando se achou só, voltou a ler. Pouco antes das onze apagou a luz e foi pôr-se à porta. Passou muito tempo. Tinha sono e cansaço. Pensou que passara tanto tempo, que podia considerar-se livre por essa noite, e que podia deitar-se. Antes veria as horas. Acendeu um fósforo. Tinham passado catorze minutos. Encostou-se à porta. Esteve assim muitíssimo tempo. Afirma que se lhe fechavam os olhos.

Abriu os olhos: ainda a certa distância, dois homens encaminhavam-se para ele. Voltou para dentro e em seguida pensou que tinha de sair e esconder-se no meio das árvores. Mas os homens vê-lo-iam sair. Estava numa armadilha. Depois tentou e conseguiu sair pela janela (com dificuldade, era muito pequena). Ficou-se a olhar; não por curiosidade: tinha tanto medo que não podia mover-se.

Os homens entraram na choupana. O menos alto inclinou-se sobre a cama. Nevers ouviu uma exclamação de ira.

— Que há? — perguntou uma voz suavíssima.

— Acenda um fósforo — disse a voz conhecida.

Nevers fugiu na direcção da lancha.

XXXIV

Na madrugada do dia 25, Nevers desembarcou em Cayenne. Foi imediatamente ao gabinete do governador. Deitou-se, mas não conseguiu dormir. Estava nervoso e, para se acalmar e ordenar as suas ideias, escreveu-me estas linhas:

Estou em guerra aberta com o senhor Castel. A todo o momento chegará das ilhas a ordem da minha detenção. É verdade que lhe convém não se mexer; se me obriga a defender--me, sairá vencido.

Terei que prevenir Xavier. Se o governador o convence, quem sabe o que me espera. Mas se eu o convenço, o problema será impedir que Xavier inicie um processo contra Castel, me obrigue a fazer declarações e adie o meu regresso.

Lembrou-se da incumbência da carta. Tirou o envelope do bolso, e leu:

«M. Altino Leitão,
18 bis rue des Belles-Feuilles,
Cayenne»

Foi até ao fogareiro que havia para preparar o pequeno almoço e aqueceu água. Depois molhou os dedos e passou-os pelo fecho do sobrescrito. Procurou abri-lo, com aparente habilidade (primeiro), com impaciência (depois). Rasgou o papel; leu:

«Estimado amigo Leitão:

Agradecerei que entregue ao portador uma dupla remessa da sua acreditada dinamite. Temos aqui urgentes e transcendentes trabalhos.

Sou seu atento, seu fidelíssimo cliente.

Fdo. Pedro Castel. 6 de Abril de 1914».

Passada a surpresa do primeiro momento — pelo governador não o mencionar a ele —, Nevers, ironicamente, procurou fechar o sobrescrito. Ver-se-ia que fôra aberto. Procurou imitar, noutro sobrescrito, a letra de Castel. Falhou.

Às oito entrou Legrain, muito sujo e com uma enorme auréola de cabelos. Nevers perguntou-lhe a que horas chegava o barco de Xavier.

— Chega amanhã, às ilhas.

— E aqui?

— Aqui não vem.

Decidiu voltar no dia seguinte às ilhas, com a dinamite. Se Castel não dissesse nada a Xavier, ele não diria nada e **Castel convencer-se-á da minha intenção de não falar. Se Castel me acusa, tenho a dinamite, como argumento.**

— Diga-me, Legrain, quem é um tal Leitão?

— Leitão? É presidente duma parceria de contrabandistas brasileiros. A parceria mais forte. Se algum fugitivo cai nos seus barcos — embora prometam levá-lo à Trinidad, embora lhe cobrem a viagem, creia-me —, acabam por abri-lo à procura dos supositórios com dinheiro. Em terra não é perigoso.

Nevers pensou que a melhor arma contra Castel era essa carta. Devia guardá-la; era mais convincente que os próprios explosivos. Além do mais, para conservar a carta era indispensável não visitar o contrabandista. Escreve-me: **Mas se mostro a carta não demonstro apenas a amizade censurável de Castel com o contrabandista; demonstro que violei correspondência.** Duvido que se tenha deixado enganar por esta falácia; suponho, antes, que temia voltar às ilhas sem cumprir as ordens de Castel.

De qualquer modo, pensou, não convém que Leitão descubra que a carta foi aberta. Depois de uma longa meditação diante da máquina de escrever, encontrou a solução. Num sobrescrito azul, sem timbre, escreveu à máquina o nome e a direcção de Leitão.

Às nove estava na **rue des Belles-Feuilles.** Abriu a porta uma negra seminua; levou-o a um pequeno escritório cheio de livros e disse-lhe que ia avisar o senhor.

Pouco depois entrou suspirando um homem imenso, com um pijama às riscas cinzentas e vermelhas. Era moreno, tinha os cabelos curtos e eriçados, e barba de vários dias. As suas mãos eram brancas e diminutas, pueris.

— Em que posso servi-lo? — respirou com força, e suspirou.

Nevers entregou-lhe a carta e procurou descobrir se Leitão a olhava com suspicácia. Leitão procurava algo; inexpressivo, com lentidão, abria e fechava as gavetas da escrivaninha. Tirou, finalmente, um corta-papel. Abriu delicadamente o sobrescrito, tirou a carta, estendeu-a sobre a mesa. Suspirou, verificou impavidamente os bolsos do pijama, até encontrar um lenço; depois procurou os óculos. Limpou-os, pô-los, leu a carta. Pousou os óculos so-

bre a escrivaninha, passou a mão pela cara e emergiu suspirando.

Como está o senhor governador? — perguntou com um sorriso que a Nevers pareceu forçado.

— Não está muito bem — respondeu Nevers.

Leitão suspirou, disse:

— Um grande homem, o senhor governador, um grande homem. Mas não crê na ciência. Não crê nos médicos. Uma grande lástima. — Levantou-se, pesado e enorme, pegou na carta, foi-se.

Meia hora depois Nevers continuava só, projectando timidamente uma fuga; temendo, decididamente, uma cilada. Leitão entrou; sustinha com dois dedos ínfimos e níveos um impecável embrulho.

— Aqui tem — disse, entregando a Nevers o embrulho. — Apresente os meus respeitos ao senhor governador.

Passou as mãos pela cara, suspirou, inclinou-se gravemente.

Nevers balbuciou uma saudação e retrocedeu pelo aposente, retrocedeu pelo vestíbulo, até à rua.

Senti compaixão — escreve — **por esse escorregadio contrabandista domiciliado em Cayenne. Senti compaixão por todas as pessoas e por todas as coisas que via. Ali ficavam — como a gente que se vê da janela, nos apeadeiros das aldeias —: a minha imerecida felicidade era partir.**

XXXV

27, PELA TARDE.

Não anoitecera ainda quando Nevers chegou às ilhas. Alguém lhe acenava da ilha do Diabo. Não respondeu: o mar estava revolto e Nevers não se atreveu a largar o leme. Em seguida pensou que ao não dar-se por achado **confirmava a sua fama de astuto.** Deixou que as ondas acercassem um pouco a **Bellerophon** da ilha do Diabo. O homem dos acenos era Dreyfus. Depois da insondável aventura da choupana de Deloge, Nevers desconfiava de tudo, até de Dreyfus. Todavia teve um grande alívio ao reconhecê-lo e impulsivamente saudou-o, acenando um braço. Esse gesto (julgou) comprometia-o a atracar na ilha do Diabo. Dreyfus estava nos barrancos de sudoeste, onde sempre tinha atracado Nevers. E com repetidos gestos indicava-lhe a direcção do ancoradouro; mas ele atracou debaixo dos barrancos, junto à árvore que se alonga sobre o mar. Dreyfus adiantou-se abrindo os braços.

Nevers pensou que o acolhimento era auspicioso, que não se enganara ao regressar às ilhas e, por fim, que perdera o seu ancoradouro secreto.

— Em boa hora — gritou Dreyfus. — Nem calcula como o espero.

— Obrigado — disse, comovido, Nevers; depois julgou ouvir na voz de Dreyfus um tom que lhe sugeria uma nova interpretação para o acolhimento. Perguntou: Passa-se algo?

— O que nos atribulava — suspirou Dreyfus. Olhou em volta e continuou: Há que pôr tino no falar.

— Adoeceu o governador? — perguntou Nevers, **como se ainda acreditasse nos ataques, como se não tivesse sucedido o irrefutável episódio da choupana de Deloge.**

— Adoeceu — disse Dreyfus, assombrosamente.

Nevers imaginou Dreyfus dirigindo tudo, organizando a aniquilação de todos. Mas não devia distrair-se em imaginações fantásticas; talvez tivesse de enfrentá-las.

O vento tinha acalmado. Envaideceu-se afirmando que a segurança e a firmeza da terra eram virtudes **que só nós, os marinheiros, apreciamos.** Caminharam encosta acima, até ao pequeno bosque de palmeiras. Deteve-se; não tinha urgência em chegar ao pavilhão central, em chegar **a todas as situações penosas que teria de resolver.** Perguntou despreocupado:

— O capitão Xavier Brissac já chegou?

— Quem?

— O capitão Xavier Brissac.

— Não. Aqui não chegou ninguém.

— Nem o esperam?...

— Eu não sei...

Nem tinha que saber, pensou Nevers. **Não obstante** (escreve) **mal reprimi esta loucura: Dreyfus ignorava a próxima chegada de Xavier, porque a próxima chegada de Xavier nunca ocorreria. Que tudo fôra invenção minha, no desespero de partir. Mas já era bastante mau que o barco de Xavier estivesse demorado...**

— E o senhor acha que virá esse capitão?

— Estou certo.

— Seria muito bom. Somos poucos.

— Poucos? Para quê?

— O senhor não ignora a situação das ilhas. O governador adoeceu há dias; estamos sem governo.

— Receia algo?

— Recear mesmo, não. Mas talvez o seu capitão chegue tarde.

XXXVI

Nevers perguntou a si mesmo se Dreyfus estaria contra ou a favor da conspiração. Dreyfus declarou nobremente:

— Será talvez uma bela desventura. Eu receava que a revolta começasse estando eu só, mais os enfermos e o senhor De Brinon.

Nevers disse para consigo que a situação parecia grave e que a ele não lhe importava manter o prestígio perante Dreyfus; que não iria agora pensar no prestígio, antes apenas na situação. Repetiu esse propósito, quatro ou cinco vezes.

Entraram no pavilhão central; havia cheiro a desinfectantes e cheiro a comida; cheiro a hospital, pensou Nevers. Confusamente viu nas paredes manchas vermelhas, azuis, amarelas. Era a famosa «camuflagem» interior; olhou sem curiosidade; desejava não ter vindo. Perguntou:

— Onde está o governador?

— Numa cela. Numa das quatro celas que há neste pavilhão...

— Você encerrou-o numa cela? — gritou Nevers.

Dreyfus parecia incomodado. Desculpou-se:

— Não tenho culpa. Cumpro ordens que me dão.

— Que lhe dá **quem**?

— O governador. Por mim não o teria feito. Cumpro ordens. O governador disse que o metessemos numa cela.

— Leve-me, quero falar já com o senhor governador.

Dreyfus olhou-o, absorto. Repetiu:

— Falar com o senhor governador?

— Não me ouve? — perguntou Nevers.

— O senhor governador não o ouvirá. Não reconhece ninguém.

— Quero falar-lhe.

— O senhor manda — disse Dreyfus. — Mas sabe que é de noite. A ordem é que não se incomode de noite os enfermos.

— Insinua que devo esperar até amanhã para vê-lo?

— Para vê-lo, não. Vê-lo-á de cima. Mas rogo-lhe que não faça ruído, porque está acordado.

— Se está acordado, porque não posso falar com ele?

Arrependeu-se de entrar em discussão com Dreyfus.

— Para falar com ele terá de esperar até amanhã, quando estiver a dormir.

Nevers pensou que já estava defrontando a rebelião, e que a ironia de Dreyfus não era meramente facial: era, também, grosseira. Mas Dreyfus estava sério. Cansadamente, Nevers disse-lhe que não compreendia.

— E julga que **eu** compreendo? — perguntou Dreyfus, irado. — É uma ordem do governador. Aqui temos tudo do avesso, e acabaremos todos loucos. Mas eu estou aqui para cumprir as ordens.

— A ordem é falar com os enfermos quando dormem?

— Justamente. Se lhes falar de noite, não o ouvem, ou fingem não ouvi-lo. Lavo-os e alimento-os de dia.

O meu sobrinho julgou entender. Perguntou:

— Quando estão acordados?

— Não, quando dormem. Quando estão acordados não se deve incomodá-los. O senhor Castel deixou para o senhor umas instruções por escrito.

— Dê-mas.

— Tem-nas o senhor De Brinon. Está na ilha Real. Poderíamos ir na lancha do senhor, ou no bote.

— Já iremos. Primeiro falarei com o senhor Castel.

Dreyfus olhou-o com espanto. Nevers não fez caso. Sem falar com o governador, não o levariam dali.

XXXVII

— Se quer vê-los, passe.

Dreyfus abriu uma porta e quis que Nevers passasse primeiro; este disse: «sigo-o», e, dissimuladamente, consciente da sua ineficácia e teatralidade, empunhou o revolver. Atravessaram um grande escritório, com velhos cadeirões de couro e uma mesa com montes de livros e de papéis numa ordem impecável. Dreyfus deteve-se.

— Acha prudente ver agora o senhor Castel? A situação da ilha é grave. Eu não perderia tempo.

— Obedeça — gritou Nevers.

Dreyfus fez-lhe um cortez sinal de que passasse à frente; assentiu, arrependeu-se de ter assentido, subiu uma escada e, no alto, deteve-se diante duma porta; abriu-a; sairam; sairam para uma açoteira sob o céu estrelado e remoto. No meio da açoteia havia uma amarelada lampadazita de luz eléctrica.

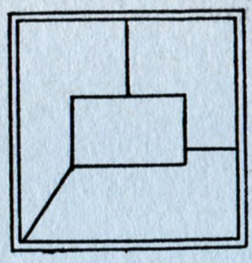
— Não faça ruído — aconselhou Dreyfus. — Agora vamos vê-los.

XXXVIII

Para melhor compreensão dos factos incríveis que narrarei, e para que o leitor imagine claramente a primeira e já fantástica visão que teve Nevers dos «enfermos», descreverei a parte do pavilhão que estes ocupavam. No centro, no piso térreo, há um pátio aberto; no centro do pátio, uma construção quadrangular, que antigamente continha quatro celas iguais. **Dreyfus informa-me que o governador mandou abater as paredes interiores dessa construção** — escreve Nevers. — **Depois mandou erguê-las como estão agora: delimitaram quatro celas desiguais, de forma escandalosamente anormal. O que se propunha o governador com essas mudanças é um mistério que não averiguei.**

O curioso é que o averiguou. Esta inconsistência denuncia uma incapacidade de ver sinteticamente os seus pensamentos? Ou, melhor, que Nevers nunca releu esta última carta? O caprichoso propósito de Castel era (como o leitor poderá apreciar pelo plano que incluo neste capítulo) que cada uma das quatro celas tivesse uma parede contígua com as três restantes.

As celas não têm tecto; vigiam-se de cima. Antes, os corredores ou galerias que saem do



terraço e atravessam todo o pátio cruzavam-se sobre as celas. Castel suprimiu a parte das galerias que havia sobre as celas, e alargou o canto superior das paredes, de modo a servirem de caminho para os carcereiros; Nevers observa: **não têm parapeitos e as paredes são muito altas; antes as galerias deviam ser mais seguras.**

Umas lonas permitem cobrir as celas e todo o pátio; por ordem de Castel punham-se as lonas em caso de chuva.

Uma das celas é interior. **Se tivesse que encerrar-me numa delas** — escreve Nevers — **escolheria essa. Pelo menos estaria livre do ardente horror dos espelhos.** Alude, com o seu habitual dramatismo, aos grandes e vulgares espelhos que há nas outras celas. Cobrem, pelo lado de dentro, todas as paredes que dão para o pátio.

XXXIX

Caminhou até ao parapeito e olhou para baixo: o pavilhão sem tecto que havia ao centro, o pátio e as paredes que rodeavam o pátio, estavam cobertos de intensas manchas vermelhas, amarelas e azuis. **Delirium tremens,** pensou Nevers. Acrescenta: **Era como se alguma pessoa de gosto repugnante tivesse decorado o pátio para uma festa** e recordou «O Inferno», um **melancólico** «dancing» de Bruxelas, onde conhecemos um interessante grupo de jovens pintores.

Seguiu pela galeria, na berma do pavilhão sem tecto, deteve-se; depois dum momento de irresolução, avançou pelo canto da parede. Passar de uma galeria para outra (seguindo o canto da parede, por cima do pavilhão) não era difícil. Pensou que devia caminhar sem se deter, até chegar ao outro lado; deteve-se. Esqueceu-se, por fim, de si mesmo. Nos primeiros momentos dessa visão abominável deve ter sentido algo parecido com a vertigem, ou a náusea (mas não era a falta de parapeito que originava essas sensações). As celas estavam pintalgadas; não tinham outra abertura senão a do tecto; as portas dissimulavam-se nas manchas das paredes; em cada cela estava de pé

um «enfermo»; os quatro enfermos com os rostos pintados, como cafres brancos, com pintura amarela nos lábios, com idênticos pijamas vermelhos às riscas amarelas e azuis, estavam quietos, mas na atitude de mover-se, e Nevers teve a impressão que essas atitudes dependiam entre si, formavam um conjunto, o que chamam, nos **Music Halls**, um quadro vivo (mas ele mesmo acrescenta: não havia nenhuma abertura por onde pudessem ver-se duma cela para a outra). Suspeitou que estivessem representando, que tudo fosse um gracejo insondável, para confundi-lo ou distraí-lo, com desígnios perversos. Resolveu enfrentar imediatamente Castel. Com uma voz que não dominava, gritou:

— Que significa isto?

Castel não respondeu; nem a mais leve contracção no rosto denunciou que tivesse ouvido. Tornou a gritar. Castel continuou imperturbável; todos os enfermos continuaram imperturbáveis.

Notou que tinham mudado de postura; durante uns segundos julgou que todos tinham mudado de postura bruscamente, enquanto fixava o governador; mas logo descobriu que se moviam, embora de um modo quase imperceptível, **com lentidão de ponteiro de minutos.**

— É inútil que grite — advertiu Dreyfus. — Não ouvem, não querem ouvir.

— Não querem ouvir? — perguntou Nevers com pausado ênfase. — Você disse que simulavam. Estão ou não doentes?

— Manifestamente. Mas eu conversei com eles, e sem gritar — note bem —, sem levantar a voz. E de repente não me ouviam, como se falasse em turco. Era inútil gritar. Eu punha-me furioso: julgava que troçavam de mim. Até cheguei a imaginar que era eu que perdera

a voz, enquanto o meu alarido me ensurdecia.

— Estão loucos?

— O senhor sabe como fica uma pessoa muito abatida pela doença e pelas febres.

Parecia incrível estar no seu juízo e estar vendo esses homens, como quatro figuras de cera formando um quadro vivo em quatro celas incomunicáveis. Parecia incrível que o governador tivesse estado no seu juízo e tivesse pintado as celas com essa caótica profusão. Depois, Nevers lembrou-se que nos sanatórios para nervosos havia quartos verdes para acalmar os enfermos e quartos vermelhos para excitá-los. Observou as pinturas. Predominavam três cores: o vermelho, o amarelo e o azul, havia ainda combinações das suas variantes. Observou os homens. O governador, com um lápis na mão, repetia palavras quase ininteligíveis e passava lentamente da perplexidade ao desespero e do desespero ao júbilo. Favre, mais gordo do que nunca, chorava sem vincar o rosto, com a definitiva fealdade das estátuas burlescas. O Cura representava o papel de fera encurralada: com a cabeça baixa e espanto nos olhos, parecia vaguear, mas estava imóvel. Deloge sorria inutilmente, como se estivesse no céu e fosse um bem-aventurado (ínfimo e ruivo). Nevers sentiu a presença vaguíssima duma lembrança, e um certo mal estar; então **viu** essa lembrança: uma pavorosa visita ao Museu Grevin, aos oito anos.

Nas celas não havia camas, nem cadeiras, nem outros móveis. Perguntou a Dreyfus:

— Suponho que lhes põem camas para dormir.

— De modo nenhum — respondeu Dreyfus implacavelmente. — É ordem do governador. Não se lhes chega nada. Para entrar nas celas enfio um pijama como o deles. Nevers não ouvia.

— Será ordem do governador — murmurou. — Não de um ser humano. Não estou disposto a acatá-la.

Pronunciou claramente as duas ou três últimas palavras.

— Dormem nessas enxergas — esclareceu Dreyfus.

Nevers não as notara. Estavam enfiadas no chão e pintadas de tal modo que se confundiam com as manchas.

Sentiu asco; não medo. Esses quatro homens pareciam inofensivos. Sob o que ele mesmo qualifica de fugaz loucura, imaginou que estavam sujeitos à influência de algum alcaloide e que Dreyfus era o organizador de tudo aquilo. Que propósitos absorviam Dreyfus, e o que dele esperava, não foram revelações dessa loucura.

XL

Ou será o governador o culpado de tudo isto? Não parecia possível: ele era um dos «enfermos». **Não obstante** — continua Nevers — **há quem se opere a si mesmo; quem se suicide. Quem sabe se os adormeceu, e se adormeceu, por um largo período; talvez por anos; talvez até à morte. Sem dúvida que Dreyfus lhes dá (consciente ou inconscientemente) alguma droga. Talvez** — pensou já em pleno furor conjectural — **esta droga produza dois tipos alternados de sonos, que correspondem ao nosso sono e à nossa vigília. Um de repouso: estes pacientes têm-no durante o dia; outro de actividade: têm-no de noite, que é mais vazia que o dia, menos rica em factos capazes de interromper o sono; os pacientes movem-se como sonâmbulos, e o seu destino, por ser sonhado, não há-de ser mais espantoso, ou mais incalculável, que o dos homens despertos; talvez seja mais previsível (embora não menos complexo), pois depende da história e da vontade do sujeito.** Destas pobres elocubrações, Nevers passa a não sei que fantasia metafísica, evoca Schopenhauer, e, pomposamente, narra um sonho: fizeram-lhe um exame e ele espera o veredicto dos examinadores.

Espera-o com avidez e com terror, porque desse veredicto depende a sua vida. Nevers observa com perspicácia: **não obstante, eu mesmo darei o veredicto, já que os examinadores, como todo o sonho, dependem da minha vontade.** Conclui erroneamente: **Talvez todo o destino (as doenças, a sorte, a nossa aparência física, o infortúnio) dependa da nossa vontade.**

Enquanto pensava isto, a presença e a expectativa de Dreyfus incomodavam-no. Tinha de decidir a sua conduta imediata; começou por ganhar tempo.

— Vamos ao escritório — disse com voz que devia ser autoritária e saiu aflautada.

Desceram da açoteia, fecharam a porta e Nevers sentou-se no cadeirão giratório, diante da mesa de trabalho, no gabinete do governador. Com um gesto solene, indicou a Dreyfus que se sentasse. Dreyfus, visivelmente impressionado sentou-se na ponta da cadeira. Nevers não sabia de que falariam, mas tinha que falar seriamente se queria dominar a situação, e Dreyfus esperava isso dele. Sentiu-se inspirado; dissimulando mal o entusiasmo, perguntou:

— O governador deixou-me instruções?

— Absolutamente — replicou Dreyfus.

— Tem-nas você?

— Tem-nas o senhor De Brinon.

— Onde está o senhor De Brinon?

— Na ilha Real.

— Isto era só o simulacro dum diálogo, e Nevers distraia-se enquanto lhe respondiam. Contemplava um vaso, ou urna romana, que havia sobre a secretária. No friso, umas bailarinas, uns anciãos e um jovem celebravam uma cerimónia **per aes et libram;** no meio deles jazia uma jovem, morta.

— Como ir à ilha Real?

— Contamos com um bote. Além disso, há a sua lancha.

Nevers não se envergonhou pela sua pergunta. Tranquilamente pensou que a jovem do vaso morrera na véspera da boda. Sem dúvida que essa urna tinha contido os seus restos. Talvez os contivesse ainda. A urna estava fechada.

— Mas esta noite eu não mexeria nem um dedo, meu tenente. Eu não iria antes de amanhã.

No tom de Dreyfus havia ansiedade. Nevers perguntou a si mesmo se era verdadeira ou fingida.

— Porque não iria hoje?

Nevers queria saber se o vaso continha algo, e levantou-se para sacudi-lo. Dreyfus atribuiu o movimento de Nevers à solenidade do que diziam.

— Seja legal, meu tenente — exclamou. — Deixe para amanhã a viagem, e esta noite lhe narrarei a razão por que o senhor fez isso a propósito.

Nevers não respondeu.

— Eu não ficaria fulo — continuou Dreyfus, com a sua mais sedutora doçura. — Se fosse ao senhor, falaria comigo e traçariamos um plano e punha-me à espera desse capitão que o senhor diz que virá.

Nevers resolveu ir imediatamente à ilha Real. Receava ter sido injusto com o governador e agora queria ter a deferência de interessar-se pelas instruções que ele lhe deixara; o seu regresso — argumenta — talvez produzisse uma vantajosa confusão entre os amotinados.

— Vem ou fica? — perguntou.

Foi uma hábil interrogação. Dreyfus já não protestou; o seu cuidado foi não deixar os enfermos.

Nevers saiu do pavilhão e desceu até à árvore que lhe servia de amarração. Subiu para a lancha; depressa chegou à ilha Real. Lamentou não ter atracado mais cautelosamente. Nenhum guarda o recebeu. Perguntou para si mesmo se triunfar tão habilmente de Dreyfus não teria sido um infortúnio. A ilha estava às escuras (ao longe, no hospital e na Administração, havia algumas luzes). Perguntou para si mesmo por onde começaria a procurar De Brinon. Decidiu começar pelo hospital.

Enquanto subia a encosta julgou ver duas sombras que se escondiam entre as palmeiras. Pensou que era conveniente estugar o passo. Estugou o passo. Logo compreendeu que suplício escolhera... Durante um tempo que lhe pareceu longo passou por entre os troncos nus das palmeiras, como num sonho atroz. Por fim chegou ao hospital.

Aí estava De Brinon. Nevers não teve um momento de dúvida. Era a primeira vez que via esse jovem atlético, de cara aberta e franca, de olhar inteligente, que se debruçava, distraído, sobre um enfermo. Esse jovem tinha de ser De Brinon. Nevers sentiu um grande alívio. Perguntou (não porque lhe interessasse a resposta; para começar a falar):

— Você é De Brinon?

XLI

De fora ouvira um alegre estrépito. Ao abrir a porta deparou com uma opressiva obscuridade onde tremiam, no silêncio e no fedor, três velas amareladas. Junto a uma das velas brilhava essa cara de expressão reconfortante. De Brinon levantou a cabeça; no seu olhar havia inteligência; o sorriso era franco. Respondeu:

— Que quer?

Diz Nevers que teve a impressão de que a distância que o separava de De Brinon desaparecera e que a voz — atrozmente — soava ao seu lado. Diz que chama voz ao som que ouviu porque, aparentemente, De Brinon é um homem; mas que ouviu o balido duma ovelha. Um balido assombrosamente articulado para uma ovelha. Acrescenta que parecia uma voz de ventríloquo imitando uma ovelha e que De Brinon quase não abria a boca ao falar.

— Sou De Brinon — continuou a estranha voz e Nevers reconheceu-a: era uma das vozes que ouviu na ilha do Diabo, na noite da sua fuga. — Que quer?

Podia adivinhar-se que o tom era amável. Uma alegria pueril brilhou nesses olhos espertos. Nevers suspeitou que De Brinon era um atrasado mental.

Começou a ver na obscuridade da sala. Havia quatro presidiários. Pareceu-lhe que o olhavam torpemente. Não havia nenhum carcereiro. Desde a sua última visita, a desordem e a sujidade tinham aumentado. De Brinon operava a cabeça de um enfermo e tinha as mãos e as mangas empapadas em sangue.

Nevers procurou falar com voz firme:

— Quero as instruções que deixou para mim o senhor governador.

De Brinon franziu as sobrancelhas, olhou-o com grande vivacidade, ficou congestionado.

— Eu não sei nada das instruções que me deixou o senhor governador. Não sei nada.

Começou a retroceder como um animal encurralado. Nevers sentiu valor perante esse inimigo; esquecendo os outros homens que o espiavam na penumbra, disse secamente:

— Dê-me essas instruções ou leva um tiro.

De Brinon deu um berro, como se já tivesse levado o tiro, e começou a chorar. Os homens fugiram em tumulto. Nevers avançou com a mão aberta.

O outro sacou do bolso um sobrescrito e entregou-lho uivando:

— Eu não tenho nada, eu não tenho nada.

Nesse momento entrou Dreyfus. Nevers olhou para ele, alarmado; mas o rosto de Dreyfus estava impávido; sem alterar essa impavidez, os lábios moveram-se:

— Despache-se, meu tenente — Nevers ouviu a voz sibilante e baixíssima. — Ocorreu algo de grave.

XLII

— Deloge está morto — disse ele ao chegarem cá fora.

— Morto? — perguntou Nevers.

Até esse momento os quatro enfermos da ilha do Diabo tinham-lhe parecido virtualmente mortos. Agora a ideia de que Deloge estivesse morto parecia-lhe inadmissível.

— Que se passou?

— Não sei. Não vi nada. Agora preocupam-me os outros...

— Os outros?

— Não sei. Prefiro estar perto.

Tornou a passar pelo bosque de palmeiras. Olhou insistentemente: julgou que não havia ninguém. Logo ouviu uma risada de mulher, e, confusamente, viu duas sombras. Primeiro teve uma sensação desagradável, como se essa risada o ofendesse por Deloge estar morto; depois compreendeu que essa risada indicava a possibilidade de Dreyfus não estar louco... (se os carcereiros continuavam nos seus postos, as mulheres haviam de preocupar-se).

Dreyfus não o levou ao ancoradouro. Nevers estava tão preocupado que só notou isso mais tarde, ao recordar os factos desse dia incrível. Subiram para o bote. Dreyfus remou vigorosa-

mente. Chegaram à ilha do Diabo sem ter dito uma só palavra.

Enquanto amarrava o bote, Dreyfus tropeçou e caiu à água. Nevers perguntou para si mesmo se não teria tentado atacá-lo. Não lhe permitiu ir mudar de roupa.

XLIII

A sua primeira preocupação foi adiar o momento de ver Deloge, o momento em que esse cadáver entraria, com atrozes detalhes, na sua memória. Disse com autoridade:

— Primeiro que tudo, uma visão de conjunto. Subamos.

Passou pelo escritório; como um sonho, viu-se a olhar para esses velhos móveis, dizendo para si que a tragédia que lhe reservavam as ilhas da Salvação, acontecera por fim, e que sentia um grande alívio; sem nenhum alívio, trémulo, subiu as escadas, avançou pelas galerias que há sobre o pátio e chegou às celas. Espreitou para baixo.

Era como se houvesse uma compreensão telepática entre esses homens. Como se soubessem que algo espantoso sucedera; como se julgassem que isso mesmo sucederia a cada um deles... As suas posturas (os seus imperceptíveis movimentos) eram de homens que aguardam um ataque; quietos, vagueavam agachados, como num lentíssimo baile, como a furtar um inimigo, um inimigo invisível para Nevers. Aventou, outra vez, a hipótese da loucura. Perguntou para si mesmo se os enfermos duma mesma loucura tinham simultaneamente as mesmas visões.

Depois concentrou-se no morto. Deloge estava deitado no chão, junto de uma das paredes da cela. com a camisa esfarrapada e com umas manchas atrozmente escuras no pescoço.

Tornou a olhar os outros. Assim, em atitudes belicosas, pareciam pateticamente indefesos. Nevers perguntou para si mesmo que ódio justificaria a perseguição e o assassínio desses inválidos.

Dreyfus observava-o inquisitivo; começou a caminhar para a açoteia. Nevers seguiu-o. Desceram; passaram pelo escritório, pelo pátio.

Nesse terrível momento via-se como do exterior e até se permitiu zombar de si próprio: atribuiu — sem muita originalidade — as «camuflagens» do pátio a um tal Van Gogh, um pintor modernista. Pensou que depois ele próprio ficaria na sua memória como num inferno, fazendo disparates imbecis nesse pintalgado pátio de pesadelo e caminhando em direcção ao horror. No entanto, ao chegarem à porta da cela teve suficiente calma para perguntar a Dreyfus:

— A porta está com a chave?

Dreyfus, tremendo de medo ou de frio (havia tanta humidade que não lhe tinha secado a roupa), respondeu afirmativamente.

— Quando morreu Deloge, também estava com a chave?

Dreyfus voltou a responder que sim.

— Há outra chave além da sua?

— Pois claro; no escritório, na caixa do dinheiro. Mas a única chave da caixa do dinheiro está em meu poder, desde que o senhor governador adoeceu.

— Está bem. Abra.

Esperava participar da energia das suas palavras. Talvez o tenha conseguido um pouco. Entrou resolutamente na cela. No cabelo e na cara do cadáver o suor estava seco. A camisa

em farrapos e as marcas no pescoço eram, mesmo para um leigo como ele, evidentes traços de luta.

Afirmou, não sem alguma complacência:

— Indubitavelmente: assassinato.

Arrependeu-se. **Devia ocultar essa ideia de Dreyfus. Além do mais** — procura justificar-se — **para Deloge o assunto já não tinha importância... e não devia permitir que este infinito sono da ilha do Diabo me retivesse; devia evitar cuidadosamente todo o possível adiamento do meu regresso a Saint-Martin, ao meu destino, a Irene. A investigação do crime seria longa... Talvez já fosse tarde.**

XLIV

Perguntou a si mesmo que motivos teria tido Dreyfus para matar Deloge. Não obstante, o próprio Dreyfus lhe pedira que não fosse à ilha Real. Fizera-o para despistar? Ou para que lhe impedisse o crime, porque era um maníaco, e matava quando estava só? **Mas até hoje Dreyfus esteve sozinho com os enfermos...**

Sairam da cela e fecharam-na à chave. No escritório, Dreyfus abriu a caixa de ferro; tirou um molho de chaves; explicou, sem vacilar, aonde correspondia cada uma. Estavam todas. Nevers guardou-as.

Molhado e numa lástima, Dreyfus seguia-o com humildade de cão. Nevers julgou-o inofensivo; mas não lhe permitiu que fosse mudar-se. Disse para si que tinha uma minuciosa responsabilidade, e que Dreyfus era ainda o único suspeito.

Achava-se perante um crescente conjunto de mistérios. Eram independentes entre si? Ou estavam vinculados, formavam um sistema, talvez ainda incompleto? Quis consultar as instruções do governador. Dreyfus quis ver os enfermos, foram vê-los. Nevers, para justificar este plural, alega o receio que Dreyfus fugisse ou matasse alguém.

Adoptou, de novo, a hipótese de que Dreyfus era o organizador de tudo, considerou os fundamentos das suspeitas contra ele e achou-se mais seguro do que nunca da sua inocência. Desejou confraternizar, confessar as suspeitas que tivera, para que Dreyfus lhas desculpasse, e poderem enfrentar juntos os mistérios. Adiou essa necessidade da alma; sabia que o prudente era ser reservado até ao fim. No dia seguinte chegaria Xavier, e far-lhe-ia uma imparcial declaração dos factos; se não chegasse Xavier, embarcaria na **Bellerophon** e faria a declaração perante as autoridades de Cayenne. Então lembrou-se que Dreyfus o trouxera no bote, e que a **Bellerophon** estava na ilha Real.

XLV

Tinha que sair daquela indolência — escreve. — **Para ganhar tempo (não tinha nenhum plano), decidi observar conscienciosamente a ilha.** Quando começou a falar a Dreyfus, já viu os perigos do seu propósito e trocou a palavra «ilha» pela palavra «casa». Talvez não fosse prudente afastar-se das celas; afastarem-se um do outro, a essas horas da noite, pelos obscuros matagais, era temerário.

Começaram pelo gabinete de Castel. Dreyfus espreitou debaixo do sofá, por trás das cortinas, dentro dum roupeiro. **Se o criminoso nos via** — comenta Nevers — **perdia-nos o respeito.** Quedou-se imóvel junto da porta, dirigindo os movimentos de Dreyfus, sem se distrair do pátio e do pavilhão central. Depois foram ao quarto a que Dreyfus chamava o «laboratório». Era grande, despido, sujo e devassado; a Nevers lembrou-lhe a sala mal cheirosa onde M. Jaquimot operava os cães e gatos das solteironas de Saint-Martin. Num recanto havia uns tapetes e dois ou três biombos; todos estes objectos estavam pintados como as celas e como o pátio. Nevers comparou-os com a paleta dum pintor e disse não sei que vacuidades sobre a analogia entre as coisas

(que só existia em quem as olhava) e sobre os símbolos (que eram a única forma de que dispunham os homens para abordar a realidade).

— Que significa isto? — perguntou, indicando os biombos.

Pensou que talvez servissem para fazer experiências com a vista dos enfermos (daltónicos?). Dreyfus pensava doutro modo:

— Loucura do cérebro — repetia, tristíssimo. — O senhor sabe o que faz? O que está fazendo agora mesmo? Em toda a noite não largou um lápis e um papel.

— Um lápis azul e um papel amarelo? Já vi. Que tem isso de inquientante?

Nevers perguntou a si mesmo o que sucederia nas celas.

— Nada desperta tanta graça como um louco — opinou Dreyfus, sorrindo. — Mas o senhor governador é lamentável. Nem os maiores palhaços do circo. Anda de roda declamando como um desmiolado não sei que vesânias de mares parados e de monstros, que de súbito se tornam alfabetos. Então cresce-lhe o entusiasmo e põe-se a esfregar com o lápis no papel. É para mim que imagina que escreve.

— Esta busca é inútil — declarou Nevers. — Estamos a perder tempo.

Ia a dizer para vigiar as celas; mudou de ideias. Demonstraria que não estava assustado. Falou com uma voz serena:

— O assassino pode seguir o nosso percurso, atrás ou adiante. Assim nunca o encontraremos. Devemos separar-nos e empreender cada um o trajecto em sentido contrário, até nos encontrar-mos.

Dreyfus estava visivelmente impressionado. Nevers presumiu: ou fica em silêncio, ou vai dar alguma desculpa. Ficou em silêncio. Nevers não insistiu. Veio-lhe um grande afecto

por Dreyfus, e, com genuína compaixão, notou de novo como estava encharcado e a tremer. Dreyfus deve ter adivinhado estes sentimentos.

— Posso mudar-me? — perguntou. — Ponho roupa seca e volto dentro de dois minutos.

Se estava decidido a passar uns minutos só — admite o próprio Nevers — **devia sentir-se muito mal.**

Mas ele queria voltar imediatamente às celas.

— Há algum álcool para beber? — perguntou.

Dreyfus respondeu afirmativamente. Nevers fê-lo tomar meio copo de rum.

— Agora vamos para cima, ver os enfermos.

Chegaram aos caminhos que há sobre o pátio. Dreyfus ia adiante. De repente deteve-se; estava pálido (com essa palidez de cinza dos mulatos), e, quase sem mover os músculos da cara, disse:

— Outro morto.

Espreitou.

Imenso, com a cara inchada, olhando atrozmente para cima, Favre jazia, de costas no chão da cela, morto. Nas outras celas não havia novidade; o Cura e o governador prosseguiam na sua alarmante atitude de animais encurralados, ansiosos por fugir ou acometer.

Dreyfus e Nevers desceram, abriram a cela de Favre (estava fechada à chave) e entraram. O exame do cadáver levou-os a supor que Favre fora morto por estrangulamento, depois duma luta violenta.

Nevers estava deprimido. A sua presença não perturbava o criminoso. Como opor-se a um homem que estrangula as suas vítimas através das paredes duma prisão? A série estaria concluída com Favre? Ou faltariam ainda os outros enfermos? Ou faltavam todos os habitantes da ilha? Pensou que não era impossível que, de algum lado, o estivessem vigiando os olhos do assassino.

— Vamos às celas — ordenou com um brusco mau humor. — Você mete-se na do Cura e eu na de Castel. Não quero que os matem.

Tinha uma dívida para com o governador e agora devia protegê-lo. Dreyfus olhou-o, inde-

ciso. Nevers desatou o cinto com a pistola, e deu-lho.

— Beba um gole — disse-lhe. — Feche-se na cela do Cura e caminhe dum lado para o outro. Com o movimento e o rum passa-lhe o frio. Com a pistola passa-lhe o medo. Se eu chamar, corra.

Apertaram-se a mão e foi cada um para a cela que devia vigiar.

XLVII

A cela do governador estava fechada à chave. Nevers abriu a porta cuidadosamente e entrou na ponta dos pés, procurando não fazer ruído. O governador estava de costas para a porta; não se voltou. Nevers julga que não o ouviu entrar. Não sabia se fechar a porta à chave ou não. Finalmente decidiu fechá-la à chave, deixar a chave na fechadura e ficar junto da porta. O governador estava de pé, de costas, em relação a Nevers; de frente, em relação à parede que dava para a cela do Cura. Girava (Nevers comprovou-o com um exame atento) para a esquerda, com extrema lentidão. Ele poderia avançar progressivamente para a direita e evitar que o governador o visse. Não era por medo que faria isso, embora a atitude do governador parecesse ameaçadora; queria evitar explicações sobre o seu atraso em Cayenne; temia que o governador lhe exigisse o embrulho que lhe mandara Leitão.

Sem ansiedade, distraidamente, podia seguir os lentíssimos movimentos do governador; ouviu-o murmurar umas palavras que não pôde entender; deu um passo para a direita e aproximou-se dele pelas costas. O governador caiu-se. Nevers ficou imóvel, rígido; estar de

pé, sem mover-se, foi, bruscamente, uma difícil tarefa. Os murmúrios do governador começaram de novo.

Procurou ouvir; aproximou-se muito para ouvir. O governador repetia umas frases. Nevers procurou nos bolsos um papel para anotá-las; tirou o sobrescrito das instruções. O governador começava a dizer algo e a seguir interrompia-se, perplexo. Juntando fragmentos de frases, Nevers escreveu no sobrescrito:

A medalha é o lápis e a lança é o papel, os monstros somos homens e a água parada é cimento, a, b, c, d, e, f, g, h, i, j, k, l, m, n, o, p, q.

O governador pronunciava as letras com lentidão, como se procurasse fixá-las, como se delineasse, mentalmente, desenhos complicados. No papel desenhava «a», «b», «c», com crescente exultação; passava a fazer pauzinhos e borrões. Esquecia-se do lápis e do papel que tinha na mão; chorava; entoava novamente «Os monstros somos homens...» e repetia o alfabeto, com incipiente esperança, com a exultação da vitória.

Nevers disse consigo que devia ler as instruções. Mas o progresso do governador, embora lentíssimo, obrigou-o a mudar de lugar. Habituado a mover-se devagar, pareceu-lhe que se afastara da porta, perigosamente. Depois compreendeu que em dois saltos estaria junto dela. Imaginar que a lentidão dos movimentos fosse simulada (pensou), era uma loucura. O governador perdera a palidez de cinza; pequeno, rosado, e com a sua branquíssima barba, parecia um menino desagradavelmente disfarçado de gnomo. Tinha os olhos muito abertos e uma expressão de sinistra ansiedade.

Apesar das intenções de manter-se continuamente alerta, esse moroso baile recíproco cansava-o. Pensou que poderia distrair-se um pouco, já que um movimento «in extremis» bastaria para evitar ser visto pelo governador. Seguindo essa lânguida ocupação, esqueceu, por momentos, que a sua atenção não devia dirigir-se tanto para o governador como para o incrível assassino que, de súbito, interviria.

Depois observou as manchas de pintura que havia nas paredes e no piso da cela. As paredes estavam pintadas com manchas amarelas e azuis, com algumas riscas vermelhas. No chão, junto às paredes, havia um resguardo pintado de azul e amarelo; no restante chão, havia combinações das três cores e grupos das suas cores derivadas. Nevers anotou os seguintes grupos:

a) ouro velho,
azul celeste,
carmim;

b) lilás,
amarelo limão,
vermelhão;

c) escarlate,
açafrão,
azul marinho;

d) anil,
amarelo canário,
púrpura;

e) açucena,
ouro,
fogo.

A enxerga, que estava enfiada na reentrância do chão, era anil, canário e púrpura. Re-

cordou-se de que todo o pátio estava pintado (como as paredes) com manchas amarelas e azuis, com riscas vermelhas. A frequência das riscas vermelhas era regular.

Esta peculiar regularidade sugeriu-lhe que por trás de todo esse tumulto de cores deveria haver um desígnio. Perguntou a si mesmo se esse desígnio teria alguma vinculação com as mortes.

XLVIII

Nevers abriu o sobrescrito e leu:

«A Henrique Nevers:

«Receber esta carta indigná-lo-á; não obstante, devo escrevê-la. Reconheço que você me deu claras e repetidas provas de não querer qualquer relação comigo. Você dirá que esta carta é outra manifestação da minha incrível insistência; mas também que é uma manifestação póstuma, já que me considerará apenas menos morto que um morto e muito mais perdido que um moribundo. Reconheça que não me resta tempo para insistências futuras. Escute-me com a tranquila certeza de que o Pedro Castel que você conheceu e repudiou não tornará a importuná-lo.

«Começarei pelo princípio; no princípio estão as atitudes de um com o outro. Você chegou a estas ilhas com um preconceito que o honra, disposto a achar tudo enfadonho. Eu, pela minha parte, fizera uma descoberta, e precisava dum colaborador. As dores que me atormentaram nestes últimos anos tinham progredido, e entendi que me restava pouco tempo de vida.

«Necessitava duma pessoa capaz de transmitir os meus achados à sociedade. Podia

ir-me para França, mas não sem antes apresentar a minha renúncia e aguardar que aceitassem a minha renúncia, e que chegasse um substituto. Ignorava se podia aguardar tanto tempo. Soube então que você vinha para a colónia; soube que eu teria como ajudante o autor de **Os juízos de Oléron.** Peço-lhe que imagine o meu alívio, o meu júbilo, a minha impaciência. Eu esperava-o confiante, e dizia para comigo: é um homem culto; a solidão e o invencível interesse das minhas descobertas irmanarão as nossas almas.

«Notei, logo, que poderia ter dificuldades. Era indispensável fazer experiências que envolviam indiferença pelas leis dos homens e até pela vida de certos homens, ou, pelo menos, que envolviam uma fé definitiva na transcendência das minhas descobertas. Eu sabia que você era um homem culto; não sabia mais nada. Consentiria que se fizessem essas experiências? Sobrar-me-ia vida para convencê-lo?

«Esperava-o, pois, com uma justificada ansiedade. Esta ansiedade, as ocultações que foram indispensáveis e o seu preconceito contra tudo o que havia nas ilhas produziram em si uma justificada repugnância. Em vão procurei vencê-la. Permita-me assegurar-lhe que agora sinto por si uma aversão muito viva. Creia-me, também, que se o encarrego de transmitir a minha descoberta e se lhe deixo parte dos meus bens é porque não me resta outra solução.

«De Brinon não é capaz de transmitir o invento. Tem habilidade manual; ensinei-o a trabalhar; convirá utilizá-lo nas primeiras transformações que se façam; mas De Brinon é um enfermo. Consideremos Bordenave: pela sua condição de liberto, Bordenave não pode sair da colónia; pela sua condição de subalterno, não se fará ouvir. Eu poderia confiar o invento

aos amigos que tenho em França. Mas, até que a carta chegue a França, até que eles tomem as providências indispensáveis, que se passará? Que se passará com as provas da validade das minhas afirmações, com as minhas provas de carne e osso? A minha invenção é transcendente — como você mesmo notará — e para que não se perca, não me resta outra alternativa senão deixá-la a si; confio em que a si não restará outra alternativa senão aceitar um encargo atribuído tão involuntariamente.

«Julgava contar com certo tempo; a breve trecho me convenci que devia tomar uma resolução imediata. As dores aumentavam. Mandei-o a Cayenne para que trouxesse, além dos víveres e das restantes coisas que já escasseavam no presídio, um calmante que me permitisse esquecer o mal e trabalhar. Ou o senhor Leitão não tinha o calmante — o que é difícil de crer — ou você não quis trazê-lo. As dores agravaram-se até serem intoleráveis; resolvi-me a dar eu mesmo o passo que por motivos morais fiz dar aos condenados Marsillac, Favre e Deloge, o passo que, por motivos morais fundados em mentiras que você me disse, tentei que você desse; daqui em diante cesso como homem de ciência, para converter-me em tema da ciência; daqui em diante não sentirei dores, ouvirei (para sempre) o princípio do primeiro andamento da **Sinfonia em mi menor**, de Brahms.

«Acompanho esta carta com a explicação das minhas descobertas, os métodos de aplicação, e a disposição dos meus bens.»

Nevers virou a folha; na página seguinte leu:

DISPOSIÇÃO DE BENS

«Na ilha do Diabo, aos 5 dias do mês de Abril de 1914... Se o governo francês aceder

a qualquer das petições (**a** e **b**) que abaixo exponho, uma décima parte dos meus bens deverá entregar-se, como retribuição por serviços prestados, ao tenente de marinha Henrique Nevers.

«**a**) Que eu, governador da colónia, e os condenados Marsillac, Deloge e Favre, continuemos até à nossa morte alojados nestas celas, assistidos pelo liberto Bordenave, enquanto viva, e, depois, pelo assistente que se nomeie, o qual deverá observar as instruções que deixo ao citado Bordenave.

«**b**) Que eu, governador da colónia, e os condenados Marsillac, Deloge e Favre, sejamos transportados num barco, em quatro beliches pintados como estas celas, até França, e que ali se nos aloge numa casa que deverá construir-se na minha propriedade de St. Brieux; essa casa terá um pátio idêntico ao deste pavilhão e quatro celas idênticas às que agora habitamos.

«Se qualquer destas petições for aceite, os gastos serão pagos com as restantes nove décimas partes dos meus bens, que deverão depositar-se...»

Seguem indicações para a pintura do tecto liso das celas (observo: as celas da ilha não têm tecto); recomendações para o assistente; ameaças ao governo (na previsão de que este não aceda a nenhuma das petições; diz enfaticamente: «responsável perante a posteridade...»); e uma misteriosa cláusula final: «Se depois da morte de todos nós (inclusivé Bordenave), ficar um remanescente dos meus bens, deverá entregar-se à RPA.» O significado destas iniciais é um enigma que não resolvi; confio-o à prescrutadora liberalidade do leitor.

XLIX

Declara Nevers que uma orgulhosa vergonha e um mal contido arrependimento (pela sua conduta com o governador) lhe obscureciam a mente e que teve de fazer um grande esforço para entender essas páginas assombrosas; reconhece que durante um quarto de hora, mais ou menos, se esqueceu de vigiar o governador; mas afirma que a sua distracção não era tão grande a ponto de a entrada e saída dum criminoso passar despercebida, e concedo-lhe a desculpa, porque a leitura que o ocupava não era apaixonante, e porque, fora dos romances, não são habituais estas distracções absolutas. Estamos, pois, dispostos a partilhar a sua opinião de que nada capaz de impressionar os sentidos ocorreu antes de ele acabar de ler a disposição de bens de Castel; o que se passou depois entra na categoria de factos que tiveram uma testemunha; que a testemunha minta, se engane ou diga a verdade, é questão que só poderá resolver-se por um estudo lógico do conjunto das suas declarações.

Nevers diz que ouviu uns queixumes abafados; que houve um momento em que os ouviu quase inconscientemente, e outro em que começou a notá-los; que esta sucessão, embora

distinta na sua mente, foi rápida. Quando ergueu os olhos, o governador estava na mesma posição que tinha quando entrou, mas com os braços estendidos para a frente, cambaleante. O que Nevers pensou primeiro foi que, inexplicavelmente, lhe dera tempo para mudar de postura e para vê-lo, e perguntou a si mesmo se o rosto do governador estaria tão arroxeado e tão lívido pelo horror de vê-lo na cela, perguntou isto a si mesmo confundindo com sonambulismo o estado de Castel e recordando a afirmação de que é perigoso despertar os sonâmbulos. Avançou para socorrer o governador, embora secretamente retido por uma imperdoável repugnância em tocá-lo (esta repugnância não estava relacionada com o aspecto do governador, somente com o seu estado, ou, melhor dizendo, com a espantosa ignorância em que se achava Nevers acerca do seu estado). Nesse momento detiveram-no uns gritos de Dreyfus, que pedia socorro. Nevers confessa que pensou: está acabando com o Cura, depois dirá que morreu, inexplicavelmente, diante dos seus olhos. Nesse brevíssimo lapso perguntou também a si mesmo se a atitude do governador se deveria a um conhecimento da situação do Cura, e como se produziria essa misteriosa comunicação entre os enfermos. A sua indecisão durou uns instantes; nesses instantes, o governador tombou; quando Nevers lhe perguntou o que lhe sucedia, já agonizava. Então bateram à porta; abriu-a: Dreyfus entrou atabalhoadamente e pediu-lhe que fosse ajudá-lo: o Cura contorcia-se e queixava-se como se estivesse a morrer, ele não sabia que fazer...; por fim calou-se, porque viu o cadáver do governador.

— Creia-me — gritou depois duma pausa, como se tivesse chegado a uma conclusão —,

creia-me — tornou a gritar, com patética alegria —, o pobre sabe, sabe o que se passa.

— Aqui não temos nada que fazer — disse Nevers agarrando Dreyfus pelos ombros e empurrando-o para fora; sabia quanto devia impressioná-lo a morte do governador. — Salvemos o Cura.

Então, ao sair Nevers empurrando um Dreyfus subitamente privado de vontade, ocorrera outro facto assombroso. Nevers afirma que umas mãos (ou que sentiu umas mãos), levemente, sem nenhuma força, lhe apertaram, por trás, o pescoço. Voltou-se. Na cela só estava o cadáver.

— Salvemos o Cura — gritou Dreyfus; pela primeira vez a esperança transpareceu no seu rosto.

Nevers não tinha pressa. Nem sequer pensava no Cura. Pensava na carta do governador; nas instruções que o governador devia deixar-lhe, mas que ele não tinha recebido. Deteve Dreyfus.

— O senhor Castel diz que me deixa a explicação de umas descobertas que fez. Aqui só tenho uma carta e uma disposição de bens.

— E a isso chamará explicação — replicou Dreyfus em tom de reproche. — Corramos em socorro do Cura.

— Vamos — anuiu Nevers. — Mas depois eu vou à ilha Real e ponho as coisas a claro com De Brinon.

Foi a vez de Dreyfus lhe pegar pelo braço e obrigá-lo a deter-se; falou-lhe com apaixonada convicção: — Não seja temerário.

Nevers obrigou-o a caminhar. Chegaram à cela do Cura.

— Veja — gritou Dreyfus. — Veja se não é verdade o que digo. Sabe o que se passou. Diz Nevers que, com efeito, o Cura parecia comovido: mal podia respirar e tinha os olhos que pareciam saídos das órbitas.

Nevers indicou a Dreyfus que não falasse; explicou em voz baixa:

— Sim, talvez saiba. Mas melhor é não lhe dizer, na dúvida. Gostava de levá-lo para o escritório.

— Para o escritório? — perguntou Dreyfus, perplexo. — Mas o senhor sabe... não se deve tirá-los das celas...

— Os outros não sairam das celas...

O rosto de Dreyfus voltou a exprimir a enigmática ironia.

— Já vejo — declarou, como se tivesse entendido. — Já vejo. O senhor pensa que estará mais protegido.

Nevers dirigiu-se ao Cura:

— Senhor Marsillac — disse distintamente —, desejo que nos acompanhe ao escritório.

O Cura pareceu ouvir, não essa frase inofensiva, algo terrífico. Estava desfigurado, tremia (lentamente).

— Vamos carregá-lo — ordenou Nevers. — Você pega-lhe por baixo dos braços; eu, nas pernas.

A tranquila decisão com que foram ditas estas palavras obrigou Dreyfus a obedecer. Mas quando pegaram no Cura, o próprio Nevers sentiu pavor. Balbuciou:

— Está morto.

Estava rígido. Dreyfus esclareceu:

— São assim.

Então Nevers reparou que o Cura se movia obstinadamente, lentamente.

O esforço que fazia o Cura para livrar-se deles começava a cansá-los. Dreyfus olhou em volta, como esperando encontrar alguém que o socorresse. Quando chegaram ao pátio, o Cura gritou:

— Afogo-me. Afogo-me.

Articulava lentamente, como se lentamente contasse as sílabas dum verso.

— Porque se afoga? — perguntou Nevers esquecendo que o Cura era surdo.

— Não me deixam nadar — respondeu o Cura.

Soltaram-no.

LI

Disse a Dreyfus:

— Vamos carregá-lo de novo.

O Cura parecia aterrado; soletrando, gritou:

— Monstros.

Carregaram-no. Debatia-se, rígido, quase imóvel. Repetiu:

— Monstros.

Nevers perguntou-lhe:

— Porque nos chama monstros?

— Afogo-me — gritou o Cura. — Afogo-me.

Soltaram-no. Tornou a empreender a sua lenta peregrinação direito à cela.

— Diga-me porque se afoga — perguntou Nevers.

O Cura não respondeu.

— Vamos levá-lo para o escritório — disse Nevers, com firme resolução.

Carregaram-no. Não era fácil levar esse corpo rígido. O Cura gritava:

— Afogo-me. Afogo-me.

— Não o solto se não me diz por que se afoga — replicou Nevers.

— As águas paradas — balbuciou o Cura.

Levaram-no até ao fundo do escritório, até à parede mais afastada do pátio. Em seguida o Cura começou a caminhar em direcção à

porta, lentamente. O espanto não abandonava o seu rosto.

Nevers estava distraído. Não se inquietou ao sentir na nuca a pressão de umas mãos débeis, como de fantasma. Tinha encontrado no escritório uma pasta com o título: **Explicação da minha experiência; instruções para Henrique Nevers.** Dentro havia umas notas soltas, que deviam ser o primeiro rascunho da explicação. Distraidamente viu que o Cura avançava, como uma estátua, em direcção à porta do pátio.

LII

«A menos que uma coisa possa simbolizar outra, a ciência e a vida quotidiana serão impossíveis.»

H. Almar, **Transmutações** (Tr. I, V, 7).

Nevers leu:

«1. — A vida e o mundo, como visão de um homem qualquer: Vivemos sobre pedras e barro, entre madeiras com folhas verdes, devorando fragmentos do universo que nos inclui, entre fogachos, entre fluidos, combinando ressonâncias, protegendo o passado e o porvir, dolorosos, térmicos, rituais, sonhando que sonhamos, irritados, cheirando, apalpando, entre pessoas, num insaciável jardim que a nossa queda abolirá.

«Visão da física: Uma opaca, uma interminável extensão de protões e de electrões, irradiando no vazio; ou talvez (fantasma de universo), o conjunto de irradiações duma matéria que não existe.

«Como numa criptografia, nas diferenças dos movimentos atómicos o homem interpreta: ali o sabor de uma gota de água do mar, ali o vento nas casuarinas, ali uma aspereza no metal polido, ali a fragância do trevo na hecatombe do Verão, aqui o teu rosto. Se houvesse uma mudança nos movimentos dos átomos esse lírio seria, quem sabe, o ímpeto da água que derruba a represa, ou uma manada de gi-

rafas, ou a glória do poente. Uma mudança no ajuste dos meus sentidos faria, quem sabe, dos quatro muros desta cela a sombra da macieira do primeiro horto.»

> **«Como sabes que o pássaro que cruza os ares não é um imenso mundo de voluptuosidade, vedado aos teus cinco sentido?»**
>
> William Blake

«2. — Admitimos o mundo como no-lo revelam os sentidos. Se fôssemos daltónicos ignorariamos alguma cor. Se tivessemos nascido cegos ignoraríamos as cores. Há cores ultravioletas, que não apercebemos. Há assobios que ouvem os cães, inaudíveis para o homem. Se os cães falassem, o seu idioma seria talvez pobre em indicações visuais, mas teria termos para denotar matizes de odores, que ignoramos. Um sentido especial adverte os peixes da mudança de pressões da água e da presença de rochas e outros obstáculos profundos, quando nadam na noite. Não entendemos a orientação das aves de arribação, nem que sentido atrai as borboletas lançadas de pontos distantes, numa vasta cidade, e que une o amor. Todas as espécies animais que o mundo encerra vivem em mundos distintos. Se olhamos através do microscópio a realidade muda: desaparece o mundo conhecido e este fragmento de matéria, que para o nosso olhar é uno e está tranquilo, é plural, move-se. Não pode afirmar-se que seja mais verdadeira uma imagem que a outra; ambas são interpretações de máquinas parecidas, diversamente graduadas. O nosso mundo é uma síntese que dão os sentidos, o microscópio dá outra. Se mudassem os sentidos, mudaria a imagem. Podemos descrever o mundo como um conjunto de símbolos capazes

de exprimir qualquer coisa; apenas alterada a graduação dos nossos sentidos, leremos outra palavra nesse alfabeto natural .

«3. — As células nervosas do homem são diversas, de acordo com a diversidade dos sentidos. Mas há animais que vêem, que cheiram, que palpam, que ouvem, por um só órgão. Tudo começa na evolução duma célula. **A noir, E blanc, I rouge**... não é uma afirmação absurda; é uma resposta improvisada. A correspondência entre os sons e as cores existe. A unidade essencial dos sentidos e das imagens, representações ou dados, existe, e é uma alquimia capaz de converter a dor em gozo e os muros da prisão em planície de liberdade.

«4. — **Os muros da prisão em planícies de liberdade:**

«Esta prisão onde escrevo, estas folhas de papel, apenas são prisão e folhas para uma determinada graduação sensorial (a do homem). Se mudo esta graduação, isto será um caos onde tudo, segundo certas regras, poderá imaginar-se, ou criar-se.

«Explicação:

«Vemos à distância um determinado rectângulo, e julgamos ver (e sabemos que é) uma torre cilíndrica. William James afirma que o mundo se nos apresenta como um fluxo indeterminado, uma espécie de corrente compacta, uma vasta inundação onde não há pessoas nem objectos, apenas confusamente, odores, cores, sons, contactos, dores, temperaturas... A essência da actividade mental consiste em cortar e separar aquilo que é um todo contínuo, e agrupá-lo, utilitariamente, em objectos, pessoas, animais, vegetais... Como literais sujeitos de James, os meus pacientes enfrentarão essa renovada mole, e nela terão que remodelar o mundo. Tornarão a dar significado ao conjunto de símbolos. A vida, as preferências, a minha

direcção conduzirão essa busca de objectos perdidos, dos objectos que eles mesmos inventaram no caos.

«5. — Se os pacientes, depois de transformados, enfrentassem livremente o mundo, a interpretação que dariam de cada objecto escaparia à minha previsão. Há talvez uma ordem no universo; há, certamente, uma ordem nas minhas operações... Mas ignoro se me sobra vida para investigar o critério de interpretação...

«Um ponto capital era, pois, enfrentar os pacientes com uma realidade que não abundasse em elementos. Enumere-se um quarto vulgar: cadeiras, mesas, camas, cortinas, tapetes, lâmpadas... Já a interpretação duma cadeira me pareceu um problema esgotante.

«Enquanto pensava nisto, comentei: seria um sarcasmo restituir-lhes a liberdade nas suas próprias celas. Logo me convenci que dera com a solução das minhas dificuldades. As celas são câmaras vazias e para os transformados podem ser os jardins da mais ilimitada liberdade.

«Pensei: para os pacientes as celas devem parecer lugares belos e apetecíveis. Não podem ser as casas natais, porque os meus homens não verão a infinidade de objectos que havia nelas, por idêntica razão, não podem ser uma grande cidade. Podem ser uma ilha. A fábula de Robinson é uma das primeiras práticas da ilusão humana e já **Os trabalhos e os dias** recolheram a tradição das Ilhas Afortunadas: tão antigas são no sonho dos homens.

«Logo, os meus problemas foram: preparar as celas de modo que os pacientes as percebessem e as vivessem como ilhas; preparar os pacientes de modo que exumassem uma ilha do tumultuoso conjunto de cores, de formas e de perspectivas, que seriam, para eles, as celas.

Nestas interpretações podia influir a vida de cada sujeito. Como eu faria em cada um mudanças idênticas, e como lhes apresentaria realidades iguais, para evitar desagradáveis surpresas nas interpretações, convinha-me escolher homens cujas vidas não fossem muito dissemelhantes. Mas são tantas as circunstâncias e as combinações, que procurar vidas não muito dissemelhantes será provavelmente uma pesquisa em vão; não obstante, o facto de todos os pacientes terem passado mais de dez anos, os últimos, na prisão comum, pareceu-me prometedor.

«Considerei, também, que se os dois ou três meses anteriores à operação, os dedicava a preparar, a educar os pacientes, o risco de interpretações inesperadas diminuiria. Despertei nos meus homens a esperança de liberdade, substitui-lhe a ânsia de voltar ao lar e à cidade pelo antigo sonho da ilha solitária. Como crianças, diariamente me pediam que lhes repetisse a descrição dessa ilha onde seriam felizes. Chegaram a imaginá-la vividamente, obcessivamente.»

Nota de Nevers: **Falei com Favre e com Deloge durante esse período preparatório. Ordenou-lhes sem dúvida que não falassem com ninguém para que mantivessem pura a obcessão, e para evitar, na gente de fora, conclusões desconfiadas e erróneas (como as minhas).**

«6. — Programa: operar no cérebro e ao longo dos nervos. Operar nos tecidos (epiderme, olho, etc.). Operar no sistema locomotor.

«Reduzi a velocidade dos seus movimentos; ficaram mais custosos. Ao percorrer a cela deviam fazer o esforço para percorrer uma ilha.»

Nota de Nevers: **Isto explica a rigidez do Cura, quando pegámos nele para o levar ao escritório.**

«Para os proteger dos ruídos, que poderiam transmitir uma realidade contraditória (a nossa), combinei a audição com o tacto. A pessoa ou o objecto produtor de som deve tocar no paciente para que este oiça.»

Nota de Nevers: **Por isso Castel não me ouvia; por isso às vezes ouviam Dreyfus, e às vezes não; por isso me ouviu o Cura quando o levavamos para o escritório.**

«Estas combinações de sentidos costumam produzir-se em estados patológicos e, até, em estados de saúde. As mais frequentes são as sínteses de sensações cromáticas (de novo: **A noir, E blanc**...) ou de sensações auditivas ou cromáticas com sensações gustativas.

«Modifiquei-lhes o sistema visual. Vêem como por óculos de longo alcance postos ao contrário. A superfície duma cela pode parecer-lhes uma pequena ilha.

«Para que desaparecessem (visualmente) as paredes das celas, era indispensável mudar nos meus homens o sistema dimensional. Copio um parágrafo do tratado da doutora Pelcari: «Há partes da membrana do olho especialmente sensíveis a cada cor; há células que analisam as cores; outras combinam as sensações cromáticas e as luminosas; os neurónios do centro da retina permitem apreciar o espaço; o sistema cromático e o sistema dimensional têm o seu ponto de partida no olho, em células idênticas na origem e depois diversificadas». Sobre este ponto de vista veja-se também Suárez de Mendoza, Marinesco, Douney. Resolvi o problema combinando as células cromáticas com as espaciais. Nos meus pacientes, as células sensíveis às cores têm percepção do espaço. As três cores essenciais deram as três dimensões. O azul a largura, o amarelo o comprimento, o vermelho a altura».

Nota de Nevers: **Um daltónico ficaria num mundo bidimensional? Um daltónico puro — que só vê uma cor —, num mundo unidimensional?**

«Uma parede vertical, pintada de azul e de amarelo, apareceria como uma praia; com ligeiros toques de vermelho, como um mar (o vermelho daria a altura das ondas).

«Com diversas combinações das três cores organizei, nas celas, a topografia das ilhas. Num segundo período preparatório, imediatamente posterior à operação, confrontei os pacientes com essas combinações. Eles nasciam, de novo, para o mundo. Tinham de aprender a interpretá-lo. Guiei-os para que vissem aqui uma colina, aqui um mar, aqui um curso de água, aqui uma praia, aqui umas rochas, aqui um bosque...

«Os meus pacientes perderam a faculdade de ver as cores como cores.

«Combinei a vista com o ouvido. Os outros homens ouvem, mais ou menos bem, através dum corpo sólido. Os transformados vêem através dum corpo sólido e opaco. Com isto aperfeiçoei a abolição dos limites da cela.

«A primeira das minhas operações determinou uma imprevista associação de nervos tácteis, visuais e auditivos; em consequência, o paciente pode tocar à distância (como ouvimos à distância e através de sólidos; como vemos à distância através de sólidos transparentes).

«Por falta de tempo para comparar e escolher não introduzi mudanças nas minhas operações; repeti sempre a primeira: todos os meus pacientes gozam dessa faculdade, talvez benéfica, de tocar à distância.»

«Notas de Nevers: **1) Isto explica as ténues pressões, como de mãos leves, na minha nuca. 2) Ao tocar através duma parede, sentem-na**

dolorosamente, ou como nós sentimos um gás ou um líquido, ou não a sentem? Se bem que para ouvir requeiram a excitação dos centros tácteis, suponho que, de certo modo, estão anestesiados; se não estivessem, a vista e o tacto dar-lhes-iam informações contraditórias.

«7. — Visão panorâmica do homem que está na ilha, ou cela, central: orlando a ilha, as praias (franja amarela e azul, quase totalmente desprovida de vermelho); depois os braços de mar (as paredes); depois, as outras ilhas, com o seu habitante e suas praias; depois, até ao horizonte, ilhas rodeadas por braços de mar (as anteriores, reflectidas nos espelhos das paredes periféricas).

«Visão dos habitantes das ilhas periféricas: por três lados vêem as outras ilhas; pelos espelhos, a sua própria ilha, as outras e as que refletem os espelhos das outras.»

Nota de Nevers: **O chão do pátio está pintado como as paredes da cela central. Isto explica o medo de afogar-se, expresso pelo Cura. Castel cercou as ilhas com este mar aparente, para que os transformados não empreendessem viagens a regiões de imprevisível interpretação Os espelhos das celas periféricas propõem imagens conhecidas, que afastam os inimagináveis fundos do pátio.**

«8. — Outra possibilidade: Mudar as emoções (como as mudam os tónicos ou o ópio). O mundo obtido ter-se-ia parecido com a bebedeira, o céu ou o amor: intensidades incompatíveis com a inteligência.

«Outra (para curar dementes): mudar-lhes a percepção da realidade, de modo que se ajuste à sua loucura.

«Outra (para investigadores futuros): Em homens cuja personalidade e memória são horríveis, transformar, não meramente a percepção do mundo, mas também a do eu; obter por mudanças nos sentidos e por uma adequada preparação psicológica, a interrupção do ser e o nascimento dum novo indivíduo no anterior. Mas, como o desejo de imortalidade é, quase sempre, de imortalidade pessoal, não tentei a experiência.

(Aqui interrompem-se as notas de Castel).

NOTAS DE NEVERS:

Suspeito que para evitar interpretações imprevisíveis, Castel resolveu alimentar, lavar, falar com os transformados só enquanto dormiam (cumprir ordens e até sustentar pequenos diálogos sem despertar é um hábito fácil, expontâneo em muitos adultos e em quase todas as crianças).

Alteração das horas de vigília e de sono: Convinha que as celas não tivessem tecto; convinha que a luz diurna atingisse os transformados. A interpretação do céu teria sido um problema árduo. A mudança de horários aplana estas dificuldades.

Os animais da ilha do Diabo: Recordo o cavalo velho que Favre supunha louco. Não reconhecia o pasto. Sem dúvida que foi um dos primeiros transformados de Castel; os animais que tinha Castel na ilha do Diabo — todos loucos, segundo Favre — serviram sem dúvida para experiências.

Transformação de Castel. Sem dificuldade de maior terá visto as celas como ilhas e as manchas como praias, mares ou colinas: durante meses pensou umas como representações das outras (quando concebeu a pintura das celas; quando a executou; quando preparou os transformados).

Na minha opinião, o governador estava ciente de participar do sonho das ilhas, que infundiu

nos outros; mas da perda para sempre da nossa visão da realidade, teve medo; em dado momento teve medo. Por isso repetia as letras e queria desenhá-las; por isso procurava lembrar-se que a lança (um papel amarelo; isto é, uma mancha amarela; isto é, um comprimento) era, também, um papel; lembrar-se que a medalha (um lápis azul; isto é, uma mancha azul; isto é, uma largura) era, também, um lápis; lembrar-se que as temíveis águas paradas que o rodeavam eram também cimento.

Quanto à sua enigmática asserção de que já não sentiria dores, que apenas ouviria, para sempre, o princípio do primeiro andamento da «Sinfonia em mi menor», de Brahms, só vejo uma explicação possível: que o governador conseguira, ou tentara, transmutar as sensações da sua dor em sensações auditivas. Mas como nenhuma dor se apresenta sempre da mesma forma, nunca saberemos que música está ouvindo Castel.

Como se vêem, uns aos outros, os transformados? Talvez como enredadas e móveis perspectivas, sem nenhuma semelhança com a forma humana; mais provavelmente, como homens (ao olhar para os seus próprios corpos encontram as mesmas perspectivas que vêem nos demais; não é impossível que essas perspectivas tomem, para eles, a forma humana — como as outras tomaram a forma de ilhas, de colinas, de mares, de praias —; mas também não é impossível que as perspectivas — vistas, meramente, como tais — sejam a única imagem humana que eles agora conhecem).

O Cura não viu homens; viu monstros. Achou-se numa ilha, e ele, numa ilha, no Pacífico, tinha tido a sua mais ardente experiência, o sonho horrendo que era a chave da sua alma: na loucura do sol, da fome e da sede, vira as gaivotas que o acossavam e aos seus companheiros de agonia, como um só monstro, ramificado e fragmentário.

Isto explica o quadro vivo, o lentíssimo ballet, as posturas relativas dos transformados. Viam-se através das paredes. O Cura espiava-os. Nestas Ilhas Afortunadas o Cura encontrara a sua ilha de náufrago, empreendera o seu delírio central, a caça aos monstros.

Tocavam-se à distância e através das paredes. O Cura estrangulou-os. Viram-se cingidos pelas mãos do Cura e, por associações de ideias, sofreram o estrangulamento. Toda a fantasia será real para quem nela acredita.

Na minha nuca a pressão das suas mãos foi suave. Os meus movimentos eram rápidos para ele; não lhe dei tempo...

Até em Dreyfus e em mim (que não estavamos pintados) viu monstros. Se se tivesse visto a si mesmo, talvez não tivesse interpretado como monstros os demais; Mas era presbita, e sem óculos não via o seu próprio corpo.

Porque repetia Castel os monstros somos homens? Porque o repetira ao Cura procurando convencê-lo? Ou porque ele mesmo temera, quando estivesse no seu arquipélago, ver-se rodeado de monstros?

De Julien, um dos «enfermos» da ilha do Diabo, não achei rasto. Como todas as descobertas, a invenção de Castel exige, exigirá vítimas. Não importa. Nem sequer importa onde se chegue. Importa o exaltado, o tranquilo, e alegre, trabalho da inteligência.

Amanhece. Ouvi, creio, um disparo. Vou subir. Depois volto...

Estas linhas são as últimas que escreveu Nevers.

LIII

Fragmentos duma carta do tenente de marinha Xavier Brissac, datada de 3 de Maio, nas ilhas da Salvação.

Pierre enganou Irene, acusa-me do roubo dos documentos, calunia-me... Creio lembrar-me que a mesma acusação motivou o exílio de Henrique. Não obstante, Pierre ordenara o meu regresso. Não ignora que as cópias da correspondência de Henrique cairam nas minhas mãos.

Alegra-me que a valentia demonstrada por Henrique durante a revolta tenha sido premiada com esta condecoração póstuma. Mereceu-a, rigorosamente, pela influência da nossa família e pelo informe que te mandou Bordenave, aliás Dreyfus.

Por agora não falarei da sua eventual responsabilidade na conjura dos condenados. Asseguro-te, todavia, que a investigação prossegue. As chaves do depósito de armas estavam em seu poder; os rebeldes não forçaram a porta para entrar...

Sobre Henrique temos, ainda, notícias contraditórias. Alguns condenados declaram que foi assassinado por Marsillac, aliás o Cura; ou-

tros, capturados nas Guianas, que fugiu num bote, a pretexto de perseguir De Brinon. Devo reconhecer que num tal Bernheim, um presidiário, encontrei o mais decidido e útil dos informadores.

Envio-te alguns objectos que pertenceram a Henrique. Entre eles, uma sereia de ouro, milagrosamente salva da cobiça dos presidiários.

Os últimos acontecimentos afectaram Bordenave. Às vezes pergunto a mim mesmo (lembrando-me da idiotice do secretário), se Castel não o terá «transformado»... Em todo o caso, o homem parece-me perfeitamente normal... Inspiro-lhe ódio e pavor. Compreendo que estes sentimentos se devem a um desiquilíbrio de Bordenave; que a minha parte neles é mínima. Vejo-os, não obstante, como sinais duma adversa providência.

Sei que te remeteu um sobrescrito com a última carta de Henrique. Sei-o por informes dos presidiários. Não julgues que ele me consultou...

Agora desapareceu. Ordenei que o prendam: é um delinquente perigoso. Além do mais ouço rumores de que a sua intenção é denunciar-me, declarar que matei Henrique. Penso com compaixão que essa absurda mentira poderá chegar a Saint-Martin, e ser utilizada por Pierre para torturar a minha idolatrada Irene, para lhe censurar a sua paixão por mim...

Etcetera.

NOTAS AO TEXTO E À TRADUÇÃO (*)

p. 10 **qualquer coisa é símbolo de qualquer coisa**

p. 11 **Auburn**
Cidade dos Estados Unidos, onde existe um cárcere que foi bastante célebre. (ABC)

p. 12 **O velho debilíssimo, com planos para fazer ir pelos ares a Ópera Cómica**

p. 16 **Cawley na noite astrológica do lago Neagh**
Parece-me recordar que Cawley foi um astrólogo que teria visto nesse lago um monstro similar ao de Ness. (ABC)

O pele vermelha do lago das Forquilhas
O lago fica nos Andes, entre a Argentina e o Chile (mais ou menos). Pareceu-me verosímil que, da longínqua Europa, o narrador se equivocasse e situasse ali um pele vermelha (mais conhecido e prestigioso que o araucano). (ABC)

p. 26 **Nicolas Baudin**
Navegador nascido na ilha de Ré, pátria do protagonista da novela e de sua família. (ABC)

p. 29 **Bion, Mosco**
Autores bucólicos gregos. (ABC)

(*) As notas que o autor amavelmente dispôs para esta edição, a pedido do tradutor, vão assinaladas (ABC). As restantes são notas do próprio tradutor.

p. 30 Le **Mystère de la Chambre Jaune**
Romance policial de Gaston Leroux (1868-1927), publicado em 1907; já aí surtia brilhante efeito a transcrição de certos trechos em itálico como

p. 39 **Novus Ovídio**
Autor inventado. (ABC)

p. 43 Cara, basta que um pouco tu mudes,
E de novo tudo me desespera.
Receio constante — oh esta espera!
De uma qualquer vossa fuga atroz.

p. 50 **Le presbytère n'a rien perdu de son charme ni le jardin de son éclat** frase que condensa poeticamente todo o enigma da intriga. Ela reaparece num dos manifestos de André Breton e durante a Segunda Guerra Mundial como frase de código nas emissoras da Radio France Libre. A primeira edição de **Plan d'Evasion** é de 1945.

p. 53 **O castigo é o direito do delinquente**
Sempre atribuí a Hegel este pensamento, digno de um verdugo. (ABC)

p. 59 **Batalha entre os figurantes do Casino de Tours**
Os factos nunca ocorreram. Trata-se do que alguns chamam suposição da realidade e talvez fosse mais justo dizer invenção do passado. (ABC)

p. 62 **Envenenamento com folhas de sardónia**
Segundo a tradição, a vítima morria sorrindo. (ABC)

p. 74 Em torno às ilhas os peixes voadores
a saltar, reluzindo do sal do mar:
Ah!, que das lembranças do tempo idas
Só do tempo que as viu fica o travo amargo.
René Ghil (1862-1925), poeta simbolista **francês que «muito deve» ao «soneto das vogais»** de Rimbaud, do qual prolonga as intuições» (Van Tiegham).

p. 84 Já em **Le Mystère de la Chambre Jaune**, no cap. XIV, se refere um personagem presbita, como aqui o Cura, o recurso a um binóculo de presbita.

p. 84 **Talvez Castel fosse uma espécie de Dr. Moreau**
Alusão ao romance **A Ilha do Dr. Moreau**, de H. G. Wells, um dos autores preferidos de ABC.

p. 114 Alusão ao poema «Correspondances» de Baudelaire.

p. 133 Alusão a um «dancig» de Bruxelas chamado «L'Enfer».

p. 138 **Per aes et libram**
Forma de compra ou de venda entre os romanos, que consistia numa apropriação simbólica e pesagem simples do preço; diante do **libripens** e cinco testemunhas, o comprador batia com o ás (moeda romana) na balança e entregava-o depois ao vendedor, declarando que o objecto ou pessoa em questão era propriedade sua.

p. 152 **... os símbolos (que eram a única forma de que dispunham os homens para abordar a reaidade)**

p. 164 **R. P. A.**
Rationalistic Press Association. Sociedade inglesa de racionalistas. A sua menção é uma espécie de partida ao leitor, que dificilmente poderá identificá-la. Pertenci a essa sociedade, junto com gente ilustre, como Wells e Russell. Suspeito que já não existe. (ABC)

p. 175 **H. Almar**
Homenagem secreta a um desaparecido hotel por alturas da cidade de Mar del Plata. (ABC)

p. 177 **A temporada no Inferno**
O tema central da novela é que uma coisa possa representar outra. Ou seja, os símbolos. Para preparar a mente do leitor, ou para adian-

tar-lhe uma pista, emprega-se a expressão, na esperança de que evoque Rimbaud e, daí, o soneto das vogais. (ABC)

p. 178 **Os Trabalhos e os Dias**
O livro de Hesíodo. (ABC)

Na senda de Bioy, traduzimos «Une Saison...» por «Uma Temporada...», que preferimos a «Uma Época...» (trad. M. Cesariny de Vasconcelos, Portugália Editora, 1960). Interessante relacionar o que aí se diz (p. 111) sobre o significado de **saison** com o facto supra relativo a «L'Enfer».

Os nomes dos barcos.
Terei tido as minhas razões para escolher esses nomes, mas já não as recordo. (ABC)

Bellerophon
Navio inglês que conduziu Napoleão para o exílio definitivo na ilha de Santa Helena.

Schelcher
Victor Schoelcher (1804-93); foi governador da Guiana e distinguiu-se pela sua luta em prol da libertação dos escravos negros; é dele esta frase tão saudavelmente pessimista: «os libertadores de ontem serão os verdugos de amanhã».

Sobre Adolfo Bioy Casares (em francês):

— Recensões de Hector Bianciotti — e sobretudo uma entrevista pelo mesmo (n.º 106, 16-30 Nov. 1970) em **La Quinzaine Littéraire**.

— Artigo de Alain Robbe-Grillet — sobre «A Invenção de Morel» — no n.º 69, de Fev. 1953, da revista **Critique**.

— «Se procurarmos aplicar essa experiência do símbolo à literatura, apercebemo-nos, não sem surpresa, que ela afecta unicamente o leitor, cuja atitude transforma. [...] Este dispõe-se assim a aderir à obra através duma paixão que atinge por vezes iluminação, ou, quase sempre, se esgota em traduções subtis, por se tratar dum leitor especializado, grato por poder abrigar a sua pequena luz no seio duma nova profundidade. São dois ilustres modos de ler cuja origem é de há muitos séculos: basta citar o exemplo em que um deles

conduziu aos ricos comentários do Talmud e o outro às experiências extáticas do cabalismo profético, ligadas à contemplação e à manipulação das letras.»

Esta citação de Blanchot é extraída de «O Segredo do Golem», a propósito de «A Invenção de Morel», que constitui o cap. VII de **Le Livre à venir.** Aliás é sempre de um livro **por vir** que se trata...

LIVRO B

PUBLICADOS:

1. O ARRANCA CORAÇÕES/BORIS VIAN
2. O ELEFANTE/MROZECK
3. DO ASSASSÍNIO COMO UMA DAS BELAS-ARTES/THOMAS DE QUINCEY
4. A CASA DOS MIL ANDARES/JAN WEISS
5. FÁBULAS FANTÁSTICAS/AMBROSE BIERCE
6. MANUSCRITO ENCONTRADO EM SARAGOÇA/YAN POTOCKI
7. ALICE DO OUTRO LADO DO ESPELHO/LEWIS CARROLL
8. OS CONTOS CRUÉIS/VILLIERS DE L'ISLE-ADAM
9. A EMBRUXADA/BARBEY D'AUREVILLY
10. PARAÍSOS ARTIFICIAIS/CHARLES BAUDELAIRE
11. AS AVENTURAS DE GORDON PYM/EDGAR ALLAN POE
12. FRANKENSTEIN/MARY SHELLEY
13. SMARRA, OU OS DEMÓNIOS DA NOITE/CHARLES NODIER
14. O JARDIM DOS SUPLÍCIOS/OCTAVE MIRBEAU
15. AS FILHAS DO FOGO/GÉRARD DE NERVAL
16. O FANTASMA DOS CANTERVILLE/OSCAR WILDE
17. OS DEMÓNIOS DE RANDOLPH CARTER/H. P. LOVECRAFT
18. O CAPITÃO CAP/ALPHONSE ALLAIS
19. O ELIXIR DA LONGA VIDA/H. DE BALZAC
20. AVATAR/GAUTHIER
21. HISTÓRIAS DE VAMPIROS
22. AFORISMOS/LICHTENBERG
23. CONTOS FANTÁSTICOS/ERNST HOFFMANN
24. DICIONÁRIO DAS IDEIAS FEITAS/G. FLAUBERT
25. O OUTRO MUNDO OU OS ESTADOS E IMPÉRIOS DA LUA/ /CYRANO DE BERGERAC
26. O COCHEIRO DA MORTE/SELMA LAGERLÖF
27. O REI DA MÁSCARA DE OURO/MARCEL SCHWOB
28. O CAVALEIRO DAS TREVAS/PAUL FÉVAL
29. SHE/H. RIDER HAGGARD
30. O HORLA E OUTROS CONTOS FANTÁSTICOS/GUY DE MAUPASSANT
31. O LOBISOMEM/ALEXANDRE DUMAS
32. O ALTAR DOS MORTOS/HENRY JAMES
33. O CASTELO DE OTRANTO/HORACE WALPONE
34. VATEK/WILLIAM BECKFORD
35. O ITALIANO/ANN RADCLIFFE
36. CONTOS DA CHUVA E DA LUA/UEDA AKINARI
37. PLANO DE EVASÃO/ADOLFO BIOY CASARES

Título: *Plano de Evasão*
Autor: Adolfo Bioy Casares
Editor: Editorial Estampa, Lda.
Tiragem: 3200 ex.
Acabou de imprimir em: 2 de Abril de 1980
Oficinas: Guide - Artes Gráficas, Lda.
LISBOA — PORTUGAL